

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO**

**LUTIANA DE CÁSSIA GOTTFRIED MOTT**

**AUTOPERCEPÇÃO HOMOSSEXUAL E ENVELHECIMENTO HUMANO**

**Passo Fundo  
2013**

**LUTIANA DE CÁSSIA GOTTFRIED MOTT**

**AUTOPERCEPÇÃO HOMOSSEXUAL E ENVELHECIMENTO HUMANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Astor Antônio Diehl

**Passo Fundo  
2013**

CIP – Catalogação na Publicação

---

M921a Mott, Lutiana de Cássia Gottfried  
Autopercepção homossexual e envelhecimento humano /  
Lutiana de Cássia Gottfried Mott. – 2013.  
99 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) –  
Universidade de Passo Fundo, 2013.  
Orientador: Prof. Dr. Astor Antônio Diehl.

1. Envelhecimento humano. 2. Homossexualidade - Idosos. 3.  
Homoafetividade. 4. Idosos. I. Diehl, Astor Antônio, orientador. II.  
Título.

CDU: 613.98

---

Catalogação: Bibliotecária Fernanda Spíndola - CRB 10/2122

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação:

“Autopercepção Homossexual e Envelhecimento Humano”

Elaborada por


LUTIANA DE CÁSSIA GOTTFRIED MOTT

Como requisito parcial para a obtenção do grau de  
“Mestre em Envelhecimento Humano”

Aprovada em: 27/09/2013  
Pela Banca Examinadora

  
Prof. Dr. Astor Antônio Dietl  
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

  
Prof. Dr. Nadir Antônio Pichler  
Universidade de Passo Fundo – UPF/ppgEH

  
Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias  
Universidade de Passo Fundo – UPF/IFCH

## DEDICATÓRIA

O mestrado constitui numa construção diária de empenho, saberes, dedicação e muita compreensão daquelas pessoas que fazem parte da nossa vida e dividiram muitos momentos dessa construção, abrindo mão da nossa companhia, dando força e sendo muito continente aos nossos momentos de mal humor.

Dedico esse trabalho a minha família, pai, José Mott, mãe, Maria Mott e manas, Angélica e Franciele Mott, que estiveram sempre ao meu lado, mas principalmente a minha mãe, que foi quem lançou a primeira semente desse estudo e sempre me estimulou para fazer um mestrado.

## **AGRADECIMENTOS**

Em um trabalho como esse que demanda bastante tempo de preparação, execução até a sua apresentação final, muitas pessoas passam por ele, umas de forma superficial e muitas com grande envolvimento, a elas, meu profundo agradecimento.

Agradeço aos meus professores e colaboradores da UPF, em especial o meu orientador Prof. Dr. Astor Dihel, que com maestria souberam passar os seus saberes e só assim tive plenas condições desse momento de hoje. De forma especial não podia deixar de lembrar e prestar essa homenagem póstuma ao meu querido ex, Coorientador, professor, Dr. Péricles Saremba Vieira.

A todos os entrevistados que atenderam prontamente a participar, por entender a profundidade que as suas contribuições poderiam gerar ao estudo e a sociedade.

É digna de agradecimento também a chefia do meu emprego que soube compreender os meus dois anos de viagens durante a semana para que pudesse estar presente nas aulas e compensar minhas horas ausentes de forma mais flexível, juntamente com os amigos Charles, Tânia e Jucir Tonet, pessoas que me apoiaram dès do início dessa construção.

E por último, mas não menos importante, bem pelo contrário, agradeço a Deus por ter me propiciado condições para continuar meus estudos.

Inúmeras outras pessoas fizeram parte dessa construção desde o início e sem citar nomes tenho certeza que elas sabem o quanto foram importantes para que eu chegasse onde estou hoje, meus sinceros agradecimentos a elas também.

“Assim eu vejo a vida;  
A vida tem duas faces:  
Positiva e negativa  
O passado foi duro  
Mas deixou o seu legado  
Saber viver é a grande sabedoria.”

(CORALINA, 2004)

## RESUMO

Mott, Lutiana de Cássia Gottfried. **Autopercepção homossexual e envelhecimento humano**. 2013. 99 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013.

A presente pesquisa buscará entendimento quanto à autopercepção homossexual do gênero masculino, frente ao envelhecimento humano. Os sujeitos da pesquisa possuem entre 40 a 50 anos de idade. Entende-se que não é uma tarefa fácil, ainda mais quando o assunto é envelhecimento, mas acreditando na importância do tema por isso, o interesse quanto à percepção que os homossexuais possuem diante do processo da própria velhice, gerando questionamentos quanto à aceitação da mesma. Em que momentos da vida surgem maiores dificuldades e o que consideram importante nesse momento para uma melhor qualidade de vida? Para isso, serão abordadas variáveis culturais, étnicas, sociais, biológicas, psicológicas, econômicas, religiosas, entre outras. Para termos uma idéia melhor destes universos, pretende-se trabalhar com relatos de histórias de vida, dando condições para um melhor panorama e entendimento da autopercepção do processo de envelhecimento, de acordo com a orientação homossexual. O tipo de pesquisa é exploratória fenomenológica de avaliação de resultados, com procedimentos técnicos, abordagem qualitativa e questionário estruturado de caráter qualitativo de múltipla escolha, seguido de análise das falas com base na história oral de vida dos sujeitos.

**Palavras-chave:** 1. Envelhecimento humano. 2. Homossexualidade e envelhecimento. 3. Família. 4. Homoafetividade.



## ABSTRACT

Mott, Lutiana de Cássia Gottfried. **Autopercepção homossexual e envelhecimento humano**. 2013. 99 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013.

This research will seek to understand how the perception of gay males, compared to human aging. The subjects have age between 40-50 years old. It is understood that it is not an easy task, especially when it comes to aging, but believing in the importance of the subject so interest regarding the perception that homosexuals have on the aging process itself, raising questions regarding the acceptance of same. In moments of life that the greatest difficulties arise and what they value this time for a better quality of life? To this will be addressed cultural variables, ethnic, social, biological, psychological, economic, religious, among others. To get a better idea of these universes, we intend to work with accounts of life stories, giving conditions for a better overview and understanding of the perception of the aging process, according to homosexual orientation. The type of research is exploratory phenomenological assessment results, technical procedures, qualitative approach and a structured questionnaire qualitative multiple choice, followed by analysis of discourse based on the oral history of life of individuals.

**Keywords:** 1. Human aging. 2. Homosexuality and aging. 3. Family. 4. Homo Affectivity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relações Familiares .....	36
Figura 2 - Possui plano de aposentadoria?.....	39
Figura 3 - O que mais valoriza no relacionamento? .....	58
Figura 4 - Importância da família .....	60
Figura 5 - Vida social.....	61
Figura 6 - Convívio social .....	62
Figura 7 - Você prefere uma vida conjugal ou de solteiro?.....	65
Figura 8 - Tempo de relacionamento .....	66
Figura 9 - Você tem ou teria filhos? .....	70
Figura 10 - Novas configurações familiares.....	76

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Aays, Bissexuais, Aravestis e Transexuais.
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CX	Cidade de Caxias do Sul – Rio Grande do Sul
GLBT	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional Seguridade Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais
LGBTTIS	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Intersexuais e Simpatizantes, sendo que o “S” de Simpatizantes
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PLC	Projeto de Lei Complementar
POA	Cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul
PR- PE	Partido da República de Pernambuco
PSC- SP	Partido Social Cristão de São Paulo
PSDB- GO	Partido da Social Democracia Brasileira de Goiás
PUC	Pontifícia Universidade Católica
STF	Supremo Tribunal Federal
UPF	Universidade de Passo Fundo

---

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>16</b>
1.1 Delineamentos do estudo.....	17
1.2 Cenários do estudo .....	17
1.3 População de Estudo e Procedimento Amostral.....	18
1.4 Coleta de dados.....	20
1.5 Análise e interpretação de dados.....	20
1.6 Aspectos Éticos .....	21
<b>2 PROCESSO DE ENVELHECIMENTO .....</b>	<b>22</b>
2.1 A visão histórica do envelhecimento na antiguidade.....	23
2.2 Considerações atuais sobre o envelhecimento .....	27
2.3 O envelhecimento e a questão social .....	30
2.4 Corpo, sexualidade e a morte na velhice .....	32
2.5 A importância da família na velhice .....	35
<b>3 BREVE HISTÓRICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE.....</b>	<b>43</b>
3.1 A Formação da Identidade na Adolescência.....	52
3.2 O envelhecimento e a homossexualidade.....	55
3.3 A Família .....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Informado .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE B - Instrumento de coleta de dados.....</b>	<b>90</b>
<b>APÊNDICE C - Tabela de compilação .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO B - Novas formações familiares Brasileiras .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO C - Famílias estampadas .....</b>	<b>99</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa tem a finalidade de produzir uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Envelhecimento Humano, na linha de pesquisa da Universidade de Passo Fundo com vistas de ampliação do conhecimento sobre a autopercepção do processo de envelhecimento humano do indivíduo de orientação sexual homossexual.

Acredita-se na relevante contribuição científica dessa pesquisa para a realidade brasileira e para os estudos em envelhecimento humano, pois além de ser uma área ainda pouco estudada, o tema em questão não é somente relevante para os homossexuais, mas sim de importância a toda uma sociedade que a cada dia se abre mais as diversidades.

Culturalmente, ainda olhamos para os homossexuais como um grupo de pessoas diferentes, por vezes deixando prevalecer o preconceito, embora se percebam avanços nos últimos anos, o que denota maior aceitação sócio-cultural.

Propomos nesse estudo pesquisar a autopercepção de homossexuais em relação ao envelhecimento humano, podendo assim constatar no que, e se, realmente possuem percepções diferentes entre si e o quanto essas pessoas se identificam com este processo natural da vida humana.

Uma das questões a se considerar é que os homossexuais masculinos tendem a não ter descendentes biológicos ou “naturais”. Exceções, claro, a parte de barriga de aluguel com inseminação, ou pessoas que antes de assumirem a sua homossexualidade foram casadas com mulheres e tiveram filhos com elas. E essa questão seria relevante no processo de envelhecimento?

Pensa-se também na devida projeção do impacto que o indivíduo homossexual terá na sua vida futura já que o envelhecer traz consigo inúmeras questões naturais de mudanças físicas como rugas, cabelos brancos, problemas de visão, audição entre outros.

Acredita-se que a presente pesquisa traz como abordagem um assunto bastante atual, tanto pelo viés do envelhecimento quanto da homossexualidade. Temas muito falados e

conhecidos, mas normalmente abordados separadamente e aqui a intenção é unir e buscar maiores reflexões sobre o tema ainda pouco estudado e que está em ascensão.

De acordo com o censo IBGE (2010), pode-se considerar que a parcela de idosos que temos no mundo só tende a aumentar gradativamente, levando em conta a melhoria da qualidade de vida, o que resulta num processo mais saudável, além dos avanços da medicina, que permitem elevar a expectativa de vida nas sociedades contemporâneas. Esse pensamento não difere ao falarmos de algum tipo de gênero ou orientação sexual.

Durante o tempo de busca e reflexão sobre o tema que seria abordado pela pesquisadora para desenvolver a sua pesquisa, a mesma permeou várias esferas. Buscou diálogo com ex. professores, grupos de convivência que frequentava, conversou com amigos de várias idades, raças, religião, classe social, orientação sexual, diversidade cultural dentre outros.

Muitas ideias surgiram e temas foram cogitados, porém, um falou mais alto. Pois sempre que seus amigos e conhecidos homossexuais lhe perguntavam o que estava estudando, lhes era respondido que se tratava de um mestrado sobre envelhecimento humano com muita naturalidade. Mas essa naturalidade não era a mesma recebida por eles. Podemos dizer que a recepção era em forma de aversão, espanto e afastamento do tema. Com interjeições frequentes do tipo, “credo, Deus me livre, não quero nem pensar nisso”, comentários sobre o desejo de não querer envelhecer e ser esse um assunto que poucos querem falar.

Diante disso o tema começa a entrar no amplitude da curiosidade e a busca por materiais se torna frequente. O interesse foi crescendo e a interação com o tema se tornou diária, com isso pensamos em explorar mais, já que o assunto ainda é bastante carente de estudo.

Com o teste piloto também se constatou que os homossexuais têm uma grande pré-disposição para viver o momento presente, e pensando pouco no seu futuro. Será que isso resultaria em um precário planejamento do seu futuro? Pensamos que isso ocorre, pois normalmente são mais solitários, poucos constituem família, assim não tendo que pensar no sustento familiar, em destinar um valor ao sustento dos filhos. Distanciando uma necessidade em se preparar para condições futuras e focando no seu presente, porém isso ainda são somente hipóteses a serem averiguadas com a pesquisa.

Se pensarmos na população heterossexual, normalmente há uma etapa da vida em que se encaminham para uma união estável entre homem e mulher, gerando a natural procriação da espécie, planejada ou não. Com este fato consumado, torna-se necessário, agora

sim, um efetivo planejamento de favoráveis condições para o desenvolvimento desta criança, seja ele financeiro, psicológico, social, e educacional.

Com o passar dos anos, os adultos se deparam com o processo de envelhecimento de seus descendentes, assim como os de seus amigos, parentes, vizinhos, gerando um enfrentamento do envelhecimento de forma subjetiva no espelhamento dos anos passados de sua vida com a idade de seus filhos. Com o passar do tempo, essa disparidade de idade inicial vai diminuindo, ao ponto de chegar o momento do encontro de dois seres adultos para quem se assinala a ideia de finitude.

Segundo Bauman (1999), as preocupações com longevidade e imortalidade são sintomas do medo primordial da morte como manifestações do espírito da época e que servem à mercadorização deste medo.

Pensamos que o heterossexual possui, por uma questão social mais presente, a ideia de futuro, planejamento, continuidade da espécie e envelhecimento, visto que as condições para isso lhe são mais favoráveis.

Em relação ao homossexual masculino, fisiologicamente somente a mulher pode engravidar, gerando o primeiro empecilho para a perpetuação da espécie. Embora, nos dias atuais, se apresente uma condição de maior abertura. O processo de adoção por parte de uma das pessoas do casal homossexual ainda faz parte da minoria dos que possuem esta orientação. Vivemos uma época em que a ideia de relacionamento estável também está se difundindo e recebendo uma aceitação maior por parte da sociedade, o que ganha efetiva força com a permissão e legalização da relação homoafetiva, reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em cinco de maio de 2011 e também da determinação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que em quatorze de maio de 2013 aprovou uma resolução dizendo que os cartórios civis do país estarão "obrigados" a transformar a união estável entre duas pessoas do mesmo sexo, legal desde 2011 no país, em um casamento se assim solicitado, e não poderão se negar a casar homossexuais (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2012).

Na prática, trata-se da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo em todo o território brasileiro, mas que ainda pode ser recorrida no STF.

Sendo esta uma questão extremamente recente, ainda desconhecemos o impacto que a mesma irá gerar. Mesmo havendo *gays* com relações duradouras, estas, geralmente foram veladas aos olhos da sociedade e distantes das relações familiares estabelecendo uma vida mais solitária, gerando uma provável influencia negativa na sua perspectiva de futuro, uma vez que há a redução das chances de procriação, descendência, e consequentemente de

planejamento familiar. Ao pensar no amanhã, propomos a reflexão sobre como será esse futuro - saudável, ativo, feliz e com qualidade? De que forma me dou conta desse processo?

Acredita-se que esse estudo venha gerar inúmeros questionamentos sobre o assunto ainda tão pouco abordado. Pretendemos contribuir para um processo de envelhecimento saudável tanto quanto dos homens homossexuais, como a possibilidade da criação de políticas públicas específicas, de mecanismos de prevenção e técnicas terapêuticas voltadas para essa parcela da população, com direitos iguais e perspectivas que levem um envelhecimento com qualidade de vida.

Deste modo, estabelecemos sua viabilidade a partir do momento em que a sociedade pede maior entendimento sobre o envelhecimento humano de forma geral, além de estar em pleno processo de entendimento e aceitação das diferenças, em um caminho de estruturação de novos conceitos em relação a esses temas.

Como um objetivo geral busca-se compreender o discurso do sujeito com relação à autopercepção dos homossexuais do gênero masculino de 40 a 50 anos, vinculando-os ao processo de envelhecimento humano e buscando contribuir para um processo de qualidade de vida.

Dentre essa ampla questão, também se tem o objetivo de buscar entender como se dá a inclusão social dos homossexuais no processo de envelhecimento humano e estar atento as suas particularidades se elas forem percebidas.

Pretende-se propiciar discussões sobre a união estável, tomando como horizonte o planejamento para um envelhecimento saudável e buscar contribuir no debate sobre políticas públicas vinculadas ao envelhecimento humano.



## 1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os métodos de investigação harmonizam-se com os diferentes fundamentos filosóficos que apoiam as inquietações e linhas orientadoras de uma investigação (FORTIN; COTÊ; VISSANDJÉE, 2000, p. 322).

O tipo de pesquisa é exploratória fenomenológica de avaliação de resultados, com procedimento técnico de pesquisação, abordagem qualitativa e questionário estruturado, utilizando perguntas fechadas de múltipla escolha, seguido de análise das falas com base na história oral de vida dos sujeitos (DIEHL; PAIM, 2002, p. 42).

A história oral, segundo Meihy(1996):

é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 1996, p. 15).

Importante salientar que as degravações foram feitas de forma literal, transcrevendo inclusive maneirismos de linguagem e expressões de sentimento como risos e choro por parte dos entrevistados.

Meihy (1996) aponta a técnica de historia oral de vida com um recurso eficaz para o gerenciamento de documentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos, sendo reconhecida como a historia do tempo presente. Sua aplicabilidade, sobretudo, vai além de projetos historiográficos, por sua natureza subjetiva e sujeita ao grupo de escolha.

A base da história oral é o depoimento gravado que objetiva um projeto de estudo determinado previamente e que orienta e organiza a pesquisa, ainda que muitos se valham do conceito de história oral para qualquer forma de entrevista, modernamente ela só é considerada se decorrente de um projeto que reconheça sua intenção e determine os procedimentos (MEIHY, 1996, p. 16).

## 1.1 Delineamentos do estudo

Nesse estudo, pretendemos abordar a autopercepção do indivíduo homossexual do gênero masculino frente ao envelhecimento humano, com pessoas que tenham entre 40 a 50 anos de idade.

Escolhemos este público por representarem os idosos da próxima geração, que é como a Organização Mundial de Saúde classifica cronologicamente as pessoas com mais de 65 anos de idade em países desenvolvidos, e com mais de 60 anos de idade em países em desenvolvimento. Outra questão é a probabilidade de encontrar maior número de sujeitos de orientação sexual homossexual nessa fase de vida do que numa mais avançada. Pensou-se também em uma gama mais jovem, mas talvez essa não retratasse tanto os pensamentos quanto ao envelhecimento por estar mais distante do mesmo.

O pensamento inicial foi utilizar os dados do IBGE, pois no censo de 2010 foi a primeira pesquisa que inclui a questão homossexual no questionário. O que o instituto averiguou, porém, foi se haviam casais homossexuais ali residindo, e não diferenciaram se esses casais seriam de homossexuais do gênero masculino ou feminino, o que gerou impedimento para o aproveitamento dos dados, já que lésbicas foram critério de exclusão na pesquisa.

Definido isso, começou-se uma trajetória de pensamentos para identificar as fontes de pesquisa, o número de participantes e quais seriam os fundamentos para justificar a participação dos mesmos.

## 1.2 Cenários do estudo

Foram encontrados três grupos de homossexuais, no Rio Grande do Sul, que fazem parte da ABGLT. Outra fonte de pesquisa foi a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (AGBLT) e assim trabalhar com os filiados a associação no Rio Grande do Sul, porém também obtivemos impedimento, já que foram encontrados três grupos de homossexuais no Rio Grande do Sul, filiadas a Grupo Somos, Grupo Nuances e Grupo Outra Visão (ABGLT), porém nenhuma delas possui registros das pessoas que frequentam as entidades.

Os referidos Grupos realizam algumas atividades como grupos de apoio, distribuem camisinhas, dão informações, encaminham para unidades de assistência de acordo com o caso, mas não possuem cadastro dessas pessoas.

Em razão disso, teve-se a dificuldade em estabelecer uma amostragem que de conta do universo de homossexuais existentes no Brasil. Isso se justifica também na colocação anterior referente aos dados do IBGE que também não dá conta da necessidade exposta no projeto de pesquisa.

### **1.3 População de Estudo e Procedimento Amostral**

Conforme Diehl e Paim (2002), população ou universo é um conjunto de elementos passíveis de serem mensurados com respeito às variáveis que se pretende levantar. A população selecionada foi a de indivíduos homossexuais de 40 a 50 anos de idade do gênero masculino.

Para restringir o universo com dados mais específicos e significativos, buscou-se, como base inicial, o censo do IBGE 2010, que trouxe dados relativos ao número de casais homossexuais no Brasil. No censo, há um corte populacional no Rio Grande do Sul de 10.693.929 pessoas, sendo delas 3.664 casais homossexuais, porém não especificando se esses casais são do gênero masculino ou feminino, dificultando a amostragem e o uso da informação (IBGE, 2010). Então, pensou-se nas Associações e Grupos de homossexuais do Rio Grande do Sul.

Inicialmente esse estudo seria em formato mais fechado, contando com questões abertas e questionário estruturado, pensando em abranger um maior número de entrevistados. Deste modo, foi realizado um teste piloto com quatro pessoas. Os voluntários foram pessoas conhecidas da pesquisadora e também pessoas indicadas pelos já entrevistados na cidade de Caxias do Sul. Nem todos os sujeitos, porém, contemplavam o quesito idade. Levou-se em conta mais a dinamicidade do questionário e se tinha a possibilidade de atingir aos objetivos estipulados do estudo. Outra questão percebida foi que o questionário com perguntas abertas era ineficiente e de extrema complexidade na sua análise.

Frente a essas dificuldades, procedeu-se um remodelamento do projeto, alterando a metodologia para história de vida. O número de entrevistados passou de vinte e cinco para seis entrevistados e de cinco municípios do Estado do Rio Grande do Sul para dois municípios, sendo eles Caxias do Sul e Porto Alegre. Esses municípios foram elencados pela sua diversidade étnico-cultural, e também, Caxias do Sul por ser a cidade da pesquisadora, o que facilitou o acesso aos participantes; e Porto Alegre por se tratar da Capital do Estado e propiciar uma pluralidade na amostra.

Cabe aqui fazer uma referência da forma como esses participantes irão ser identificados ao longo do texto. Dividiu-se os entrevista os em dois blocos, o 1, 2 e 3 CX, que correspondem aos três entrevistados da cidade de Caxias do Sul e o 4, 5 e 6 POA, que são respectivamente os três entrevistados da cidade de Porto Alegre.

Para que se tenha um panorama completo dos entrevistados, fizemos uma tabela referente à anamnese feita com questionário de perguntas fechadas que se encontra na página 93, porém, como informações iniciais faremos aqui um breve relato de cada participante.

O entrevistado 1 de Caxias do Sul tem 41 anos, tem o 2º grau completo, se denomina solteiro, mas mora com o seu companheiro a 20 anos. De cor branca, possui um filho de 20 anos e uma neta e é comerciante. O entrevistado 2 CX, tem 48 anos, cursou até o 2º grau, tem um companheiro e mora com ele e com a mãe, branco, não possui filhos e como profissão é comerciante. O participante 3 da entrevista também reside em Caxias do Sul, tem 40 anos, cursou o ensino superior e formou-se em jornalismo, é solteiro, mora com os pais e irmão, de cor branca e não possui filhos.

Agora vamos falar dos entrevistados de Porto Alegre. O participante 4 POA tem 42 anos, tem o ensino superior, é educador físico, mas atualmente exerce a profissão de cabelereiro. Considera-se casado e mora com o seu marido, de cor pardo e não possui filhos, mas tem vários animais em casa que são considerados como da família. O entrevistado 5 de Porto Alegre tem 50 anos, cursou até o 2º grau, é solteiro e mora sozinho, é negro e não possui filhos. O participante da pesquisa 6 POA tem 41 anos, cursou o ensino superior e formou-se em Relações Públicas, se denomina solteiro mas mora com o companheiro a mais de 10 anos, de cor branco e não possui filhos.

Admitimos que inicialmente pensávamos que seria muito mais fácil conseguir um número expressivo de entrevistados, até por que íamos atuar na faixa etária de 30 a 50 anos, mas com o novo delineamento, e aumento da idade, as nossas opções diminuíram, além do que se trata de uma faixa etária que ainda encontra-se mais resguardada que a dos 20 anos. Levamos em conta também a complexidade da análise dos dados através da metodologia de história de vida oral, tornando-se inviável um grande número de sujeitos na amostra.

Após o projeto ser aprovado no conselho de ética foram realizadas quatro entrevistas piloto para se testar a viabilidade do questionário e se o mesmo contemplava o objetivo da pesquisa. Com o teste piloto, foi possível constatar algumas dificuldades; a primeira diz respeito à amostra dos sujeitos, que apesar de se perceber na sociedade, até mesmo andando nas ruas que existem muitos homossexuais de 40 a 50 anos, o assunto é de extrema delicadeza, e assim dificultando uma simples abordagem, além da resistência

enfrentada por muitos que foram convidados, mesmo explicando sobre toda a questão ética e sigilosa do estudo, inúmeros não quiseram participar.

O teste piloto foi realizado com pessoas de diferentes idades, não respeitando o critério de 40 a 50 anos, até por que até então ainda se tinham dúvidas da faixa etária que seria abordada. Com essa experiência, em contraponto a pesquisa que seria validada também foi possível contatar diferenciais que essas faixas etárias trazem com relação à autopercepção do envelhecimento, as quais serão relatadas na conclusão dessa pesquisa.

#### **1.4 Coleta de dados**

Diehl e Paim (2002) indicam que entrevista é um encontro entre duas pessoas cujo objetivo é que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto mediante uma conversação de natureza profissional. A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora utilizando-se de questionário fechado e entrevista aberta, buscando conhecer a história de vida do sujeito. Assim sendo, as entrevistas foram realizadas de forma individual, com hora previamente marcada nas casas dos entrevistados e em local silencioso. A forma de registro foi de gravação digital com posterior transcrição.

Primeiramente foi aberto um espaço de entrevista para que a pessoa fale sobre a sua experiência de vida, relatando momentos significativos sobre o seu processo de envelhecimento. Logo após foi aplicado o questionário, que possuía questões fechadas de múltipla escolha. O acesso aos participantes se deu por indicação de pessoas conhecidas nas referidas cidades, que por sua vez indicaram outras pessoas até que se contemplasse o número estipulado de entrevistas.

As perguntas se sustentaram em três pilares, a estrutura social e familiar, questões de saúde e estética e o contexto psicológico e cultural do indivíduo, procurando sempre cruzar essas informações.

#### **1.5 Análise e interpretação de dados**

A análise do material pesquisado partiu da transcrição das entrevistas com a história de vida dos entrevistados, e do cruzamento dos dados do questionário fechado. A interpretação das entrevistas buscou identificar no discurso do sujeito em como a história de vida e suas respostas contemplam ou não os objetivos e as hipóteses referidas no projeto. Para

o questionário fechado, perseguiu-se a incidência de padrões e dispersões simples com o mesmo método de comparação da técnica anterior.

Foram utilizados procedimentos e instrumentos específicos para desenvolver o sistema de controle de qualidade, da gravação de entrevistas, transcrição, checagem aleatória das entrevistas e agrupamentos.

## **1.6 Aspectos Éticos**

Descrição da resolução 446/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre a participação de pessoas na pesquisa (CNS, 1996). Os principais pontos trabalhados com relação às considerações éticas são: a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, tendo assegurado essa liberdade sem quaisquer represálias atuais ou futuras, podendo retirar o consentimento em qualquer etapa do estudo sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo; b) da segurança de que não será identificado (a) e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a privacidade, a proteção da imagem e a não-estigmatização; c) da liberdade de acesso aos dados do estudo em qualquer etapa da pesquisa; d) da segurança de acesso aos resultados da pesquisa.

## 2 PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina (CORALINA, 2004).

A preocupação com a velhice e com um possível rejuvenescimento existe desde muito tempo, sendo que a forma de perceber o envelhecimento não foi à mesma para todos os povos. A preocupação com o ato de envelhecer se faz presente na obra de diversos pensadores, cientistas, filósofos e estudiosos. Trata-se de uma discussão que atravessa gerações buscando um sentido para a vida e uma explicação para a morte.

Camarano (2002, p. 248) considera a existência de uma série de critérios para a classificação do que venha ser um “idoso“. O critério mais utilizado é o etário, como pode ser observado, por exemplo, na definição da Política Nacional do Idoso<sup>1</sup> e do Estatuto do Idoso<sup>2</sup>. A Organização Mundial da Saúde define como idoso as pessoas com 60 anos ou mais, residentes em países em desenvolvimento, e com 65 anos ou mais se residem em países desenvolvidos (OMS, 2013).

O entrevistado 2 de Caxias do Sul, se coloca no lugar da mãe ao vislumbrar essa idade, “[...] a convivência com a minha mãe idosa faz eu inculir em mim que a gente precisa ter saúde principalmente; eu quero ser ativo na 3ª idade, ou quarta (risos).”

De acordo com o IBGE (2010), pode-se considerar que a parcela de idosos que temos no mundo só tende a aumentar gradativamente, levando em conta a melhoria da qualidade de vida, o que resulta num processo mais saudável, além dos avanços da medicina, que permitem elevar a expectativa de vida nas sociedades contemporâneas.

---

<sup>1</sup> BRASIL. *Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2012.

<sup>2</sup> BRASIL. *Código Penal Brasileiro. Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2012.

## 2.1 A visão histórica do envelhecimento na antiguidade

Quando se fala em antiguidade, remete-se incondicionalmente para o estudo das sociedades ocidentais, porém em se tratando do assunto envelhecimento devemos remeter a sociedade oriental, mais especificamente a China, em virtude da condição singular que esta nação proporcionou aos velhos.

Em nenhum país a civilização foi durante tanto tempo tão estática, nem tão hierarquizada quanto na China, as responsabilidades aumentavam proporcionalmente com a idade, no topo da sociedade, encontravam-se os mais idosos. Toda a sociedade devia obediência ao homem mais idoso. A família era organizada pela faixa etária, nesse sentido, o filho devia obediência ao seu pai, sendo que a autoridade patriarcal não diminuía com a idade. Mesmo a mulher, recebia determinada promoção devida à idade (BEAUVOIR, 1990, p. 46).

O entrevistado 3CX, destaca:

Eu acho que hoje em dia quem envelhece está bem assegurado em todos os sentidos. Estão valorizando muito mais as pessoas de idade. Preocupação mesmo é com a aposentadoria. Mas eu vejo que tem muitos casos de caras que gostam de pessoas mais velhas [...] mas eu vejo isso como normal.” Sabe, o Al (um ex namorado), era muito violento, ciumento, me traía [...] Daí nessas coisas a idade ajuda muito, por que daí tu não cai mais nas mesmas coisas.

Já o entrevistado 2CX, acredita na valorização pessoal de acordo como agimos no nosso dia a dia:

E tem uma coisa que a gente se preocupa muito pra levar pra velhice, que o que tu faz hoje, não fui mal educado, dei um oi legal pra fulana, não fui mal educado com o pedinte que veio ali na minha porta, por que isso tudo respinga lá na frente, tu vai ter o retorno, então quero ser uma pessoa legal hoje pra [...] claro, não tô esperando ser levado pro céu por que fui bom, não, mas ser legal com as pessoas, é ser bom comigo também, porque a gente faz o bem não é pras pessoas, a gente faz o bem é pra gente. Porque lá na frente eu vou ter esse retorno. O nosso globo é redondo.

Na sociedade ocidental, o poeta e filósofo egípcio Ptah-Hotep, que viveu há 2500 a.C, escreve sobre o valor da vida, bem como, a ingrata realidade de envelhecer. Resumia o fato de envelhecer com as seguintes palavras: “dia a dia vai enfraquecendo, a visão baixando, o ouvido se tornando surdo, a força declinando, o corpo não encontrando repouso, a boca se tornando silenciosa e já não falando.” Inconformado com a vida dos idosos elaborou várias teorias para transformar um homem velho em novo, chegando a conclusão que o pior que pode acontecer a um homem, é envelhecer (LAO TZY, 1999, p. 31).

Nesse sentido, o entrevistado 4 POA ressalta:

Eu não me importo de ter 43, me importo de parecer mais. Eu fui um cara que sempre aparentei ser mais velho que a minha idade, por que aos 22 eu já era careca.



---

Então quando eu entrei no quartel o pessoal dizia que eu tinha chegado atrasado (risos). Não que eu quisesse parecer guri, mas eu queria ter a minha idade e aquilo me encomodava.

Já no povo da Babilônia a preocupação com a imortalidade e conservação da juventude estiveram muito presentes. A Grécia Clássica relegava os velhos a um lugar inferior sendo que a beleza, a força e a juventude eram valorizadas. Porém, Platão trouxe uma nova visão aonde a velhice conduziria a uma melhor harmonia, prudência, sensatez, astúcia e juízo (BEAUVOIR, 1990, p. 114).

Na sociedade romana os anciões tinham uma posição privilegiada. O direito romano concedia a autoridade de “pater familias” aos anciões. Quanto mais poderes lhes eram concedidos, mais a indiferença das novas gerações se voltava contra os velhos. O Estado Romano também conferia cargos importantes no senado aos anciões como “patrícios”. A imagem negativa da velhice foi combatida por Sêneca, mas foi em Cícero, com sua obra *Senectude* que a velhice encontrou seu maior defensor.

O entrevistado 6 POA, ressalta que:

A qualidade de vida é tudo um investimento, um investimento de dinheiro, de academia, fisioterapia. Tu tem que ter dinheiro pra ter qualidade de vida. Sendo *gay* ou não. A pessoa tem que se preocupar com a velhice, usar os recursos. Mas eu não sou neurótico em gastar meu dinheiro em butox, vou gastar em academia.

Em sociedades antigas o ancião era visto com uma aura superior sobrenatural que lhe concedia uma vida longa e como resultado, este ocupava um lugar primordial, onde a longevidade se associava com a sabedoria e a experiência. Assim era nas sociedades orientais, principalmente na China e Japão.

Já o entrevistado 4 POA, comenta:

Tem que aprender a conviver com o teu passado. Que foi isso que nos trouxe quem é hoje. E isso sim, também a idade nos proporciona também, saber dividir, passado é passado, se trepou, namorou, ta com o ex lá falando, se era tão bom não era ex, era atual.

Nas culturas Incas e Aztecas, a população anciã era tratada com muita consideração. A atenção a esta população era vista como responsabilidade pública.

Outro povo que se destacou pela importância que davam aos seus anciões foram os antigos Hebreus, que, em épocas de nomadismo eram considerados os chefes naturais dos povos que eram consultados quando necessário. No povo Hebraico encontramos Matusalém que era considerado como se tivesse vivido 969 anos. Uma vida longa era vista mais como uma benção do que como uma carga, e esta benção é vista nos patriarcas bíblicos.

Nesse sentido, vale destacar a argumentação do entrevistado 2, que ressalta a necessidade do cuidar de si:

Eu preciso melhorar alguns hábitos, assim como tiro o capricho de vim todo dia abrir a minha empresa, eu tenho que tirar para mim [...] nós dois precisamos melhorar nisso. O J. (companheiro atual), sempre foi mais sedentário. Eu fazia academia, caminhava, troteava coisa e tal. Mas depois que eu casei [...] acabou tudo (risos). Tu pensa não precisa mais vou ficar linda pro resto da vida (risos) capaz, e hoje estou sentindo uma necessidade mesmo de voltar para uma academia. E esse ano um dos meus objetivos é cuidar mais de mim.

Com a queda do Império Romano os anciões também foram perdendo seu lugar de destaque na sociedade, mais uma vez se tornaram vítimas da superioridade juvenil. No sistema de estratificação por idade de cada sociedade estava implícito o fato de que a idade era um determinante básico do que os indivíduos podiam e deviam fazer.

Em termos gerais, a etapa do Cristianismo expôs uma visão negativa da velhice. Este tema deixou de interessar aos escritores cristãos que mencionavam a velhice com relação a moral e a associavam com decrepitude, feiúra e pecado.

O século VI identificou a velhice com a cessação da atividade, iniciando ali a concepção moderna de isolamento dos velhos em retiros. Por outro lado, o homem medieval temia e buscava os meios de escapar da velhice, seja por meio da fantasia, seja por meio da ciência. Nos períodos do Renascimento e do Barroco persistiu a ideia da inevitável decrepitude e do caráter melancólico da velhice. A crença de que o diabo movia a fantasia por humores justificou a perseguição e execução de milhares de mulheres anciãs, conhecida como a caça às bruxas. A Idade Média se caracterizou também pela época dos mais fortes e dos poderios militares, o que colocava os anciões como submetidos aos mais fortes e formavam parte da população escrava e servil.

Durante os séculos XIV e XV, a peste e a cólera foram seletivas deixando um saldo de milhares de mortos e uma grande população velha que havia sobrevivido às pestes. Este fato trouxe como consequência o fortalecimento do poder das pessoas de mais idade e um aumento do conflito entre as gerações que havia diminuído ao final do Império Romano. As pessoas velhas começaram a ser ridicularizadas em ambientes públicos. A literatura e a arte se uniram para ridicularizar os anciões a despeito de grandes expoentes de idade avançada que realizaram suas obras neste período como Leonardo Da Vinci e Michelangelo. Apesar da presença artística, o velho continuava tendo pouca importância social e se encontrava em uma situação precária e ambígua.

Essa situação é retratada na fala do entrevistado 4 POA:

Quando via alguém mais velho eu sentia uma certa repulsa da coisa. Até porque muita gente morria de AIDS, não se usava preservativo, os mais bonitos levavam, por que eram os mais procurados. Ou tão tomando coquetel até hoje, muitas pessoas que eu conheço. Então, eu sou desse meio. Um *gay* que tenha hoje 20 anos não tem percepção nenhuma do que é envelhecer.

O século XVI se destacou por uma violência e um ataque contra a velhice, como consequência da adoração e culto da beleza e juventude. Willian Shakespeare personificou vários aspectos da velhice, como em *Rei Lear*. Erasmo de Roterdã, em sua obra *Elogio da Loucura* concebia a velhice como uma carga e a morte como necessária. Ele considerava que a loucura era o único remédio contra a velhice.

O entrevistado 4 POA, complementa seu pensamento dizendo que: “Eu acho assim, a pessoa nunca se vê com a idade que tem. Sempre tu olha as fotos e se acha melhor. Não sei como vai ser quando olhar e começar a achar pior (risos) daí vai ser o problema (risos).”

O pensamento científico que caracterizou os séculos XVI e XVII introduziu novas formas de pensar que enfatizavam a observação, experimentação e verificação, podendo-se então, descobrir as causas da velhice mediante um estudo sintomático. Ainda assim prevalecia a ambivalência em relação à velhice.

Durante os séculos XVII e XVIII foram feitos muitos avanços no campo da fisiologia, anatomia, patologia. As transformações que ocorreram na Europa nos séculos XVIII e XIX refletiram em uma mudança na população anciã. O número de pessoas em idade avançada aumentou e os avanços da ciência permitiram descartar vários mitos acerca da velhice. Contudo, a situação dos velhos não melhorou. O surgimento da Revolução Industrial e do urbanismo foi derradeiro para os anciões que, sem poder trabalhar, foram reduzidos à miséria.

No final do século XIX os avanços da medicina propiciaram a divisão de velhice e enfermidade e no século XX surgem a gerontologia e a geriatria como disciplinas formais. O que se percebe são ciclos que ocorrem ao longo da história. Períodos em que os idosos são valorizados são seguidos por crises entre jovens e velhos e posterior desvalorização do ancião.

O entrevistado 1 CX, considera que:

Envelhecer, quando a gente pensa em envelhecer também acaba pensando em solidão, em mobilidade [...] inclusive agora na minha casa, na reforma que eu estou fazendo, eu costumo dizer que fiz inspirada na prostituição da Holanda, por que ela é toda envidraçada, grande parte, onde eu enxergo toda a casa pontos do meu jardim. Por que penso assim e se um dia eu ficar imóvel [...] pelo menos vou poder ficar olhando da sala aquele jardim que eu ajudei a construir. Mas não sei se me preocupo muito com isso [...] mas é um fato que poderá chegar mas sou bem tranquilo.

Para Burns e Lerner (2005, p. 162) o processo de envelhecimento na antiguidade era individualista, ou seja, já que o número de pessoas velhas era insignificante, sendo que eram mínimas as possibilidades de se chegar a reunir pequenos grupos, os quais possuísssem a faixa etária de aproximadamente 60 anos. As sucessivas revoluções (comercial, industrial e econômica), trouxeram profundas modificações na sociedade, as taxas de mortalidade foram paulatinamente sofrendo sucessivas reduções e o conceito de “velhice” foi se delineando historicamente.

## 2.2 Considerações atuais sobre o envelhecimento

Quando falamos em velhice nos dias atuais, muitas variáveis devem ser consideradas, como os fatores familiares, sociais, econômicos, pessoais, fatores físicos, biológicos, sexuais, as questões políticas e o interesse da mídia, que contribuem para o desligamento de ideias que podem visar o envelhecimento como um incômodo social.

“São considerados como idosos todos os que compõem a população de 60 anos ou mais, tal como definido pelo marco legal da Política Nacional do Idoso e pelo Estatuto do idoso” (CAMARANO, 2002, p. 36).

Segundo a OMS (2013), órgão da ONU (Organização das Nações Unidas), são considerados idosos os indivíduos acima de 60 anos, pois a partir da 7ª década de vida, passam a apresentar os problemas de saúde característicos do processo de envelhecimento. Em países em desenvolvimento, a idade mínima para ser considerado idoso é de 60 anos; já em países desenvolvidos é a partir de 65 anos.

O envelhecimento não tem exclusividade dos tempos modernos, porém somente nos últimos cem anos que se tornou algo comum (STUART-HAMILTON, 2002, p. 121).

Referente ao envelhecimento, o entrevistado 1 CX destaca:

Tenho a minha neta, meus sete irmãos dos quais eu me relaciono muito bem, sobrinhos..e eu até costume dizer, vamos nos aproximar mais [...] para constituir mais essa questão familiar. Porque a gente é obvio que vai envelhecer, e junto com a velhice vem uma série de coisas que tu não vai mais poder fazer, então me parece estar no curso normal.

Conforme Stuart-Hamilton (2002), estima-se que nos tempos pré-históricos eram raros os casos de velhice, a estimativa de vida não era muito grande, mesmo no século XVII, apenas 1% da população vivia além dos 65 anos. No século XIX o autor complementa que essa proporção subiu para 4%, sendo que atualmente na Grã Bretanha cerca de 11 milhões de

peessoas (18% da população), estão aptos para se aposentar. Calcula-se que até 2040 esse número deve subir e atingir 14 milhões de idosos.

Quando falamos em velhice nos dias atuais, deve ser considerados aspectos como, os valores estéticos, as questões políticas e o interesse da mídia, que contribuem para a modificação do conceito formalizado na antiguidade, de que o envelhecimento deve ser considerado como um incômodo social.

Nesse sentido, o envelhecimento humano representaria apenas uma mudança ou transição de uma fase para outra fase da vida. Porém, não é dessa forma simplista que as pessoas enxergam a velhice. Enfrentar uma verdade que, na maioria das vezes, é apenas ignorada pelo desejo de querer estar eternamente jovem.

Segundo Pintos (1997), envelhecer sempre foi motivo de preocupação para as pessoas. Mesmo nas épocas e nas culturas em que se referenciava o idoso, a velhice era vista como uma instância conflitiva, em razão da proximidade do fim da vida.

Nesse sentido, o entrevistado 2 CX, ressalta que: “[...] tô vendo que a minha agilidade que tinha aos 20, aos 30 e aos 40 é bem diferente, hoje quase 50 mais dois anos tô lá [...] e a minha visão já não é mais a mesma e isso que eu sou uma Europeia (risos).”

O envelhecimento é o estado final do desenvolvimento humano, que todo indivíduo sadio irá atingir. Ela é associada com as mudanças físicas do corpo, a falta de ações que eram realizadas por um indivíduo em sua juventude, com a questão de preconceito ligada à sexualidade na terceira idade e claro, com a proximidade da chegada da morte. Barros (1998) salienta que a certeza do fim da vida sempre foi tema de filósofos, religiosos, pensadores, homens e mulheres de todos os tempos.

A associação que se faz entre a velhice e a morte nada têm de novo, não é uma ideia que se lança nos dias de hoje, embora saibamos que se realiza diferentemente em épocas e culturas distintas.

A preocupação com a velhice fica bastante clara nas palavras do entrevistado 3 CX, que comenta: “Eu tenho medo de sofrer, de alguma doença alguma coisa, por que a morte é a única coisa certa na vida. E quando eu ficar velho é aquela coisa, vou ter só os parentes.”

Na sociedade contemporânea, com a exagerada atenção dada ao corpo, especialmente àquele que seja tão vigoroso, ágil e sexualizado, a velhice incomoda por sua inexorabilidade, independentemente de todos os saberes que investigam o corpo humano na tentativa de adiar sua chegada e a da própria morte. É nesse formato de sociedade que se busca entender os diferentes processos de envelhecimento nos dias atuais.

É de extrema facilidade, em pleno século XXI, perceber a influência e o poder de persuasão que a mídia possui sobre as pessoas, principalmente, nos aspectos que transmitem a juventude como modelo para o uso de qualquer produto ou de padronização do corpo. Isso traz um alto nível de contribuição para que as pessoas tentem manter maior distância possível da velhice.

Segundo o entrevistado 5 POA:

É que nem essas pessoas que vou encontrar agora, são pessoas que passaram pela minha vida, então vai ser legal revê-las, que estão com uma faixa etária maior, e vivem de glamour, vivem no Rio, uma vida financeira mais ou menos, vivem no agito [...] e vivem ainda nesse agito. E não sei o que vai ser o finalmente deles. E nem o meu. Mas acho que é por ai, não sei o final da historia..até por que o momento pra mim conta muito [...] tanto que até os amigos como eu disse são muito de momentos. Talvez eu tenha que começar a pensar diferente daqui pra frente. Isso me faz refletir um pouco mais.

Juventude e vigor tornam-se requisitos essenciais em uma sociedade que tem o corpo como meio de expressão e de construção e valorização de identidades. Os apelos da mídia se dirigem, de forma cada vez mais centrada, às características físicas, à beleza, à perfeição e à saúde, as quais são buscadas através do consumo de diferentes produtos, de acordo com os estudos de Goldenberg (2002, p. 32). Ou seja, o corpo passa a criar personalidades através de conceitos quase que exclusivamente estéticos.

Já o entrevistado 4 POA, demonstra a preocupação com o fim da juventude:

Eu acho que o pessoal dessa nova geração não vai ter esse problema que às vezes eu encontro. Por que eu me critico muito sabe, na questão de velhice. Não tenho problema de fazer 50 anos. Tenho problema da pele enrugar. A idade não importa, o que importa é o que tu aparenta ter. A pele enrugar, o umbigo cair, e antes da lipo mesmo meu umbigo já era caído, o sorriso era pra baixo, entendeu, bobagem, eu sei que é bobagem mas tu acaba assim [...] a pele..a pele começa a baixar. Tu usa sempre mais coisa. To sempre com creme no rosto, sempre. Eu acordo de manhã, escovo os dentes e creme. Hora do almoço escovo os dentes e creme, sabe [...] sempre.

É importante ressaltar também que: se o número de idosos vem crescendo cada vez mais no Brasil, é preciso dar uma atenção maior para este grupo de pessoas. Foi com esta percepção que foi criada a lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso de autoria do Senador Paulo Paim e sancionado pelo presidente Lula, contempla os direitos da pessoa idosa, com vistas, sobretudo, a dar mais publicidade ao tema envelhecimento humano, proporcionando a inserção social e a autonomia da pessoa idosa, que é um dever do Estado, da família e da sociedade civil (BRASIL, 2003).

No contexto apresentado, a discussão sobre a velhice é imprescindível para entender o fenômeno de envelhecimento da população mundial “em ritmo acelerado como

decorrência da diminuição da fecundidade das mulheres, combinada com a expectativa média de vida em elevação” (VERAS, 1994, p. 225).

### 2.3 O envelhecimento e a questão social

O envelhecimento, como temas de estudos científicos, vem ganhando grande destaque em diferentes campos em consequência do aumento significativo da população idosa no mundo, e conseqüentemente dos possíveis problemas sociais que tal fato acarretará na sociedade.

Importante a reflexão entorno do envelhecimento e trabalho em uma sociedade globalizada e altamente capitalista. Destaca-se o pensamento de Beauvoir (1990, p. 15) ao afirmar que mais grave do que o tratamento destinado à velhice é a desvalorização do empregado, à maioria dos indivíduos independentes de sua idade. Nesse sentido, a autora deixa claro que uma sociedade capitalista preocupa-se com o indivíduo na medida de sua força de trabalho, e conseqüentemente sua produção. O envelhecimento é automático, à medida que vivemos e trabalhamos, envelhecemos, e nem sempre possuímos autonomia suficiente para escolher a forma de viver.

Concordamos que o processo de envelhecimento será diferenciado para cada indivíduo, uma vez que ele é diretamente dependente de fatores associados à história de vida, condições socioeconômicas, condições familiares, inserção no mercado de trabalho, entre outros.

Nesse sentido o entrevistado 6 POA, destaca: “Daí lá eu vi que o advogado, que o médico eram e que tinham uma vida normal né. Que as pessoas eram normais [...]”

Teixeira (2008) destaca que o processo de envelhecimento perpassa questões meramente econômicas:

O envelhecimento como problema social é correlato das reviravoltas econômicas que por muitas vezes acabam por afetar as estruturas familiares (que é o primeiro espaço de sociabilidade e produção do indivíduo), pois o fato de estar velho, e não possuir mais produtividade ao sistema capitalista acaba inviabilizando sua sobrevivência sem o trabalho abstrato (TEIXEIRA, 2008, p. 48).

Percebe-se um retrocesso conceitual quanto ao conceito de ser idoso que acabar sendo considerado, por nossa sociedade, como inútil, decadente, improdutivo, um problema social que perdeu a dignidade.

Stuart-Hamilton (2008, p. 40) questiona sobre a problemática econômica e social do envelhecimento populacional no mundo inteiro. Para o autor a diminuição de jovens no



mercado, acarreta uma fração menor de trabalhadores no mercado e conseqüentemente uma diminuição de pagamentos de impostos. Portanto, o idoso trará imensos prejuízos sociais uma vez que aumentará a demanda de serviços públicos, especificamente na saúde e previdência social, financiados por uma força de trabalho jovem que diminui constantemente.

Segundo o entrevistado 3 CX: “Eu tenho uma previdência privada que inclusive é a minha mãe que paga pra nós e o INSS como qualquer pessoa.”

Importante avaliar os efeitos dessa “problemática” do ponto de vista do idoso. As sequelas decorrentes de um pensamento discriminatório que considera isoladamente o idoso, não levando em conta toda sua trajetória, seu conhecimento e sua vivência.

Percebe-se a despreocupação com as sequelas trazidas, por um preconceito social, em relação ao idoso. Se conhecimento, sua experiência são totalmente esquecidas juntamente com uma política pública de preparação para o envelhecimento.

Conclui-se que o envelhecimento é um processo vitalício e que os padrões de vida que promovem um envelhecimento com saúde são formados no princípio da vida. Importante ressaltar que os fatores socioculturais definem os cuidados que uma sociedade terá sobre os idosos e o tipo de relação que ela estabelecerá com essa importante parcela populacional. Nesse sentido, Papaléo Netto (2002) elaborou o seguinte conceito de envelhecimento:

O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados. [...] o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte. [...] Às manifestações somáticas da velhice, que é a última fase do ciclo da vida, as quais são caracterizadas por redução da capacidade funcional, calvície e redução da capacidade de trabalho e da resistência, entre outras, associam-se a perda dos papéis sociais, solidão e perdas psicológicas, motoras e afetivas (PAPALÉO NETTO, 2002, p. 10).

O entrevistado 4 POA informa que:

Eu não tenho mais tempo tanto pra esperar, e isso é sério. Eu tô mais velho, e eu sempre fui pra ontem. Minha mãe dizia, quando acha que vai fazer já fez (risos). Mas hoje em dia em algumas ocasiões, tipo relacionamento, tipo amizade, eu não tenho mais tempo pra estar esperando protelando.

Tal pensamento se confirma com a exposição do entrevistado 6 POA:

Bem, o envelhecimento, eu não penso nele, mais em virtude de um problema de doença que eu tenho, é uma doença auto-imune, que não tem cura que é destrutiva. Então se eu pensar quando tiver com 60 anos vou estar paralítico e cego.



Percebe-se, nitidamente, que a construção conceitual da velhice acaba sendo permeada por preconceitos e estereótipos que, nesta sociedade expressam-se por meio de representações depreciativas do fenômeno do envelhecimento e do sujeito que envelhece, definindo o seu lugar social.

## **2.4 Corpo, sexualidade e a morte na velhice**

Na sociedade contemporânea, com a exagerada adoração dada ao corpo, especialmente àqueles que se enquadram aos padrões de beleza e virilidade exigidos por uma sociedade consumista, a velhice acaba sendo um incômodo por sua inexorabilidade, independentemente de todos os saberes que investigam o corpo humano na tentativa de adiar sua chegada e a da própria morte.

A sociedade também dita as normas estéticas, quando atribui uma valorização extremada a determinadas características, selecionando dentre todas quais serão as inibidas e quais serão as exaltadas. A custo de castigos ou recompensas o indivíduo tenderá a se conformar com estes padrões de comportamento estabelecidos como se fossem tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos (RODRIGUES, 1986, p. 198).

O culto ao corpo está associado à modernidade, onde a filosofia de juventude moderna, descolada, desportista é o socialmente aceito como um ser humano dentro dos padrões (CASTRO, 1997, p. 43).

Especificamente o Brasil, é conhecido internacionalmente por seu clima tropical e conseqüentemente pelas belezas e formas físicas de seu povo. Nesse sentido podemos perceber a importância do corpo para os brasileiros através de um dos símbolos mais exemplificativos de nossa cultura que é a mulata.

O corpo passou a ser uma riqueza cobiçada por todos os indivíduos independentemente de classe econômica. Conforme Goldemberg (2009, p. 15), o corpo passou a ser utilizado como um importante instrumento de ascensão social. A forma física escultural é vista e valorizada como um capital, seja pela forma estética, econômica ou social, um corpo magro, sexy, jovem, dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, considerando como um ser superior aquele que o possui.

De acordo com os dados colhidos com os entrevistados três deles, ou seja 50%, já fizeram cirurgias estéticas para corrigir imperfeições que os incomodava, dois deles fariam mais cirurgias e um que ainda não fez, pensa em fazer no nariz e a academia é uma questão presente na vida de todos, sendo por estarem fazendo, ou almejando colocar nos seus planos

em breve por saberem da necessidade não só estética, mas como saúde para um envelhecimento com qualidade.

Para Mauss (1974, p. 41) o ser humano constrói seus corpos e comportamentos a partir de certos atributos físicos e comportamentais, em detrimento de outros. Há uma variação de estilos de corpos, que podem variar de acordo com o contexto histórico e cultural de cada sociedade.

Bourdieu (1999, p. 49) constatou que o público masculino tende a se mostrar insatisfeitos com as partes de seu corpo que consideram pequenas demais enquanto o público feminino dirige suas críticas às regiões de seu corpo que percebem como grandes demais.

Segundo Soares Neto (2002), certas formas de relação com o corpo podem ocasionar falhas no desenvolvimento da personalidade, e conseqüentemente um desvio no processo de integração das várias partes que compõem o eu. A ênfase na vida do corpo, cultuando-o, cultivando-o ou modificando-o pode significar uma tentativa de sentir-se mais real, mais verdadeiro, afirmar a existência quando a vida psíquica não está sendo afirmativa o bastante.

A imagem do corpo é própria de cada indivíduo estando ligada ao seu histórico de vida demonstrando como síntese das suas experiências relacionais. É eminentemente inconsciente; pois estrutura-se através da relação entre sujeitos e é nela que se inscrevem as experiências relacionais, que não são da mera ordem da necessidade, mas fundamentalmente do desejo (GOLDFARB, 1998, p. 28).

O autor complementa sua ideia expondo que o envelhecimento do ser humano está associado a um processo biológico de declínio de suas capacidades físicas, relacionado a novas fragilidades psicológicas e comportamentais. Então, o estar saudável em uma de suas perspectivas, deixa de ser relacionado com a questão etária da pessoa passando a ser entendido como a capacidade do organismo de responder às necessidades da vida cotidiana, a capacidade e motivação física e psicológica para continuar na busca de objetivos e de novas conquistas pessoais e familiares.

Tema polêmico e de difícil discussão, a sexualidade humana é um tabu mesmo entre os jovens, no caso do idoso o assunto tem seu agravante, a falta de preocupação e de discussão dificulta a superação da problemática.

A sexualidade na velhice, muitas vezes considerada como um período da vida como de assexualidade, isto é, um momento em que o indivíduo teria que assumir unicamente o papel de avó ou avô, cuidando de seus netos, fazendo tricô e vendo televisão.

Conforme o entrevistado 6 POA, o sexo é ainda muito importante em sua vida:

Eu jamais gordinho penso mais em sexo que na beleza (risos). Eu já prefiro uma pessoa que trepe bem a que seja linda (risos). E que nem me cuida mais não tô mais trabalhando na noite, sem me drogar, sem beber tanto. tem que se cuidar. isso também é pensar no envelhecer.

Covey (1989, p. 93) comenta que inúmeros comportamentos, atitudes sociais e estereótipos negativos são atribuídos aos idosos, mas os mais destacados são aqueles ligados à sexualidade, dificultando qualquer manifestação desta área em suas vidas.

Covey (1989) comenta ainda a citação de Star, que afirma que: Se as atitudes preconceituosas tipificam as atitudes em relação ao idoso, então, não há nenhum outro lugar onde este preconceito é mais aparente do que na área da sexualidade.

A valorização extremada da juventude e conseqüentemente da produtividade propõe um modelo desvalorizado com o qual o velho se identifica, anulando sua condição de cidadão. A falta de um reconhecimento social para a velhice, a falta de um lugar simbólico, a falta de não mais ser fonte de prazer, resulta numa desconfiguração da pessoa, o que impede a elaboração de perda e provoca um crescente empobrecimento da vida afetiva. Frequentemente, a resposta a este processo é a depressão ou a demência como defesa (GOLDFARB, 1998, p. 30).

O entrevistado 5 POA demonstra na sua fala que começa a perceber a importância de um relacionamento mais sério:

Às vezes eu me vejo parado pensando. Eu era extremamente agitado, saia demais, de segunda a domingo, festas a noite. Muito namorado. Nunca quis ficar com ninguém. Até fiquei algum período. Tive experiências boas, outras ruins. E então eu me resolvi que não queria mais relacionamentos longos por que era desgastante, queria viver só. Só que esse viver só um certo momento eu começo a me sentir só, apesar de não estar só.

O indivíduo nasce, e a vida se desenvolve de tal forma que a idade cronológica passa a se definir pelo tempo que avança. O homem e o tempo se influenciam mutuamente, produzindo profundas mudanças nas subjetividades e diferentes representações que lhe permitem lidar com a questão temporal (GOLDFARB, 1998, p. 32).

O envelhecimento populacional é considerado um fenômeno mundial, sendo constante os estudos referentes a modificação demográfica mundial. O envelhecimento é um período complexo na vida do indivíduo, uma série de fatores biológicos, psicológicos e sociais acaba por modificar a vida do ser humano em um momento de plenitude e maturidade de sua existência, trazendo importantes modificações de relacionamento com o tempo, com o mundo e principalmente com sua própria vida (MESQUITA; PORTELLA, 2004, p. 47).

O entrevistado 5 de Porto Alegre continua dizendo:

Sem nem sair de casa, a não ser ir no mercado, nem me encontrei com amigos nada, eu estava comigo e estava bem. Só que isso está pesando, percebo que o tempo está passando. E a tendência é piorar, nos relacionamentos eu acho que deixo eles tão traumatizados [...] eu percebo isso a idade chega e eu realmente vou ter que ter um relacionamento, vou ter que me relacionar com alguém de uma forma definitiva até para ter uma companhia, ou vou ficar só. Daí vou ficar só, a idade tá chegando, já to com 50 anos, vamos lá que até os 70 eu esteja vivendo intensamente, mas e a partir daí?

A vida é cíclica, nascemos, crescemos e a morte traz consigo diferentes repercussões psicológicas associadas com a visão de transcendência (BENINCÁ, 2003, p. 82).

Junto ao envelhecimento chega à perspectiva da morte. Mesmo com o aumento da qualidade de vida e com o avanço da medicina, aumentando os índices de expectativa de vida humana, vida é sempre um período finito. Esta finitude geralmente passa a ser mais contundente com a chegada da velhice. A perda de amigos, familiares e de pessoas de referência social reforça esta característica.

Entretanto, ser velho não é uma questão abstrata, muito pelo contrário, ser velho é uma condição aparente e que determina, de certo modo, as possibilidades de ação e de inter-relacionamento social (FRAIMAN, 1995, p. 19). O desejo de tentar adiar a morte, segundo Mascaro (2004, p. 82), é um anseio legítimo e faz parte da luta do ser humano para vencer a doença, a dor, a infelicidade e a morte. Mas, a princípio, idoso é um termo que indica uma pessoa com uma vivência traduzida em muitos anos e não uma sinonímia para doenças e diversos níveis de mortificação.

## 2.5 A importância da família na velhice

São recentes as pesquisas sobre o idoso e sua família, no entanto, surge um maior interesse nesse estudo uma vez que os idosos estão ganhando maior visibilidade social. Como já mencionado o aumento da longevidade no país vem ampliando o número de idosos e conseqüentemente a preocupação com essa classe etária.

Segundo Camarano (1999, p. 205), embora menos de 10% da população brasileira tivesse 60 anos ou mais, os idosos estavam presentes em 25% das famílias.

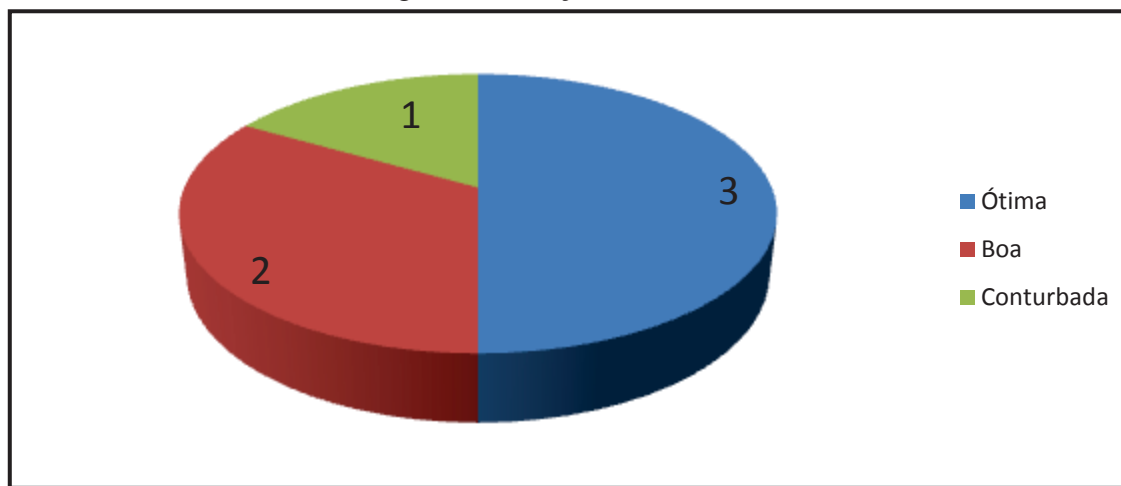
Já estudos realizados por Cabral (1998, p. 18), concluem que a família, muitas vezes, é considerada como um alicerce, que ganha certa importância na velhice uma vez que a família pode trazer a segurança, proteção e apoio.

Percebe-se que quando essa família falta, ou parte dela, é um momento bastante marcante, como relata 4 POA:

[...] no dia em que a minha mãe faleceu eu falei pra minha irmã e pro meu irmão que eu perdi a minha família. Não que eu não tenha irmã e irmão, mas eles são casados, tem a sua família, tem filhos, são avós agora, entendeu. Então o núcleo deles agora não é mais eu, aliás nunca foi. O núcleo deles é eles com a família deles.

Um dos dados interessantes colhidos no questionário é que a maioria dos entrevistados possui uma relação de boa a ótima.

Figura 1 -Relações Familiares



Fonte: Quadro construído a partir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

Segundo Debert e Simões (1998, p. 1368): Tratar do idoso e da família é atravessar e colidir com visões ambivalentes e contraditórias sobre o que é envelhecimento adequado e qualidade de vida na velhice. Esse relacionamento complexo apresenta uma definição de troca, da ajuda mútua no interior da família, ao longo da história, a sobrevivência e o bem-estar dos idosos e que, portanto, é dos seus filhos que todos esperam cuidados e amparo na velhice. Em contrapartida a essa visão, boa parte das discussões sobre o conceito familiar nas ciências sociais, contemporaneamente, questiona o modo pelo qual a família nuclear é tratada no senso comum e em certas teorias sociais; particularmente, a tendência de considerá-la uma instituição natural, universal e imutável.

O entrevistado 2 CX comenta,

[...] foi barra. Mas hoje eles viram que não mudou o 2 de antes pro 2 de agora. O filho modelo continua com as mesmas responsabilidades, e mais ainda hoje, porque a mãe tá com 80 anos e eu quem cuido dela, ela que mora comigo, aquela coisa toda né.

No dia 4 de janeiro de 1994, veio à luz a lei 8.842, que esclarecia que o objetivo da Política Nacional do Idoso seria assegurar os direitos sociais dos idosos, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (BRASIL, 1994).

Ampliando a extensão da Lei, o artigo 3.º, inciso I esclarece: “A Família, a Sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida.” Diz que o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza, e que as diferenças econômicas, sociais, regionais e particularmente, as contradições entre os meios rural e urbano devem ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral. Ressalta a preferência do atendimento ao idoso através das suas próprias famílias, de modo a evitar a sua internação em asilos, salvo para aqueles que não têm condições de garantir a própria sobrevivência (BRASIL, 1994).

Essa questão ficou bastante evidente em quatro dos entrevistados, onde eles quem cuidaram e cuidam ainda de seus pais, como relata o 6 POA: “[...] e como fui eu quem ficou com ela, cuidei sempre, até por que minhas irmãs tinham suas famílias, nós éramos muito próximos, mas teve assuntos que não falamos abertamente, acho que não precisou, eu respeitava ela e ela me respeitava.”

O entrevistado 3 CX também relata a sua experiência,

A família é muito importante pra mim, lógico, porque assim como eu preciso deles eles precisam de mim. Meus pais são muito de idade, solteiro de filho, eles só têm eu e meu irmão mais velho que voltou a morar com nós. E eu sou do tipo um faz tudo da casa.

O conceito de família vem sendo alterado e reconstruído ao longo do tempo. Gomes (2002, p. 47) define família como um grupo de pessoas vivendo de forma organizada, em uma estrutura hierarquizada que convive com a proposta de vivência perpétua destacando-se a relação de cuidados entre os adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecem neste contexto. Geralmente, o papel da família é zelar pelos idosos fragilizados, isso insere-se no âmbito dos valores culturais, que norteiam o curso de vida social e individual.

É necessário destacar a importância que a família tem no processo de prestação de cuidados aos seus idosos, porém, à medida que aumenta o grau de complexidade dos cuidados que devem ser prestados, a insegurança pode se fazer presente no núcleo familiar, levando à busca da figura denominada de cuidador formal. Tal situação é observada também quando na família ninguém assume para si a tarefa de cuidar do idoso.

O entrevistado 2 CX, fala sobre as novas casas lares para idoso e levanta uma questão muito importante em consideração aos homossexuais:

Se tem dinheiro paga a melhor casa de repouso e te botam que nem na casa Tramontina que é uma das melhores, ou das laranjeiras que é 5 mil por mês, daí ele

---

vai ter enfermeiro 24 horas, o quatinho pra ele blablabla, isso se aceitarem homossexuais.

Essa é uma nova realidade a ser pensada, pois assim como todo ser humano os homossexuais envelhecem, e a maioria possui agravantes do tipo afastamento da sua família nuclear, a perda da mesma por falecimento e ou não ter um companheiro para estar ao seu lado na velhice. E aí nos questionamos, será que as instituições do momento estão preparadas para acolher os homossexuais?

Durante a pesquisa para a tese chegamos a ler dois depoimentos em sites de idosos *gays* que não tendo sido aceitos em instituições pela sua orientação sexual foram buscar uma próxima alternativa porém travestidos de homem, buscando mostrar uma postura heterossexual, o que chega a ser uma agressão, mas assim foram aceitos e diante da necessidade tiveram que se submeter. Pessoas que lutaram durante sua vida com o preconceito chegam ao fim dela e ainda encontram barreiras extremamente complexas.

Com a aprovação do Plc 122<sup>3</sup> essa questão poderá ser um pouco contornada, pois será crime discriminar uma pessoa pela sua orientação sexual, mas e como será o tratamento da mesma nesse ambiente além da questão psicológica sabendo que ela não é bem aceita naquele local? Isso tudo ainda são questões em ebulição e que as políticas públicas precisam dar conta, pois o movimento cíclico da vida está exigindo novos pensamentos e resoluções para atuais enfrentamentos da sociedade.

Segundo Neri e Carvalho (2002, p. 778), os cuidadores familiares criam várias estruturas de cuidado que diferem de acordo com o tipo e a combinação de apoios oferecidos. Os idosos mais dependentes e os mais pobres provavelmente são cuidados por estruturas mais complexas, que envolvem filhas, noras, netos, sobrinhos, vizinhança e amigos; não em virtude das características dos idosos ou dos cuidados prestados, mas principalmente por causa das necessidades de sobrevivência, que dificilmente permitem que uma só pessoa se dedique em tempo integral ao cuidado.

A prestação de cuidados por uma rede restrita ou por uma rede mais ampla depende também de valores culturais, do estilo de vida das famílias e da personalidade dos envolvidos, o que determina, por exemplo, que algumas pessoas tenham maior capacidade que outras para delegar tarefas ou para agregar ajuda instrumental e apoio emocional.

---

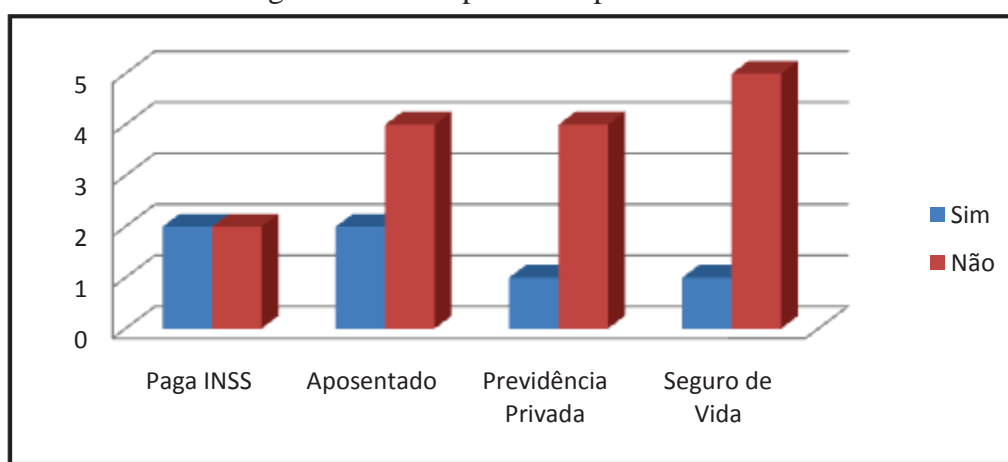
<sup>3</sup> PAIM, Paulo. *PLC 122 Texto Atual*. Blog Eleições Hoje. 2013. Disponível em: <<http://www.plc122.com.br/plc122-paim/#axzz2jVWeeRSx>>. Acesso em: 15 maio 2013.



Já Chauí (1994, p. 73) destaca que proporcionar cuidados pode acarretar demandas econômicas, físicas, afetivas e sociais, interferindo nas relações intergeracionais, se constituindo um momento delicado e particular na vida de uma família.

Para se ter uma segurança financeira na velhice, percebemos a importância de um bom planejamento. Com os entrevistados pudemos observar que a maioria pagou ou paga o seu INSS, mas poucos pensam em um plano a mais, o que vem a estar de acordo com outras falas que teremos mais adiante do quanto eles vivem bastante o presente, então a preocupação de vida acaba sendo mais com o agora.

Figura 2 - Possui plano de aposentadoria?



Fonte: Quadro construído a partir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

A convivência familiar, geralmente acarreta uma série de diferenças e bloqueios, acarretando abalos emocionais que podem conflitar entre os demais membros da família, causando um desconforto que irá afetar a rotina diária, e em consequência a esse desconforto, os desentendimentos familiares.

A quantidade de sobrecarga do cuidador vai depender do número e da qualidade das necessidades do idoso, para que possa ter uma vida digna. Os encargos mais onerosos para o cuidador, do ponto de vista físico e emocional, são os que envolvem a sobrevivência física e os que envolvem o manejo de déficits comportamentais e de distúrbios cognitivos. É principalmente, a esse tipo de cuidador que se refere à literatura quando alerta para o estresse do cuidador.

Pinheiro (2006, p. 96) ressaltou as dificuldades e o estresse que a família do portador da doença de Alzheimer enfrenta, uma vez que este tipo de doença, acaba por gerar a dependência total e distante do mundo e de si. A matéria aprofunda o assunto e mostra outro lado dessa doença ainda pouco discutido que é a experiência vivida pelo parente (filho, filha, cônjuge) no cuidado e convívio diário com o doente. Trata-se de uma situação complexa e de



difícil execução, não só pelas razões de ordem prática, mas principalmente pelas emocionais, uma vez que a pessoa que se responsabiliza do cuidar de um paciente com Alzheimer acaba abdicando de sua própria vida, dos seus sonhos e projetos.

Segundo números do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 27% dos idosos brasileiros precisam de ajuda diária. Entre os que passaram dos 80 anos, cerca de 90.000 mulheres e 184.000 homens não possuem capacidade de andar ou subir poucos degraus de uma escada (PINHEIRO, 2006, p. 97). A consequência disso é que cada vez mais famílias terão de lidar com a difícil tarefa de assumir seus doentes. E, sobretudo, de escolher quem irá fazê-lo.

Em reportagem concedida a Sandoval (2006, p. 134) na *Revista VEJA*, a professora de Gerontologia Social da Pontifícia Universidade Católica – PUC de São Paulo, Úrsula Karsch, falou sobre o tema ‘*A Idade vai chegar*’, no qual alertava a importância que se deve dar ao processo de envelhecimento e divulgou estudo por ela realizado, no qual constatou que 40% dos brasileiros com mais de 65 anos precisam de algum tipo de ajuda para realizar tarefas do cotidiano, e que os 40% das pessoas que têm de cuidar de idosos dependentes se sentem “usadas” e “injustiçadas” e que 70% se desentendem com o cônjuge e os filhos devido à constante dedicação que a situação exige.

Sandoval (2006, p. 134) descreveu outro estudo do IPEA ainda inédito e em fase final de preparação, mostrando que apenas 100.000 dos 2 milhões de idosos dependentes estão em instituições especializadas. A sociedade não está preparada para cuidar do parente que envelhece. Muitos lares não têm sequer espaço físico, muito menos estrutura emocional e financeira para lidar com esse tipo de situação. A pesquisa enfatiza o problema de quem vai cuidar do idoso. O idoso acaba perdendo o direito a um endereço fixo, morando ora com um filho, ora com outro, sentindo-se um peso para todos.

Alguns especialistas destacam que o afeto, carinho, amor e atenção, têm uma importância fundamental para que o idoso se perceba como um ser existente, que está presente, que tem o seu lugar na família, e continua fazendo parte da relação familiar. Aquino e Cabral (2002, p. 1056), reforçam essa ideia destacando que durante toda a vida os laços familiares de afeição são construídos, bem como as relações de troca e sentimentos de solidariedade existentes nas relações intergeracionais. Sentimento da obrigação filial no cuidado de pais idosos nem sempre está ligado à afeição. Cuidar nem sempre é escolha, muitas vezes impõe-se pelas circunstâncias.

O cuidado familiar é cultural. Quando não cumpre esta função adequadamente, a família sofre sanções sociais, pois é considerada negligente, e irresponsável (CALDAS, 2004, p. 41). A preocupação com a família está presente na fala do entrevistado 5 POA que informa:

Eu tenho uma irmã solteira, e com certeza, se chegar num momento que não tenha mais condições, ela vai tá aí sempre comigo, vai estar lá acompanhando, me dando toda atenção possível, mas o contrário, se ela não estiver já não tem mais ninguém [...] quer dizer que é preocupante também este momento de futuro que tu não tem filhos, tu não tem mulher, tu tem amigos, mas amigos amigos né, aquela coisa. Tem mas ao mesmo tempo não dá pra contar a todo momento. Por que as pessoas também, elas vão ter a sua própria vida, ou vão estar nesse momento na mesma situação, então eu penso nessa questão de relacionamento que ter alguém talvez chegue uma hora que eu vou ter que pensar nisso e tentar viver com alguém [...] tentar [...] por que é muito difícil né, eu sou muito complicado né [...] eu sou muito eu, eu vivo eu pra mim e acredito em mim. Eu já pensei uma vez quando eu comecei no mundo *gay* que eu comecei a desenvolver a minha vida eu quis ter relacionamentos, eu pensava em ter relacionamento, mas eu era muito ingênuo nesse sentido, porque eu achava que as pessoas naquele período que eu tava começando a entrar em relacionamentos e a paixão eu me envolvia literalmente na relação, não paixão. Eu nunca me apaixonei, nunca amei.

Ao longo do tempo a composição familiar sofreu modificações, atualmente encontramos idosos residindo em famílias compostas por diversas gerações, bem como idosos residindo sós ou com o cônjuge (também idoso), o que não corresponde, necessariamente, ao abandono pelos familiares ou à inexistência de uma relação de afeto com sua família.

As pesquisas dos últimos dez anos sobre o relacionamento familiar destacam evidências de como essa organização e dinâmica são essenciais para o desenvolvimento do indivíduo. A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se resultar numa tolerância sem o calor da sinceridade. Quantas relações humanas acabam se tornando banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor? Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação (BOSI, 1998, p. 484).

Segundo Debert e Simões (2006, p. 29), a dificuldade central dos trabalhos que procuram avaliar o bem-estar na velhice está, sem dúvida, na ausência de medidores eficazes e definitivos sobre a qualidade das relações entre gerações na família, ou sobre os significados da integração ou da segregação espacial. A velhice é, assim, retratada de maneira distinta em função do tipo de interação focalizada. Pensar na relação entre o idoso e a família é ora fazer um retrato trágico da experiência de envelhecimento, ora minimizar o impacto das transformações ocorridas nas relações familiares. Pensar na interação entre idosos é, pelo

contrário, traçar um quadro em que um conjunto de mudanças e a criatividade grupal seriam capazes de minimizar ou mesmo negar os inconvenientes trazidos pelo avanço da idade.

Nesse sentido, o entrevistado 1 CX destaca:

Acredito no ter alguém, dividir algo [...] e é o que vai acontecer no futuro dos homossexuais, só que eles vão estar enlouquecidos atrás de alguém, mas talvez não tenham apoio, porque se desgastaram muito. Até mesmo da família. Eu vejo por mim. Irmão [...] tu acha que meu irmão vai me botar na casa dele? Meu sobrinho coisa e tal? Não [...] e mais a gente não tem filho né, o J. (companheiro dele) até tem o dele. Mas tu acha que o filho dele vai cuidar dele? Se ele tiver dinheiro vai ser ótimo, se não tiver dinheiro ele tá ferrado. Vai ter que ter asilo pra gays assim olha [...] que nem o lar São Francisco, vai ser o lar das Bibas loucas da 3ª idade, ou da quarta sei lá eu, porque diz que a gente vai passar dos 100 né [...]. Tomara (risos) e com saúde se Deus quiser. Acho que é por aí.

A família possui características específicas, que não se encontra em outras associações ou grupos humanos, características que derivam de sua própria natureza, fundamentais para o desenvolvimento harmônico da pessoa humana e, conseqüentemente, para o bem da sociedade.

Como observado neste capítulo, a preocupação com a velhice, e muitas vezes com o combate a seus efeitos, existe desde muito tempo. Partindo de uma visão filosófica na antiguidade, com os chineses valorizando os idosos por serem mais velhos e, por conseguinte serem mais experientes, passando pela cultura ocidental com a exclusão do idoso na sociedade, chegando aos dias de hoje, destacando diversos aspectos como, os valores estéticos, as questões políticas e o interesse da mídia, que contribuem para a modificação do conceito formalizado na antiguidade, de que o envelhecimento deve ser considerado como um incômodo social.

Ficou constatado que atualmente a juventude e a forma física são requisitos supervalorizados em uma sociedade que tem o corpo como meio de expressão, de construção e valorização de identidades. Atualmente nos deparamos com uma despreocupação de abandono em relação ao idoso, uma vez que seus conhecimentos e suas experiências são ignoradas juntamente com uma política pública de preparação para o envelhecimento.

O corpo está diretamente ligado a sexualidade, sendo que, no caso dos idosos muitas vezes são considerados assexuados, vistos apenas como “velhinhos” que devem cuidar do “netinhos” pois estão próximo ao fim da vida.

Por fim, importante destacar que família é importante para um envelhecer saudável, ela é considerada como um alicerce, trazendo segurança, proteção e apoio aos idosos, conceito esse regularizado pela lei 8.842 que institui a Política Nacional do Idoso, garantindo os direitos fundamentais dos idosos (BRASIL, 1994).

### 3 BREVE HISTÓRICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Uma pessoa é considerada homossexual pelo fato de sentir afeto, atração e desejos sexuais por outra pessoa do mesmo sexo. O termo homossexual, aparece, pela primeira vez, em 1869, em artigos de jornais do escritor e advogado húngaro Karol Maria Kertbeny, que fazia uso do termo 'homossexual' e 'homossexualismo' como uma maneira de lutar contra o parágrafo 175 do Código Penal Alemão, que condenava os praticantes do amor do mesmo sexo à prisão com trabalhos forçados (RIOS, 2001, p. 31).

Muitas pessoas têm a ideia pré-concebida de que a humanidade toda é heterossexual e que uma minoria de indivíduos encontra-se "viciada" num comportamento homossexual. Assim, acredita-se que a homossexualidade é, simplesmente, um comportamento anticonvencional que muitas pessoas escolhem externar. Outros indivíduos acreditam que a homossexualidade é uma das três orientações sexuais normais, ou seja, o indivíduo não opta, ele simplesmente é.

Nesse sentido temos a fala de 2 CX:

Na verdade tu não descobre, tu nasce com a coisa né, mas daí tu vai com o tempo te percebendo, e já que eu nasci assim me aceitei, e ótimo, e quem não me aceita balela pra eles que eles não pagam as minhas contas, a gente vive a nossa vida e não dá bola mais pro que os outros acham.

A Grécia Antiga possuía o domínio desses amores masculinos, onde os homens eram todos perfumados e encaracolados e existia a possibilidade das pessoas se perguntarem se eram homens ou mulheres. Entretanto, essas reações negativas presentes no século XIX, se prolongaram por muito tempo (FOUCAULT, 1994, p. 21).

A discussão médica sobre homossexualidade iniciou no século XIX. Antes disso, era utilizado o termo sodomita, que cometia o ato da sodomia, altamente reprimida por motivos religiosos e, por isso, fazia parte da lista dos pecados graves. A sodomia era definida pelo ato, não pela pessoa que o praticasse, e não era considerada uma categoria identitária (GREEN, 1985, p. 339).

De acordo com Foucault (1994, p. 22), os textos do século XIX definiam o perfil homossexual através dos seus gestos, sua postura, da maneira pela qual ele se enfeita, seu

coquetismo, como também a forma e a expressão de seu rosto, sua anatomia e a morfologia feminina de todo o seu corpo. Dessa forma, esta descrição “desqualificadora” se refere a uma inversão nos papéis sexuais, onde se acreditava que a própria natureza se fez cúmplice da mentira sexual.

Havia uma visão negativa destes estereótipos da inversão e da relação entre os indivíduos do mesmo sexo. Porém, Foucault (1994) ainda ressalta que esta imagem já percorre desde séculos atrás, onde já estava nitidamente delineada na literatura greco-romana da época imperial.

O entrevistado 6 POA relata:

E daí fui para o 2º grau. Mas desde pequeno as pessoas te chamam de veado, mas tu não tem noção do que tu é [...] da tua sexualidade [...] Eu era ingênuo. Hoje essas gerações mais novas são diferentes né. Hoje com menos de 14 elas já sacam tudo. E eu tinha o fator medo, por não conhecer outras pessoas que são *gays* [...] Daí então, fui para o 2º grau e namorava meninas e ao mesmo tempo me drogava [...] vejo hoje como uma auto agressão em me drogar, beber muito pra poder superar os namoros eu acho, uma proteção [...]. Porque não sabia o que era. E tinha uma cobrança de ter uma namorada, mas na real eu queria era ser elas, mulheres bonitas. Eu amava mas era um amor diferente, não é sexual né. E daí só tinha 3 veados em Porto, que eu conhecia ne [...] eu o J e o F. Então quando eu me descobri eu namorava, mas não aceitava. Até minha melhor amiga dizia que *gay* era feio. Que os *gays* eram tristes [...] e eu negava.

No século XVIII, a homossexualidade perde a referência bíblica tornando-se um pecado contra o Estado, a ordem e a natureza. Além disso, a homossexualidade ainda era considerada uma aberração, uma confusão da natureza, não sendo reconhecida como uma identidade (GREEN, 1985, p. 230).

O entrevistado 4 POA diz: “[...] sou da geração que era proibido ser *gay*, que era vergonhoso, que era marginal, ou era afetadíssimo.”

Durante anos, médicos e cientistas procuraram encontrar a cura ou pelo menos um meio de intervir de forma científica, física ou psicologicamente, na dita anomalia que acompanhava as pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo (TREVISAN, 2007, p. 98).

O entrevistado 1 CX informa que: Eu me percebia diferente dos outros meninos, eu me sentia diferente mas não sabia o que era essa diferença.

1 CX continua em outro momento falando:

[...] numa Avenida de Curitiba eu olho uma mulher lindíssima, cabelão enorme, e eu digo meu Deus que mulher linda e ela foi a mãe do meu filho. Daí eu me relaciono com ela e achei que tudo antes não tinha passado de uma fase da adolescência, sei lá eu, uma perturbação, eu não sou *gay* [...]. Porque ninguém quer ser anormal. Porque a homossexualidade é taxada como anomalia, até porque a homossexualidade sendo uma anomalia o heterossexual se sente melhor. É um questionamento que pode ser melhor observado, do tipo nossa eu hetero sou normal, o homossexual é anormal, o travesti [...] e daí eu me senti muito bem sendo normal.

No século XIX, iniciaram os estudos na tentativa de explicar cientificamente o fenômeno da homossexualidade, mas resultaram ineficazes as pesquisas referentes aos fatores hereditários, assim como estudos antropométricos e experiências com dosagens hormonais. Passou-se, então, à abordagem neuropsicológica (FREUD, 1996, p. 67).

O entrevistado 3 CX nos diz:

[...] minha descoberta, o meu entendimento da minha sexualidade veio a ser em 1992. No início tu não sabe direito o que tá acontecendo contigo. Chega num ponto que tu diz assim, meu melhor amigo, tu vê ele ficando com as meninas e tu fica com ciúmes dele e vê que ele também não tá entendendo, cara hétero é coisa.

No início do século XX, Freud explica a homossexualidade masculina como uma intensa ligação edipiana materna. Na adolescência, incapaz de renunciar a ela como objeto sexual, o rapaz identifica-se com a mãe, 'transforma-se' nela e passa a buscar objetos a que possa amar e de que possa cuidar da mesma forma como foi amado e cuidado (FREUD, 1996, p. 67).

4 POA fala do seu apego com a mãe:

Meu pai para mim é um completo estranho, sabe, nunca foi um pai zeloso vamos dizer assim [...] ele é um estranho. Minha mãe é assim, ela fez algumas coisas erradas, mas eu gostava muito dela, e mãe pra *gay* normalmente é algo muito importante, mesmo que faça errado e tal [...] é a mãe.

6 POA continua na mesma linha de pensamento:

A presença da minha mãe foi muito importante. Mas eu vejo que nem pras minhas irmãs, a presença do meu pai foi super importante pra elas né. Então eu era o filhinho da mamãe, e elas as filhas do papai. Mas se eu tivesse dinheiro eu teria filho sim. O G. (namorado de 6), não quer, mas eu teria. Tendo dinheiro pra ter babá, ficar até tarde, daí eu ia curtir o final de semana, mas não tenho estrutura financeira e acho que nem psicológica (risos) não sei [...] Porque também como eu tenho dor, não sei se consigo carregar uma criança, tem que pegar no colo [...] então isso também dificulta.

Freud (1969, p. 32) inicia o primeiro ensaio, denominado "As aberrações sexuais", opondo-se à opinião popular a respeito da sexualidade:

A opinião popular faz para si representações bem definidas da natureza e das características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção. Mas temos plena razão para ver nesses dados uma imagem muito infiel da realidade; olhando-os mais de perto, constata-se que estão repletos de erros, imprecisões e conclusões apressadas (Freud, 1969).

A teoria freudiana foi uma contribuição de relevância para o esclarecimento de numerosos aspectos do comportamento humano e, uma vez que retira a homossexualidade

masculona do campo da moral, no entanto, ainda o encara como uma manifestação patológica.

Durante essa fase inicial de entendimento e afirmação da sua sexualidade, alguns homossexuais se testam até internalizarem a sua condição e assim gerar uma aceitação por eles mesmos, como relata 5 POA:

Essa coisa foi muito importante por que eu sempre assumi muito cedo essa questão e de uma forma muito positiva [...] eu sempre me impus. E até mesmo dentro do banco, e lá eu tive também relacionamento com mulheres, várias mulheres, e aí era uma confusão [...] daí nesse período eu tava ainda querendo fazer dois lados, daí tudo que caía na rede era peixe. Depois passou uns anos e eu comecei a assumir de fato a minha orientação, e daí não tive mais relação com mulher a partir disso, perto de 94 [...] por aí. Daí eu fui embora daqui [...] fui embora do RS.

Segundo Silva (2000, p. 20), foi por meio de movimentos de liberação homossexual, sobretudo após o incidente de Stonewall em Nova York em 28 de junho de 1969, que surgiu o termo *gay* como forma de apagar o teor psiquiátrico do termo homossexual, instaurando a luta política.

6 POA também relata sua experiência: “Daí eu vim e assumi..assumi pra mim mesmo né, que eu gosto disso, que eu gosto de sexo com homem [...] Não é sair por aí dizendo eu sou *gay*, sou veado [...] Foi em termos de atitude.”

Em 28 de junho de 1969, durante uma investida da polícia de Nova York em um bar conhecido por ter grande clientela *gay*, o Stonewall, em Greenwich Village, cansados das humilhações, os *gays* que estavam no bar como forma de resistência a polícia, trancaram os policiais dentro do bar e atearam fogo no local. A partir daí iniciou-se uma batalha que envolveu milhares de pessoas, durando toda a madrugada do dia 28, prolongando-se até o início do outro mês. Um ano após a rebelião, cerca de 10 mil homossexuais e simpatizantes, provenientes de diversos estados norte-americanos manifestaram-se nas ruas de Nova York, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando por seus direitos. Diante desse fato, o dia 28 de junho foi instituído o *Dia Internacional do Orgulho Gay* (OLIVEIRA, 2006, p. 31-32).

Ainda no final dos anos 1960, o movimento *gay* buscava acabar com o sistema marginalda homossexualidade. Ativistas *gays* se articulavam com os movimentos de liberação dos direitos dos negros e da mulher então atuantes, e este movimento americano se expandiu para o mundo e influenciou os grupos *gays* brasileiros (TREVISAN, 2007, 178).

E esse assunto é uma questão bastante atual se olharmos o Plc 122 de autoria da Deputada Fátima Bernardes e relatoria do Senador Paulo Paim que visa a criminalização da



homofobia, o qual tem como norte a identificação com a lei do racismo na sua estrutura, fazendo um movimento contra o ódio e a violência (PAIM, 2013).

No Brasil, segundo Trevisan (2007, p. 178), no decorrer do século XIX, o homossexual possui o mesmo tratamento desviante que tinha a Europa. A medicina utilizava abordagens científicas sobre as “perversões sexuais” com base na teoria de gênero da sociedade brasileira. Juízes, especializados em Direito Criminal, utilizavam conceitos psiquiátricos alertando a expansão da pederastia no Brasil.

Os psiquiatras prescreviam a homossexualidade como “inversão congênita ou psíquica” (TREVISAN, 2007, p. 178), assim, a homossexualidade passa também à categoria identitária. A homossexualidade foi marginalizada e estigmatizada pela sociedade brasileira e, durante décadas, foi vista como doença e perversão. Geralmente, os homossexuais brasileiros apareciam nos jornais nas páginas policiais ou em reportagens sobre o Carnaval (GREEN, 2006, p. 230).

Segundo Green (2006, p. 230), com objetivo de mudar o pré conceito que a sociedade brasileira tinha dos homossexuais nas décadas de 1960 e 1970, houve lentamente uma organização dos homossexuais no Brasil e criou-se, em 1976, o Dia do Homossexual, uma comemoração marcada para acontecer no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. No entanto, o evento foi cancelado em decorrência da repressão policial.

Trevisan (2007, p. 179) relata que a história dos homossexuais no Brasil, durante as décadas de 1960 a 1980, é extremamente ligada ao autoritarismo vigente, principalmente no Regime Militar. *Gays* sofriam perseguições públicas por autoridades policiais e militares justificavam tais atos como “atentado ao pudor”, “vadiagem” ou “consumo de drogas”. A partir da metade da década de 1980, com a redemocratização da sociedade brasileira, com a publicação da nova Constituição Federal de 1988, a questão da homossexualidade voltada para a noção de identidade *gay* tornou-se mais eminente. A militância homossexual reduziu-se a poucos ativistas, mas tinha uma representatividade firmada principalmente pelo Grupo *Gay* da Bahia (TREVISAN, 2007, p. 231).

Uma constatação feita através das entrevistas realizadas é que nenhum dos entrevistados participaria de paradas *gays*, consideram que no início era um movimento de reivindicação de direitos, mas acreditam que o ato perdeu seu norte e deturpou-se, virando uma passeata exibicionista e muitas vezes agressiva na sua forma de exposição como diz a fala do 4 POA:

Parada *gay*, eu não vou e acho péssimo. Acho uma agressão. Se a questão é reivindicar, protestar, por que precisa fazer coisas que são aberrações, e agressões?



As pessoas ficam peladas na frente das crianças, se agarram e fazem coisas que eu só entendo como agressão, e não como protesto e mostrar a realidade *gay*. Eu não sou àquela realidade. Isso é coisa para quem não é seguro do que é e querem que os outros engulam.

Ainda com base nessa luta por ser aceito, temos o entendimento de 1 CX sobre essa questão:

E as pessoas quando querem ser aceitas, elas partem para a agressão na maioria das vezes, e eu percebo isso no homossexual feminino. Ela ta vindo agredindo, ta vindo masculinizada, ta vindo beijando na boca no meio da rua. Daí fico me questionando, a pessoa pra ser aceita ela faz isso, enquanto me parece que nem ela mesmo se aceita.

Os anos 1990 foi um período de inclusão de homossexuais em vários campos da sociedade. O “consumo guei” (TREVISAN, 2007, p. 231) passou a crescer muito no Brasil e revelou à sociedade a necessidade de consumir a partir dos anseios homossexuais. Assim, em todo Brasil, surgiram vários jornais, revistas e produtos dirigidos ao público *gay*, que passa a ser visto como um consumidor que tem dinheiro, ou seja, o que se costuma chamar de nicho de mercado.

Com a adaptação brasileira da expressão americana *gay friendly*, a sigla *Gays*, Lésbicas e Simpatizantes (GLS) projeta os homossexuais para espaços mais amplos e aumenta a visibilidade da pluralidade homossexual no país. Nos últimos anos, a sociedade brasileira acompanhou o crescente movimento dos *gays* em todas as capitais como as Paradas *Gay*, Lésbica, Bissexual e Transgênero (GLBT), que reúnem milhares de pessoas e os personagens *gays* em novelas e programas de televisão.

Segundo Rios (2001, p. 31), o estudo de quatro concepções pode fornecer um quadro acerca das diversas visões sobre a homossexualidade: a homossexualidade como pecado, a homossexualidade como doença, a homossexualidade como critério neutro de diferenciação e a homossexualidade como construção social.

Na primeira concepção, a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, se torna pecaminosa e moralmente reprovável, pois condena todo o tipo de manifestação sexual extra conjugal e toda prática sexual que não possua fins reprodutivos (RIOS, 2001).

Na segunda, os atos homossexuais são vistos como sintomas de uma doença, onde a presença destes identifica o indivíduo como homossexual, que é a contraposição de uma pessoa saudável em perfeitas condições, identificada como heterossexual (RIOS, 2001).

A terceira concepção surge das mudanças sociais e econômicas que permitiram a realização de uma consciência coletiva por parte dos homossexuais, enquanto grupo social específico, ou seja, os movimentos e organizações sociais deste grupo, são grande influência

para esta concepção, assim como a crise familiar, a revisão da segunda concepção, entre diversos outros (RIOS, 2001).

Na quarta e última concepção, a homossexualidade significa classificar a identificação de alguém ou da realização de seus atos sob uma ou outra orientação sexual. Porém, este pensamento só tem sentido a partir do momento em que houver a institucionalização de papéis e de práticas próprias para cada um dos sexos, onde a atração pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto seja considerada relevante, a ponto de impor diferenças. Dessa forma, a condição homo ou hetero se torna um critério de distinção, seja ele relevante ou não, dependendo de cada cultura (RIOS, 2001).

Com o passar do tempo, o indivíduo homossexual vem quebrando cada vez mais paradigmas e idéias pré-concebidas pela sociedade. Criam-se mudanças, que surgem a partir de possíveis revoluções científicas.

Kuhn (1991, p. 125) revela em seus estudos que as revoluções científicas são episódios de desenvolvimento não cumulativos, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior. É possível tentar proclamar que quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Assim, é possível orientar os olhares para novas direções.

Com base nesse estudo, é possível gerar possíveis exemplos de paradigmas quebrados pelos movimentos sociais dos homossexuais. Entre eles, destaca-se a retirada do termo homossexualismo da lista de doenças mentais da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013), em 17 de maio de 1990 e passa a ser falado em homossexualidade, como orientação sexual. Ser homossexual já não é mais visto como doença, pelo fato de ter sido comprovado que não há nenhuma diferença entre a saúde mental de um heterossexual e a saúde mental de um homossexual. Esta vitória já colocava um fim nas ideias de algumas pessoas portadora do preconceito.

Outra quebra de paradigma de grande consideração e bastante recente, foi o reconhecimento da união homoafetiva aprovado por unanimidade pelos ministros do Supremo Tribunal Federal (2012), na votação realizada em cinco de maio de 2011. Com mais esta conquista, homossexuais garantiram o direito de poder constituir uma família, havendo um reconhecimento legal. É dessa forma que o indivíduo homossexual vai ganhando cada vez mais o espaço de cidadão, onde homossexuais e heterossexuais possuam os mesmos direitos, sem a criação de diferenças, porém, ainda há muito por fazer.

É preciso deixar claro para a sociedade que a questão da homossexualidade não deve ser considerada como uma opção, mas sim como uma condição. A questão não é buscar

um motivo para a existência do indivíduo homossexual, e sim o porquê que a sociedade se considera heterossexual.

Em relação à sexualidade Franco (2012) destaca:

Percebe-se que a eliminação das amarras e dos véus que envolvem o temadificilmente serão retirados. Mesmo argumentando que vivemos em uma época de mais liberdade e, na visão de alguns, permissividade excessiva, um olhar mais atento percebe é que a regulamentação da esfera sexual não se dá em forma de um banimento e sim, como coloca Foucault, de uma normatização e, no nosso contexto mais específico, de uma obrigatoriedade. O corpo (é a experiência existencial através desse corpo no campo da sexualidade), segue sendo um espaço ideal da biogovernamentalidade), segue sendo o espaço ideal da biogovernamentalidade na medida em que a erotização, em forma de promessa de coito, seja um dos motores de nossa sociedade consumista em sua relação com os meios de comunicação e publicidade, o que tem reflexos imediatos nas mais diversas áreas da vivência humana (FRANCO, 2012, p. 108).

Segundo Butler (1997), quando a afirmação da identidade é reconhecida como uma necessidade política, a heterossexualidade funciona como o oposto que reafirmará a coerência da identidade homossexual. Altera-se, assim, a “perda constitutiva” da identidade de gênero. Nesse caso, é a heterossexualidade que será reprimida e experimentada apenas como melancolia. No entanto, diz ela, isolar a heterossexualidade na psique produz o mesmo efeito da repressão à homossexualidade. Inviabilizar a externalização da homo ou da heterossexualidade implica classificar a sexualidade em blocos monolíticos e excludentes. Apelando para a coerência e estabilidade da identidade homossexual, *gays* e *lésbicas* reproduzem a exclusão que está inscrita no processo de subjetificação heterossexual (BUTLER, 1997, p. 149).

E esse entendimento se faz necessário principalmente dentro de casa. 1 CX coloca a sua experiência:

[...] que quando eu sento e digo para a minha mãe que eu me entendia homossexual, ela rapidamente diz, mas meu filho, tu tem um filho, tu é tão bonito por que isso??? Daí eu digo, mãe, eu sou só homossexual, eu não violento vovózinhas, não estupro criancinhas, não estou fazendo mal nenhum, só estou em busca da minha felicidade. E ela entendeu isso.

Nascer em uma sociedade que já possui uma maior aceitação dos indivíduos com orientação homossexual, não faz com que um ser humano obedeça a diferentes regras e leis, impostas por uma sociedade que se diz heterossexual. A maioria das pessoas vivem acomodadas e não adquirem a percepção de se tomar uma iniciativa para que isso mude. Claro, devemos considerar que as lutas sociais estão trazendo cada vez mais resultados. Entretanto, é preciso mostrar que é possível acabar com este preconceito através de

informação, buscando, dessa forma, acabar com as restrições e paradigmas sem conhecimento que a sociedade impõe.

Mesmo com toda a evolução da mentalidade social no transcorrer da história, podemos observar que, mesmo com as mudanças ocorridas no Brasil, a homossexualidade ainda é tida como uma prática sexual marginal.

Relato de uma experiência assim é a fala de 4 POA: “E hoje em dia tu ainda ouve das clientes dizendo assim, há eu preferia o meu filho ser *gay* que ladrão ou drogado né. E daí eu ainda digo pra elas, é mas ele pode ser *gay*, ladrão e drogado (risos).”

Também é visível na fala dos entrevistados que no início do seu entendimento como homossexual, eles mesmo se mostraram confusos e com pensamentos pejorativos, equiparando a homossexualidade como algo aquém da sociedade, como demonstra a fala do entrevistado 2 CX, “eu nasci assim, e se talvez pudesse optar acho que teria esposa, teria filhos, uma casa normal como talvez a sociedade dita.”

Em um país predominantemente católico a questão da homossexualidade ainda é discriminatória, o que atrapalha as pessoas que têm relação com pessoas do mesmo sexo de usufruírem da mesma liberdade e dos mesmos direitos dos heterossexuais.

O deputado federal pastor João Campos (PSDB-GO), em 2011, criou um projeto de decreto legislativo que pretende suspender resolução do Conselho Federal de Psicologia que, desde 1999, impede os psicólogos de tentar curar a homossexualidade. Para Campos, a resolução fere o direito constitucional de psicólogos e pacientes. Em recente entrevista para o jornal *Estadão.com* ressalta “Estou zelando pela Constituição”, disse ao defender, no ano passado, a proposta. “Eu não estou tratando de cura *gay*” (DUALIBI, 2013).

O polêmico projeto de Campos, que é alvo do Conselho Federal de Psicologia, está na Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Em março do corrente ano, o presidente da comissão, Marco Feliciano (PSC-SP), também pastor, indicou o deputado Anderson Ferreira (PR-PE), outro pastor, para ser o relator da proposta (DUALIBI, 2013).

O mesmo deputado Ferreira acaba de conceder parecer favorável ao texto, em suas palavras. Na mesma entrevista para a jornalista Julia Dualibi do *Estadão* defende que:

O projeto de decreto legislativo em tela nada mais significa que a sustação da norma editada pelo referido Conselho, até que haja apreciação judicial que decida a questão levantada. Seu texto constitui uma defesa da liberdade de exercício da profissão e mesmo da liberdade individual de escolher um profissional para atender a questões que diz respeito apenas à sua própria vida, sem prejudicar outrem, afirmou o deputado (DUALIBI, 2013).

Complementando a entrevista o Deputado Ferreira afirma a questão como se a homossexualidade fosse uma questão de comportamento, e o mesmo pudesse ser mudado, revertido, curado e não pensando em um tratamento psicológico para propiciar aceitação e entendimento da sua orientação, que sim causam várias confusões e alterações até que a pessoa tenha clareza da sua condição. Esse parecer regride no mínimo 20 anos na história e infringe o entendimento do Conselho Federal de Psicologia (CFP) (DUALIBI, 2013).

### 3.1 A Formação da Identidade na Adolescência

A adolescência é o que designamos a etapa de vida do ser humano situada entre onze e vinte anos. Marcada pela transição da infância para a fase adulta, é caracterizada pelas mudanças físicas, hormonais e emocionais. Esta é uma fase em que o ser humano se depara com uma diversidade de conflitos e novas situações, o que torna a adolescência num período de escolhas. Muitas delas são decisivas para os acontecimentos futuros em nossas vidas.

Vitiello (1994, p. 10) define adolescência como: uma fase de transição, durante a qual se perde a criança e se pode adquirir um adulto. É neste período que a maturidade biológica e sexual é atingida, se define a identidade sexual e, potencialmente, é onde se define o espaço social de homem ou mulher. Segundo Souza e Novais (1997, p. 299), a adolescência é a segunda idade do ser humano, cuja qualidade é quente e seca, e dura desde os quatorze anos até os vinte e cinco.

Aberastury (1981) apresentou de acordo com os seus estudos o seguinte aspecto sobre adolescência:

Literalmente, adolescência (latim, adolescência, ad: a, para a + olescere: forma incoativa de olere, crescer) significa a condição ou o processo de crescimento. O termo se aplica especificamente ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cuja idade ocorre aproximadamente dos 13 aos 21 anos. Este período é caracterizado por mudanças significativas de crescimento e de mudanças ocorridas em seu corpo, as quais impõem ao adolescente um novo papel frente ao mundo exterior. Estas mudanças são marcantes na vida da criança, uma vez que, queira ou não a mesma, vê-se obrigada a entrar no mundo dos adultos. Pode-se dizer que a primeira entrada é através do crescimento e, posteriormente através de suas capacidades e de seus afetos (ABERASTURY, 1981, p. 89).

Neste período, as mudanças psicológicas do adolescente, que estão relacionadas com as mudanças físicas, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. A identidade infantil se perde de forma lenta, juntamente com a maneira de convívio que os pais tinham àquela criança. A partir do momento em que o adolescente percebe a sua inclusão no

mundo, junto com o amadurecimento que o seu corpo está adquirindo, inicia-se uma mudança de identidade e busca de uma ideologia que possa adaptá-lo ao mundo ou até criar ações para a tentativa de mudá-lo.

Através do desenvolvimento deste processo de adaptação ao mundo, é possível perceber no adolescente o início da formação de uma identidade, que identifica a pessoa, os seus valores e as direções e objetivos que pretende tomar ao longo de sua vida, tornando-o único. Esta identidade é produto de influências hereditárias e do meio social em que vive, além das experiências pessoais vividas. Porém, é importante ressaltar que o adolescente se apresenta como vários personagens, ou seja, possui uma combinação de várias identidades e não só de uma.

Diehl e Machado (2001, p. 56) diz que ainda na infância, a pessoa assume determinadas personalidades próximas, que são os pais, os avós e os parentes, os quais colocam no processo de apreensão do mundo, no que é mais ou menos importante, ou no sentido de quais normas devem ser seguidas. Na adolescência, se adquire diversos aspectos e características da sociedade, mas não pode abrir mãos dos seus próprios. É esta dificuldade que cria um grande obstáculo a ser enfrentado: a definição da identidade sexual.

Com relação a essa questão, temos a fala de 1 CX:

O homossexual tem uma relação muito visual. Ele vem, me abraça, me beija, praticamente me violenta, e aquilo tudo era muito bom. Daí termina aquela coisa e eu penso aí que bom, eu não sou *gay*, eu não fiz nada com ele, eu não beijei, eu fui beijado, não amassei fui amassado, mas adorei aquilo tudo (risos) e daí então eu me entendo homossexual [...] e isso passa da noite para o dia como dissesse hoje eu sou gremista ou do inter, normal assim. A partir daí eu conheço esse meu namorado que á 20 anos estamos juntos, fez agora dia 18 de novembro de 2012.

Se já é complexo criar a própria personalidade como um todo, a identidade sexual, em específico, é algo que pode gerar inúmeras dúvidas para o adolescente. Mais ainda quando as primeiras manifestações e atrações sexuais são por pessoas do mesmo sexo. Este envolvimento acontece com frequência quando o adolescente esta se descobrindo e experimentando o que é ser homem, buscando amigos para brincadeiras e vivências sexuais. Entretanto, quando esta fase de experimentação acontece, a maioria dos adolescentes nem pensam em homossexualidade, pois, justamente, o que vem em mente é que são apenas experiências. Isso se dá porque é mais comum que se crie, futuramente, um objeto sexual por pessoas do sexo oposto. Mas são essas experiências que contribuem na construção da identidade sexual futura. Foucault (1985, p. 136) já afirmava em seus estudos que as relações entre homens eram incontestáveis.



4 POA nos conta a sua experiência inicial como uma brincadeira de criança, que não sabe bem ao certo o que está acontecendo:

[...] eu me contive muito com isso, e daí, bom eu também fui violentado pelo meu primo quando tinha 6 anos de idade. Eu não sei se isso me fez homossexual ou se nasci homossexual, como eu era muito novo e ele tinha 15 anos. Já era um menino, e hoje ele é casado. E hoje eu não sei o que ele é, porque na verdade a gente teve tipo uma relação, por que isso foi dos meus 6 aos 12 anos, continuava isso pelo fato de que ele ia contar para minha tia se eu falasse, como se eu fosse o culpado da história [...] essas coisas.

5 POA também relata o quanto a fase da adolescência é um momento difícil e de muitas dúvidas para o homossexual:

[...] agora me reportando lá no início. Caxias, quando morava lá, de garotinho pequeno eu já percebia que eu tinha problema né. Já sentia atração, já sentia tudo. Daí eu era extremamente tímido. Tinha muito medo, um medo das pessoas, um medo de falar. Eu vivia 24 horas na minha cabeça que as pessoas estavam me olhando e me vendo *gay*. Então era terrível, foi um momento horrível da minha vida.

A primeira manifestação presente quando se percebe uma atração por alguém do mesmo sexo, é sentir-se diferente sem saber o real motivo. Por meio disso, o desejo sexual por determinado sexo se torna crescente e progressivo. A presença da homossexualidade vai se fixando cada vez mais com tais fantasias e experiências, e a identidade sexual vai ganhando forma.

5 POA diz: “Quando vim pra POA eu namorava uma guria. Mas aí que eu comecei a descobrir as coisas, os lugares [...]”

É difícil que o adolescente assuma a sua homossexualidade neste período. A divulgação desta característica envolve pessoas muito próximas, como pais e colegas de escola, que nem sempre aceitam esta orientação de forma adequada. Junqueira (2009, p. 15) nos diz que a escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT. É por isso que muitos homossexuais manifestam a sua orientação sexual apenas quando já se sentem mais independentes e seguros diante do preconceito da sociedade.

5 POA nos coloca essa dificuldade que passou na escola:

Daí uma professora que eu tinha, que era de educação física, forçava muito essa coisa de futebol, jogar e eu não quero [...] educação física eu fazia, mas não conseguia me expressar o que eu queria. Tanto é que se ela me colocava no meio do campo eu ficava parado, não me mexia, a bola vinha e eu não me mexia, aí ela me tirou. Aí eu lembro desse episódio que ela foi falar pro meu pai que eu tinha um problema, só que ela estapolou, só que eu não me lembro, ela disse que eu me relacionava só com as gurias assim [...] e ela disse pra ele isso, que eu não participava do futebol essas coisas, e que eu me relacionava mais com as gurias. Ela

quis dizer né, ele tem tendência *gay*. E o meu pai como era uma pessoa de pouco conhecimento, era analfabeto, tinha a cultura dele, cabeça dele, jeito dele. Extremamente rigoroso, forte né, por que ele era dominador e ele era extremamente correto da maneira dele. A visão dele daquilo era real.

6 POA também traz a sua experiência:

Então seja na aula, na faculdade tu tem que ser o melhor, em tudo que tu faz. E isso facilita na aceitação de todos, no respeito. A pessoa te vê como o 6, e não como *gay*. Ela te vê como profissional primeiro. Que nem, eu trabalho na noite né. Então as pessoas me conheciam mais como 6 [...] do que como *gay*, a bicha da porta.

Enfim, é possível perceber que a adolescência é o momento decisivo para o futuro do indivíduo. Além de todas as mudanças que estão prestes a ocorrer, a adaptação ao mundo e a criação de uma identidade são cruciais para muitas definições que vão se formando com o passar do tempo. Para os homossexuais, é a etapa onde se conhece o meio em que se está inserida, através das experiências, não só sexuais, mas também sociais.

### 3.2 O envelhecimento e a homossexualidade

O desenvolvimento do envelhecimento não traz características específicas para quem é homossexual. O processo é o mesmo para qualquer ser humano, independente de orientação sexual. O que realmente pode mudar é a maneira de como a velhice é aceita e tratada. Existem diversas variáveis que dificultam a aceitação da terceira idade para os homossexuais. A aparência física é uma delas, e é motivo de preocupação para a maioria dos *gays*.

Hoje, na cultura contemporânea em que estamos inseridos, determinado modelo de corpo é uma riqueza, talvez o mais desejado pelos indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais pobres, que percebem como um importante veículo de ascensão social. Nesse sentido, além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social, desde que seja um corpo *sexy*, jovem, magro e em boa forma, que caracterize como superior aquele ou aquela que o possua. Claro, tudo isso conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício (GOLDEMBERG, 2009, p. 15).

6 POA nos fala que:

[...] eu faço várias coisas pra me ajudar, eu faço academia, fisioterapia. Eu não foco, realmente eu não foco, se não eu vou sofrer por antecedência, e também pode não me acontecer nada [...]. Se cair meu cabelo, ok [...] se precisar fazer butox, ainda acho que não precisa, mas se precisar ok [...] vou fazer [...].



Assim como as mulheres heterossexuais, os homens *gays* demonstram grande preocupação com o corpo na velhice. Manter a juventude e a vitalidade tornam-se aspectos fundamentais para quem está envelhecendo. O prestígio idealizado e criado pela sociedade para certos padrões de corpo fazem com que homossexuais busquem soluções para manterem-se iguais, assim como diz Goldemberg (2009, p. 15), que os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que têm prestígio em sua cultura.

Através do questionário todos os seis entrevistados responderam que possuem preocupação com a aparência física, três deles já fizeram cirurgia plástica/estética e dois estão pensando em fazer, mas a um deles o fator medo está falando mais alto por enquanto.

Como já mencionado, o aumento do número de idosos na população brasileira e a longevidade é algo perceptível nas projeções demográficas. Pesquisas informam a queda na taxa de natalidade e mortalidade infantil, e um notável envelhecimento populacional. Nesse sentido, verifica-se uma ampliação nos estudos acerca do envelhecimento humano de modo que possibilite uma maior compreensão acerca deste fenômeno.

Idosos homossexuais fazem parte desse grupo crescente de idosos na população brasileira, contudo estudos sobre envelhecimento que contemplem a homossexualidade ainda são escassos (MOTA, 2009, p. 56).

Percebe-se que o idoso homossexual sempre existiu, porém o mesmo procurava ficar mais na sua privacidade, buscando não se expor já que a sociedade não os via com bons olhos. Com o avançar dos anos e inúmeras mudanças de conceito, os *gays* foram “saindo do armário”, como diz o termo popular; e essa exposição se dá a partir do momento que a sociedade não os vê mais como doentes e é legalizada a união estável no Brasil pelo STF.

Em um artigo sobre a temática do envelhecimento de homens maduros homossexual, Mota (2009, p. 56-61) adverte que: “(...) nos últimos anos o estudos sobre velhice no Brasil tem ganhado amplitude nas ciências sociais. Contudo, pesquisas sobre a homossexualidade e o envelhecimento no âmbito das experiências cotidianas são ainda incipientes, aspecto que revela certo silêncio a respeito da extensão e complexidade que envolve o tema”.

Através da pesquisa vislumbra-se que todos os entrevistados disseram viver o presente, não costumam pensar em suas vidas para daqui 5, 10 ou 15 anos. Somente um considera pensar, no máximo, como seria a sua vida daqui a cinco anos, apesar de já ter se dado conta do seu processo de envelhecimento.

Como exemplo desse quesito temos a fala do entrevistado 1 CX:

Olha, eu to assim, vivendo o meu presente, mas sei que daí pra frente a jaca começa a descer a lomba (risos) e daí não tem como não pensar no futuro. E o futuro que é absolutamente incerto me parece estar com um complemento bem legal quando eu tenho o meu filho, que tem uma convivência comigo, eu tenho a minha nora, o meu companheiro.

A despreocupação com a velhice também é nítida na fala do entrevistado 6 POA:

Então, eu sou uma pessoa que não penso no futuro né. E eu acho que se tu faz o bem [...] como eu cuidei da minha mãe, um dia alguém vai te cuidar. Eu acho que tu tem que ter uma garantia de dinheiro também pra pagar alguém para te cuidar, pagar uma enfermeira se precisar. Então esses cuidados tem que ter. mas eu não penso na velhice.

O entrevistado 6 POA, complementa: “Então eu estou me preparando para estar legal hoje aos 40, pra estar legal aos 50, em curto prazo né. Não penso em longo prazo. E a velhice qualquer ser humano tem que aceitá-la né”.

Também 1 CX confirma a tese da despreocupação com o envelhecimento: “vivo muito o presente tá tudo legal assim. Não tenho essa questão assim o lá na frente, o que me importa é o hoje.”

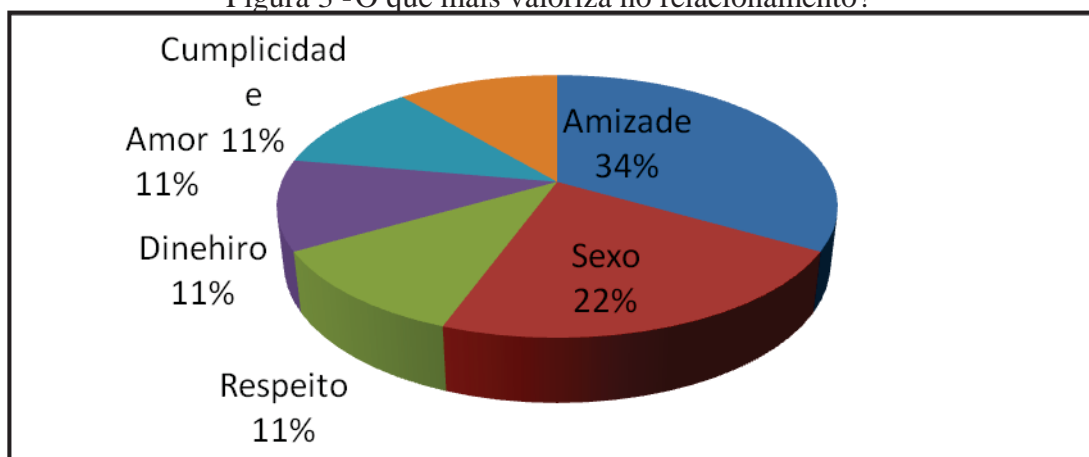
O pensamento é reafirmado na fala de 2 CX: “Então vamos aproveitar o hoje, e claro deixar um resguardo pro amanhã pra viver bem o amanhã, mas pensando no hoje.”

De acordo com Mota (2009, p. 59), porém, o estudo acerca do envelhecimento de *gays* masculinos não pode desconsiderar as mudanças e as variações de sentimentos e significados acerca da questão da homossexualidade de um certo número de indivíduos que vivenciaram transformações históricas no estilo de vida das experiências *gays*.

No começo da década de 1970, John Gagnon e William Simon afirmaram que os homossexuais contavam com menos recursos psicológicos do que os seus correspondentes heterossexuais para enfrentar a crise do envelhecimento. Simon e Gagnon (1999, p. 29) situavam o início dos sentimentos de declínio, para os homens homossexuais, já na passagem dos trinta anos, ou, no mais tardar, aos quarenta, numa idade em que o declínio da atratividade sexual entraria em tensão crescente com o estilo de vida centrado na relevância da sexualidade.

Na pesquisa percebeu-se uma grande valorização da amizade, ficando o sexo em segundo lugar, seguido pela cumplicidade, o respeito, o amor e o dinheiro, conforme gráfico, levando em conta que cada entrevistado podia escolher mais que uma opção:

Figura 3 - O que mais valoriza no relacionamento?



Fonte: Quadro construído a partir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

Nesse sentido ressalta o entrevistado 4 POA reflete:

Vou dizer para ti, agora vem a idade (risos), a gente vai envelhecendo e a gente vai dando valor a outras coisas, sabe. Sexo é muito bom, eu amo fazer sexo, mas assim, não é tudo na vida. Mas ser casado e fazer sexo com meu companheiro me mantém mais feliz. Ser casado com o A. muito mais porque a gente é bem integrado.

Também se constatou uma grande preocupação com a questão financeira, já que a maioria já se deu conta de que está envelhecendo, porém sem o desejo de falar muito sobre o assunto nem de fazer planos, mas estão cientes de que para um envelhecimento saudável além de saúde é necessário estar prevenido financeiramente para sustentar as consequências que a idade impõe.

O entrevistado 1 CX diz:

Bem, pra um envelhecimento saudável seria legal qualidade de vida, poder fazer exercício, ter esse tempo e esse cuidado que eu quero começar a fazer algo ainda esse ano, tô a muito tempo parado, a questão da alimentação. Chegar lá na terceira idade com uma boa aposentadoria pra poder viajar, pra ir num quiropraxista, num massagista, acho que seria legal isso assim.

O entrevistado 2 CX complementa que:

[...] a gente vê do idoso ir correndo atrás de um SUS pra ter um remédio, agendar consulta de um ano pra dilatar uma pupila. Espero ter grana pra não precisar passar por isso. Ter uma estabilidade pra esse tipo de coisa, também viajar, curtir mais [...] porque depois dos 60 tu sabe né [...] é só problema.

Ainda, o entrevistado 6 POA ressalta:

E qualidade de vida é tudo um investimento, um investimento de dinheiro, de academia [...] fisioterapia. Tu tem que ter dinheiro pra ter qualidade de vida. Sendo gay ou não. A pessoa tem que se preocupar com a velhice, usar os recursos. Mas eu não sou neurótico em gastar meu dinheiro em butox, vou gastar em academia.

Conforme Simon e Gagnon (1999), a mudança na aparência física seria o fator principal para que a velhice fosse percebida como um aspecto negativo. Um homem com cabelos grisalhos e rugas podem compor um padrão estético atraente para os homens heterossexuais, indicadores de caráter e sucesso; mas, entre os homossexuais, seriam considerados repulsivos. Nesse sentido, o entrevistado 4 POA destaca:

Sabe assim, envelhecer não é ruim, mas pode se tornar complicado. Se torna complicado porque tu não tem mais o visso da tua juventude e isso é [...] pra um *gay*, isso é muito ruim. Porque assim, por mais que tu te veja melhor em umas fotos, tu se vê mais velho né. E pra um *gay* ser velho, é como a Vera Ficherta destruída entendeu. Porque assim, é muito encima da beleza sabe [...] é muito complicado. Tu é muito tachado. Dentro do meio existe muito preconceito, muito preconceito. Alguns podem dizer não, não sei o que [...] a Kona [...] o que aquela Konata fazendo aqui? Kona é uma bixa velha. É uma gíria antiga.

A velhice seria percebida pelo homossexual como um período de redução das oportunidades de vida, desencadeando sentimentos pesados de depressão e solidão, semelhantes aos que presumivelmente afetariam as mulheres heterossexuais solteiras ou divorciadas. Ressaltam que a passagem da velhice sem depressão dependeria do apoio de terceiros, o que na vida do homossexual seria uma grande desvantagem, porque não disporeiam de filhos e de um cônjuge, enfim, dos vínculos familiares dos quais se poderia esperar apoio.

O heterossexual tem seus filhos, cujas carreiras lhe asseguram um senso de futuro, e tem sua esposa, cuja disponibilidade sexual atenua o impacto do declínio da atratividade sexual. Além disso, a crise do envelhecimento vem mais tarde para o heterossexual, numa idade em que sua potência sexual declinou e as expectativas em relação à significância de sua sexualidade são consideravelmente mais baixas (SIMON; GAGNON, 1999, p. 30).

O entrevistado 5 POA comenta que:

Eu não gosto de relacionamento com família, daquela coisa de estarem juntos, de ir pra casa de um [...] ficar lá [...] gosto de ir na praia, encontrar, reunimos tudo bem, fizemos a festa, mas não gosto daquela coisa dia a dia, ficar junto. Gosto de ficar na minha vida, eu sozinho. Talvez agora isso me vá fazer a diferença.. Porque daí vai chegar um momento que mesmo que alguém resolva dizer não, ficar conosco não sei o que [...] eu não vou me adaptar, então eu sei lá [...] até a Mari, minha irmã que tem uma relação muito boa comigo, que é mais jovem.. mais jovem não, é a única solteira e que tem uma relação mais próxima comigo e tem um afeto muito grande [...] uma preocupação muito grande comigo, mas e se ela faltar?

Já o entrevistado 2 CX destaca que:

E assim com relação a ter filhos, eu acho que minha vida seria diferente se eu tivesse um filho com certeza, criei um sobrinho dos dois meses aos 24 anos, então a diferença seria assim, porque tu cria ele mas cria pra vida, não cria ele pra ti, não adianta, isso é padrão, é universal. Não dá pra pensar que tô criando meu filho que lá no futuro ele vai me ajudar, balela. Eu e o J (companheiro de 2) fizemos isso, mas é exceção [...] tem as raridades, mas [...] não dá pra contar e nem é pra isso que filho serve.

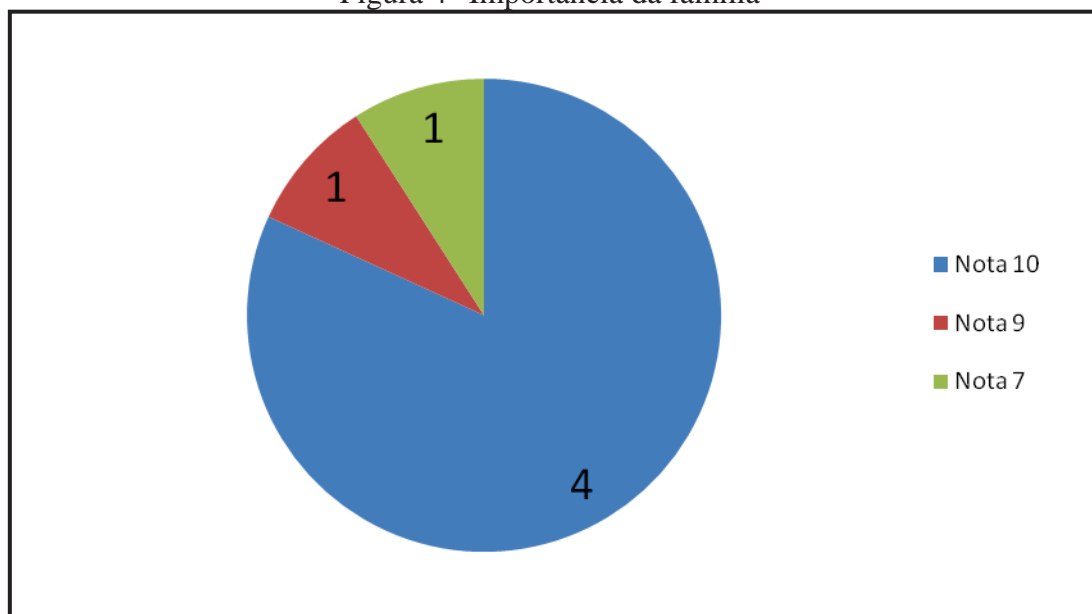
Nesse sentido, o homossexual estaria mais exposto a sentimentos como solidão, depressão e outras perturbações psicológicas uma vez que, a partir de uma certa fase da vida, geralmente a chamada meia-idade, o homossexual já estaria sentindo os efeitos do envelhecimento e conseqüentemente seu amargo fim.

A preocupação com a solidão aparece nas palavras do entrevistado 1 CX:

[...] muita gente envelhece muito antes do tempo. Porque psicologicamente as pessoas se acabam. Sentem a solidão, a síndrome do ninho vazio [...] que é uma coisa que vocês psicólogos questionam e trabalham muito nessa fase da vida. A pessoa chega lá, projeta um monte de coisas e esquece que seus filhos têm suas vidas, suas profissões, seus amores e se sentem sozinhos e enlouquecem. Por isso acredito na importância do meu relacionamento [...] e principalmente hoje. Ter alguém que eu posso contar é fundamental. Então daí ter um equilíbrio emocional, junto com um pouco de grana o que vai acarretar numa boa qualidade de velhice, não diria de vida. Mais ou menos por aí.

Como mostra disso temos a importância familiar para os sujeitos da entrevista, onde podiam escolher uma nota de 0 a 10, sendo 0 sem importância e 10 muito importante.

Figura 4 - Importância da família



Fonte: Quadro construído a partir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

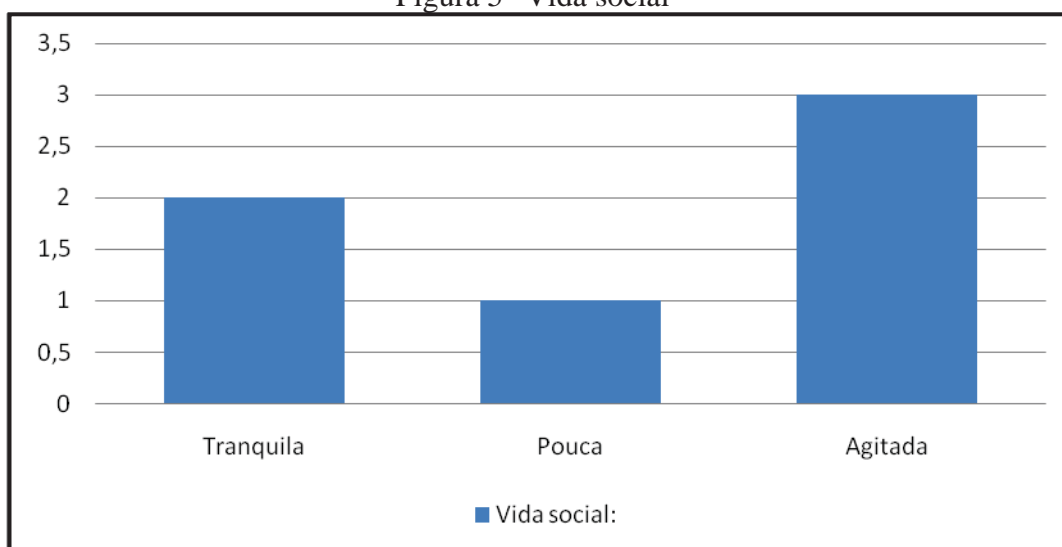
Ainda na década de 1970, outra dupla de pesquisadores, Weinberg e Williams (1974, p. 85), num estudo amplo baseado em questionários aplicados entre homens homossexuais em Nova York, Copenhague e Amsterdã, observaram que os mais velhos apresentavam um nível de satisfação e bem-estar com suas vidas mais alto do que os jovens, muito embora os pesquisadores esperassem encontrar a situação inversa.

O entrevistado 4 POA destaca que: “porque o que tem de bom com a idade é a experiência, é isso que a idade te proporciona, é a experiência, sabe.”

Simões (2011, p. 7-19), em pesquisa recente com *gays* em São Paulo, destaca que os homossexuais não se relacionam com a velhice de maneira similar que os heterossexuais. No público homossexual não encontra-se a figura sócio-cultural da “terceira idade”, considerado como um momento de recolha e isolamento. O autor nos mostra em suas pesquisas que seus entrevistados encaram a velhice de modo ativo, pois, continuam transitando pelos espaços de homossexualidade, mantendo os cuidados com o corpo, podendo ser chamados de envelhecetes.

A vida social dos entrevistados transitou de tranquila a agitada.

Figura 5 - Vida social



Fonte: Quadro construído a partir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

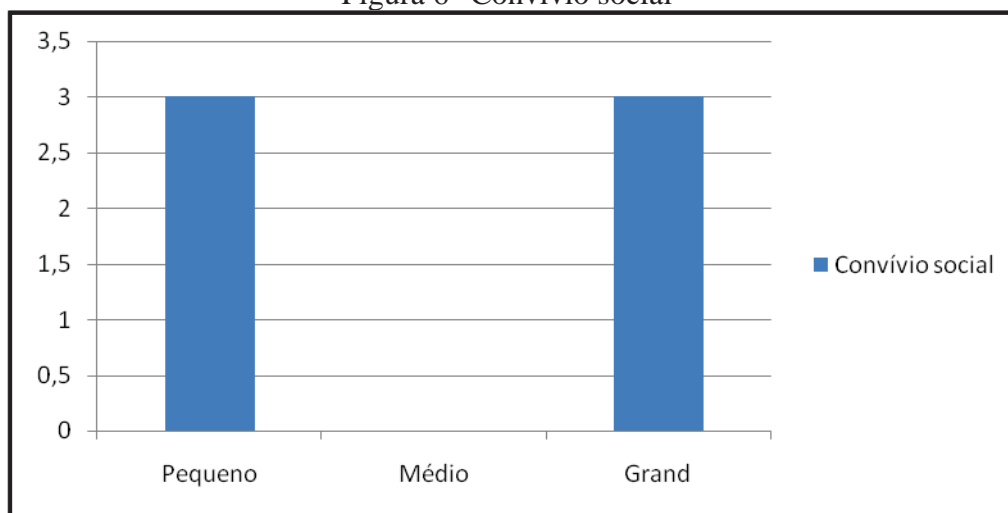
O entrevistado 4 POA complementa:

Uma vez eu tinha vinte e poucos anos e conheci um cara que tinha 35. Daí perguntei pra ele quantos anos tu tem? Daí ele disse 35. E eu pensei, nossa ele ainda sai [...] (risos) entendeu, eu já tinha preconceito, porque tu cria no meio. E assim, tu não vê gente velha saindo. Hoje em dia tu vê, cara com 40, 50, saindo, hoje em dia tu vê, mas antigamente tu não via. As boates era estritamente pra gente jovem.

Já o entrevistado 3 CX fala:

Minha vida sempre foi intensa [...] muitos namorados, muitas pessoas vai e vem. Me envolvi com muitos homens casados, comprometidos. Talvez isso me protegesse de alguma coisa. Hoje eu estou sem ninguém em termos de compromisso, mas sempre tenho um esquema ou outro. Mas é claro que eu acho importante a pessoa ter alguém pra compartilhar as coisas, e principalmente assim quando ela fica mais velha. Alguém que apoie, que a pessoa goste, claro que isso é importante. Mas eu penso nisso a uns dois anos no máximo. Antes eu pensava em aproveitar [...].

Figura 6 - Convívio social



Fonte: Quadro construído apartir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

A necessidade de ser jovem permanentemente é uma realidade que pode surgir na vida dos *gays*. A não perspectiva de herdeiros, bem como, a não obrigação de amadurecer para educar seus filhos, podem resultar na chamada síndrome de Peter Pan.

A Síndrome do Peter Pan faz referência aos adultos que continuam se comportando como crianças, não assumindo determinadas responsabilidades de seus atos. Ocorre uma negativa de crescer, apresentando uma enorme imaturidade emocional, devido a forte insegurança e ao grande temor de não serem queridos e aceites pelos demais.

Winnicott (1990) descreve o conceito psicanalítico de falso-self e o relaciona com sentimentos de vazio, futilidade, inquietação, irritabilidade e não existência. Para ele, o falso-self é uma proteção do verdadeiro-self, que não pôde ter vazão em virtude do terror sentido em experimentá-lo. A possibilidade de entrar em contato com o verdadeiro-self, com o que lhe é mais autêntico, é sentida como potencialmente aniquiladora e o paciente deforma sua representação de si mesmo de maneira que vá ao encontro da demanda e das expectativas do outro (WINNICOTT, 1990, p. 137).

Uma das hipóteses da fuga para a Terra do Nunca é abordada por Winnicott (1990):

Ao invés de objetivos culturais, observam-se em tais pessoas extrema inquietação, uma incapacidade de se concentrar e uma necessidade de colecionar ilusões da realidade externa, de modo que a vida toda do indivíduo pode ficar cheia de reações a essas ilusões (WINNICOTT, 1990, p. 137).

A personalidade *falso self* funciona como um ator que despande esforço constante para encobrir sua verdadeira identidade, deixando o verdadeiro-self tão oculto que “a



espontaneidade não é um aspecto das experiências vividas (...). O aspecto submissão se torna o principal, com a imitação como uma especialidade” (WINNICOTT, 1990, p. 134).

A Síndrome de Peter Pan aparece nitidamente nas palavras do entrevistado 5 POA:

No meu caso, eu me vejo sempre jovem, sempre me jogando, vivendo intensamente a vida. Acreditando que a vida não passa, mas ela passa. E hoje eu me preocupo muito com essa situação. [...] o que acontece com nós, ontem mesmo falando com minha psicóloga, é a tal da síndrome de Peter Pan, e essa é a realidade, eu não sei se todos, mas nos não crescemos, nos não nos vemos [...] pelo menos eu com 50 anos e não me vejo com essa idade. Mas se eu me olhar no espelho e eu parar, é claro que começo a perceber que as marcas da idade tão chegando, mas a gente não percebe.

O preconceito e a falta de direitos civis, que são problemas para todas as idades, acentuam as consequências do envelhecimento para os homossexuais. Esse é o resultado de uma pesquisa feita pela ONG inglesa *Stonewall* com gays, lésbicas, bissexuais e heterossexuais maiores de 55 anos no Reino Unido (ZERBATO, 2012).

O estudo, divulgado em setembro, revela que 34% dos gays e bissexuais homens foram diagnosticados com depressão e 29% com ansiedade, o dobro em relação aos heterossexuais da mesma faixa etária (ZERBATO, 2012).

O mesmo estudo identifica que número de homossexuais idosos que consomem drogas é quatro vezes maior que entre os heterossexuais (9% contra 2%), assim como é maior o consumo de álcool e cigarro (ZERBATO, 2012).

Nesse sentido o entrevistado 1 CX destaca:

Então eu fico pensando a união estável, o casamento *gay* [...] sabe, é legal que se tenham os direitos, que nem 20 anos se constrói muita coisa, se vive muita coisa. Acho legal que se um dia eu faltar a minha família esta super bem orientada do que é direito do meu companheiro, do meu filho. E legal que ele tenha lá assinadinho que ele tem direito, afinal construiu-se uma casa, claro que ele participou. Mas fora isso véu e grinalda isso é viadagem, no meu ponto de vista (risos).

Importante as palavras do entrevistado 4 POA:

Quem entra dentro daquela história que eu te falei do eterno adolescente entendeu. Gente que nem eu, que quer kitar a noite toda numa boate, gente da minha geração, que eu vejo isso bastante, usam êxtase, usam ácido, isso ou aquilo, sei lá o nome que é tanta coisa. Na verdade tudo que faça sair de si por que o pique já na é mais o mesmo, pra poder compensar e competir com os jovens. Daí ficam kikando a noite toda na frente do espelho, achando que é a coisa melhor do mundo. E são gente da minha geração, e tu fala com eles e são adolescentes mesmo. Uns moram com os pais. Eu tinha um namorado que esse eu me casei de papel passado, ele tinha a síndrome do Peter Pan, foi pra terra do nunca e nunca mais quis voltar. Ele tinha 40 anos, mais velho que eu na época, foi pra Portugal, ficou dois anos, daí tinha que trabalhar então ele voltou. Daí chegou, aí a mãe dele tinha dado o quarto pra irmã dele, ele pegou e tirou a mãe do quarto. A mãe dormia na sala e ele no quarto da mãe. E claro os monstros não se criam sozinho [...] mas eu achava aquilo um absurdo.



O entrevistado 6 POA também comenta sobre o assunto: “Por que se eu bebo, eu acho que tenho 20 anos, que sou lindo e sou solteiro (risos) mas daí no relacionamento tem que respeitar o outro, tem que se controlar [...].”

Diz 1 CX:

O primeiro grande acontecimento é tu te entender envelhecendo. Por que hoje aos 41 anos eu me deparo me olhando no espelho, comprando uma roupa e eu me sinto com 20 anos. Isso é um fato que o ser humano traz, é difícil tu te entender envelhecendo, no meu ponto de vista.

O entrevistado 1 CX complementa:

Olha, querer e pensar muito em ficar velho eu não penso e não gosto. Um amigo meu jornalista aqui da cidade disse na rádio esses dias, no ar, que quem inventou essa de melhor idade ta rindo da minha cara ele disse. Se essa é a melhor idade, o que era quando eu era jovem?

O entrevistado 4 POA também relata a sua experiência:

Eu vejo assim, como vou te dizer, na minha geração envelhecer *gay* não é fácil. Essa é uma preocupação que eu tenho. Na nova geração ser *gay*, é bem mais fácil e envelhecer dentro desse contexto vai ser bem mais natural. Só que eu acho que hoje em dia extrapolou um pouco. Não que as pessoas não tenham direito a se beijar, a ficar junto, não nada disso, mas o excesso da coisa extrapolou um pouco. Porque daí o que acontece, tudo que tu lutou parece que tu não lutou por nada, porque direitos, não são [...] eu vejo assim.

Nos últimos anos, os homossexuais, passaram a ostentar publicamente suas uniões de afeto duradouras, informais, sob o mesmo teto, numa comunhão de interesses e com objetivo de constituir família. Em muitos destes lares, há filhos biológicos. Estas relações são configuradas como familiares, indubitavelmente, embora haja grande resistência quanto ao seu reconhecimento pela sociedade e também pela doutrina jurídica. Mas é inegável que, por serem uniões familiares, geram direitos e obrigações entre os companheiros, necessitando de regulação, sob pena de completo desamparo legal.

O entrevistado 1 POA informa: “Temos uma vida com cão, gatos, filho, ele criou um sobrinho, agora tenho uma neta de 1 ano e 1 mês, e foi absolutamente normal na minha família.”

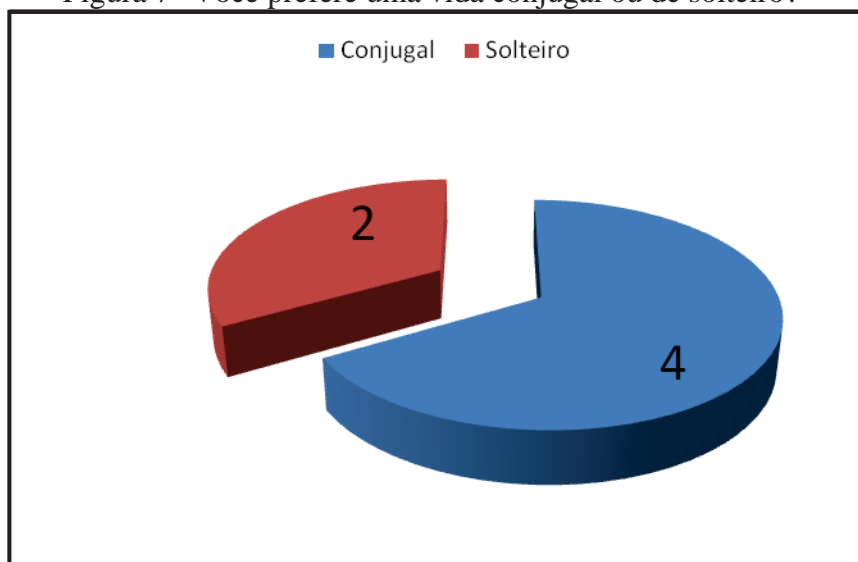
Já o entrevistado 4 POA, destaca:

Eu fui casado várias vezes, quase Elizabeth Taylor (risos) tipo Gretchen (risos). Com o Alexandre 2 anos e meio, fiz união estável e tudo. Já sou viúvo também. Acho que já tive tudo que é tipo de relacionamento. Fui casado com um cara que era HIV positivo, vivemos 2 anos e meio, daí o F. faleceu, Depois disso tinha resolvido não casar mais, e encontrei o A. A gente começou..a gente se dá muito bem, nos somos bem abertos um com o outro [...].

Não há dúvida, portanto, que a ocorrência destas uniões é uma realidade inquestionável, da qual decorre a necessidade de se abrigar, no âmbito do direito de família a possibilidade das uniões homoafetivas receberem o mesmo tratamento jurídico que se dá às uniões estáveis. Constatou-se que não há necessidade de regramento específico que trate das uniões homoafetivas, quando o instituto da união estável em tudo se assemelha, divergindo apenas quanto à orientação sexual dos companheiros.

Entende-se que a união estável é muito saudável e contribui para um envelhecimento como também se constata que essa é uma realidade que os homossexuais almejam para as suas vidas.

Figura 7 - Você prefere uma vida conjugal ou de solteiro?



Fonte: Quadro construído a partir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

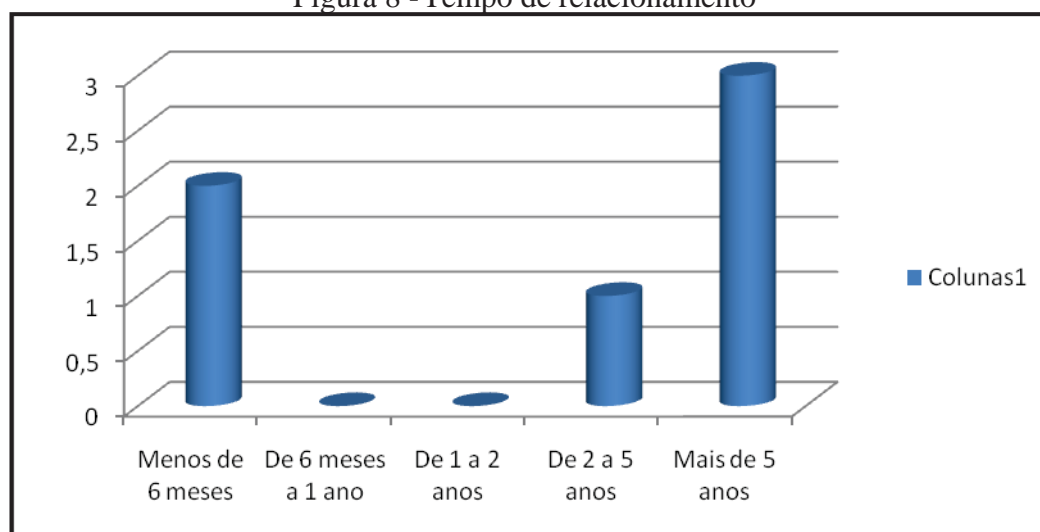
O entrevistado 6 POA relata: “Bem, acho que tem a carência do ser humano em ter alguém [...] e eu gosto dessa coisa de relacionamento que ta caçando, que ter vários [...] daí ou tu é jacú ou não é [...] por que ser jacú é fácil.”

Sobre a indispensabilidade de regulamentação, das uniões homoafetivas, Dias (2013) argumenta:

Se duas pessoas passam a ter vida em comum, cumprindo os deveres de assistência mútua, em um verdadeiro convívio estável caracterizado pelo amor e respeito mútuo, com o objetivo de construir um lar, inquestionável que tal vínculo, independentemente do sexo de seus participantes, gera direitos e obrigações que não podem ficar à margem da lei (DIAS, 2013).

Nas entrevistas foi constatado que a maioria dos participantes sempre teve relacionamento mais longos, e isso muitas vezes acarreta uma construção de patrimônio juntos, e com a instabilidade das leis até então, causava insegurança aos casais.

Figura 8 - Tempo de relacionamento



Fonte: Quadro construído a partir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

A continuidade de um relacionamento pode e deve ser comprovada na apreciação jurídica da união estável para todos os fins que se preste em direito, quer seja hetero ou homoafetivas. Em resumo, pode-se afirmar que com exceção da diversidade dos sexos, a união homoafetiva está comprovadamente apta a ser arrolada em igualdade de condições com a união estável, conforme estabelecido na Lei de Introdução ao Código Civil, em seu § 4º, sendo comparada por analogia, na ausência de legislação específica, à luz do princípio da igualdade, uma vez que “assim na ausência de vedação constitucional ou legal, não há impedimento ao casamento homossexual.”

Conforme noticiado pelo site G1, no dia 14 de maio de 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução que obriga todos os cartórios do país a celebrar casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Em recente entrevista à jornalista Mariana Oliveira, correspondente do G1 em Brasília, o presidente do CNJ afirmou que a resolução remove "obstáculos administrativos à efetivação" da decisão do Supremo, em 2011 (OLIVEIRA, 2013).

Diante do que foi dito é possível perceber a crescente mutação nas relações de família que saíram de um modelo patriarcal, matrimonializado e patrimonialista, para um modelo de família eudemonista, fundado no afeto entre 15 membros, passando de um modelo onde o número de integrantes era muito grande, para outro nuclear, formado apenas por pai, mãe e filhos e por fim, transcendendo, à família pós- nuclear onde a forma não importa mais e sim, o que importa, é o afeto, a cooperação entre seus membros, independente do sexo e de padrões pré-estabelecidos.

### 3.3 A Família

Na sociedade contemporânea, a família é a nossa primeira organização, na qual estamos inseridos de forma natural. Formada por um grupo de pessoas que, de alguma forma estão vinculadas a nós, é a partir dela que recebemos as influências hereditárias e os valores mais importantes que serão adquiridas ao longo de nossa vida.

A primeira imagem que se tem quando se fala em família, é a de um pai, de uma mãe e de filhos, onde são exercidas as funções básicas. Estas podem ser desempenhadas com diferentes graus de eficiência, de cultura a cultura, e os detalhes da maneira como as famílias desempenham estas funções, produzem as personalidades individuais de forma notável diferentes de crianças e adultos. Neste quesito, o fato mais relevante é que nenhum substituto pode servir às funções do desenvolvimento da criança tão bem como um grupo de parentesco íntimo, a família ou outro (HOEBEL e FROST, 1996, p. 204).

Quanto ao tema família o entrevistado 1 CX nos fala dela:

Família para mim é normalidade, se sentir normal. Tenho meu filho que esta com 23 anos agora, que já tem uma filhinha que tá com 1 ano e um pouquinho, é mágico tu ser avô. A minha família então pai, mãe, irmãos, sobrinhos absolutamente normal a nossa convivência.

Além disso, Nunes (1987, p. 75) afirma em seus estudos que a estrutura familiar básica e patriarcal reforça o machismo desde a infância. Educa o menino para exibir o seu sexo, gostar dele, ostentá-lo orgulhosamente como vemos nas rodas familiares, num nítido narcisismo fálico.

Para o entrevistado 4 POA, toda família é matriarcal, por que a mãe possui maior discernimento das necessidades da criança e acaba sempre canalizando maiores responsabilidades. Para ele a sua mãe teve um papel fundamental, já a convivência com o pai foi traumatizante. Questão que se repetiu com outros participantes da pesquisa.

4 POA relata:

[...] a gente nunca passou fome. Não posso falar mal do meu pai nisso, entendeu. Mas [...] ele é uma pessoa violenta, bem violenta. Pra tu ter ideia eu parei duas vezes no hospital com costela quebrada. Ele nunca bateu na minha mãe, isso nunca chegou. Mas a desculpa das brigas era eu. Que eu sou o filho mais novo. Eu sempre fui contra o meu pai, [...] não lembro uma situação boa com o meu pai. E daí imagina como foi o resto.

Nessa mesma linha, 5 POA também nos coloca a sua experiência:

E eu achava -graças a Deus- meu pai ter falecido né. Porque eu tinha uma coisa assim, que eu odiava ele. É na clinica ele estava ainda [...] foi ele quem me levou pra clínica, e o pai faleceu antes de eu entrar no quartel. Tá, eu tinha ódio dele [...] eu

odiava ele. Ele era uma pessoa que eu não conseguia me relacionar. Por exemplo, ele tava falando normal comigo, dali a pouco ele batia [...] ele batia muito, e eu também fazia coisa errada e ele batia bastante. Eu tinha pavor, tinha ódio. Queria mais que ele morresse quando ele tava passando mal mesmo, daí queria que ele morresse. A gente tinha uma relação muito [...] eu me sentia agredido. E a mãe sempre foi moderada, mas a mãe não batia mas se queixava pra ele, daí ele batia. Ele fazia a cobrança, a ela não. Ela ficava de boazinha, queridinha [...] mas ela contava pra ele e ele batia.

Entretanto, este modelo comum de família já não é único. Não se tem dúvidas de que com a modernidade nas sociedades ocidentais, os modelos familiares vêm se transformando significativamente. Isso se deve pela difusão crescente de práticas e de valores democráticos relacionados à diminuição da ascendência religiosa e à consolidação de uma identidade individual, que faz com que as pessoas possam organizar as suas vidas com base em escolhas pessoais. Um forte exemplo de transformação foi a aprovação, em 1977, da lei que dava a pessoas casadas o direito de se divorciarem, superando a resistência da igreja e de setores conservadores da sociedade (MELLO, 2005, p. 87).

A partir de tais estudos, é possível perceber que no Brasil crescem cada vez mais as chamadas “famílias recompostas”, constituída por indivíduos que formam uma nova composição familiar, através de outras anteriores. A ideia inicial de que o divórcio é um grande inimigo da família, está mudando. Com ele, acontece a ampliação do parentesco dos filhos de pais divorciados, onde surgem pessoas de diversas origens. Portanto, as famílias recompostas acabam criando relações que não existem, juridicamente. Além disso, as famílias de hoje em dia vem se caracterizando cada vez mais pelo predomínio de individualidade de cada um de seus membros. A felicidade individual acaba atraindo mais do que a felicidade familiar.

Nesse sentido o entrevistado 1 CX ressalta: “Minha família tem até orgulho dessa minha relação que durou mais que a dos meus irmãos.”

Complementando a sua fala, podemos dizer que 1 CX é um belo exemplo de família recomposta e que se insere na sociedade com uma nova configuração, pois ele foi casado com uma mulher quando tinha 18 anos, teve um filho com ela, após dois anos, se separaram. Logo em seguida conheceu AC, que é seu marido atual a 20 anos. O filho de 1 CX casou com uma mulher e já tem uma filha de 1 ano e por conta disso 1 CX é avô.

Havendo a percepção de todas essas mudanças da família contemporânea, a Constituição da República de 1988 inseriu normas no que diz respeito à família. Esta regulação contempla três espécies de família: a derivada do casamento, a decorrente da união

estável e a monoparental. A partir daí que se criou a possibilidade de reconheceras uniões homossexuais, pois na Constituição não há nenhuma referência à respeito destas uniões.

As uniões homossexuais, assim chamadas na contemporaneidade, estabelecem um método de vida voltado para o desenvolvimento da personalidade, por meio de vínculos sexuais afetivos e duradouros. Com estes relacionamentos, elimina-se a idéia de que a família depende apenas de vínculos formais e finalidades reprodutivas. Agora, o que possui real importância, é reconhecer a afeição resultante de uma vida conjugal, construída a partir de laços de sexo e afeto, que se mostram presentes na vida dos participantes da relação. Dessa forma, o direito de família para relações homossexuais se torna cada vez mais necessário e rumo ao reconhecimento da natureza familiar das relações humanas (RIOS, 2001, p. 44).

O entrevistado 1 CX destaca:

De batizado, casamento a velório a gente tá tudo ali. Comemoração de fim de ano [...] Mas eu sei que eu sou um privilegiado, sei que tenho isso como um diferencial. Não precisei sair de casa para ser quem eu sou. Fui aceito por todos e pude constituir uma família que faz toda a diferença [...] pois não estou sozinho, tenho em quem me amparar e em quem confiar.

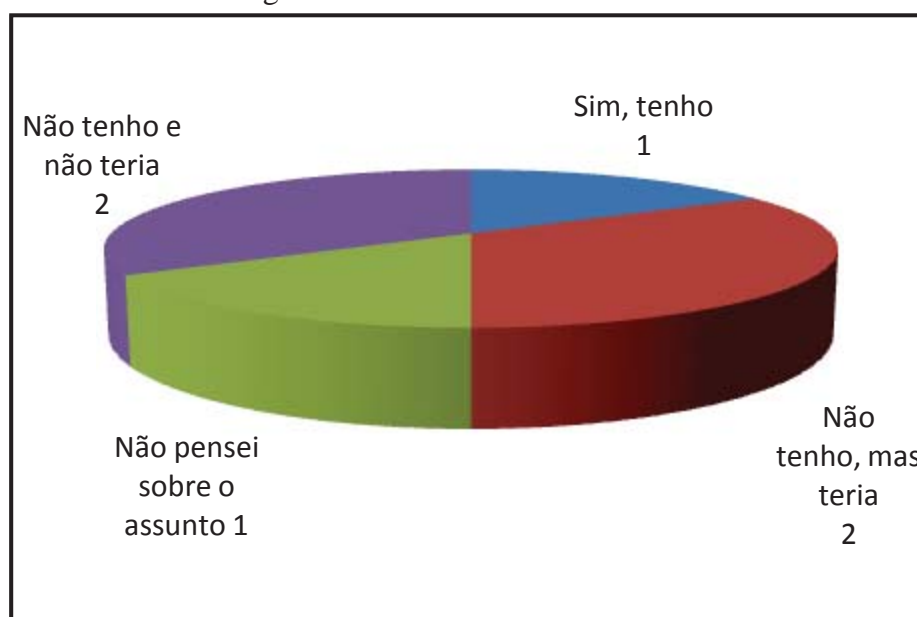
Rios (2001) ainda destaca um tema bastante discutido e polêmico, em aspectos de famílias formadas por homossexuais, é a adoção. Ainda segundo os estudos de Rios, a impossibilidade de que *gays* adotem crianças é sustentada frequentemente por vozes que se levantam junto à mídia, à sociedade em geral e até entre especialistas. Os argumentos são de que a situação é claramente desfavorável para o desenvolvimento da criança.

Infelizmente, o preconceito também prevalece sobre o ato de adoção. É necessário que compreender que a adoção é uma medida de proteção aos direitos da criança e do adolescente, e não um mecanismo de satisfação de interesses dos adultos. Trata-se, sempre, de encontrar uma família adequada a uma determinada criança. Este preconceito faz com que muitas crianças sejam privadas de ter um lar, afeto, carinho, atenção.

É na adoção que os laços de afetos se visibilizam desde cedo, ativando a base do amor verdadeiro que nutrem entre si pais e filhos. O que determina a verdadeira filiação não é a descendência genética, e sim os laços de afeto que são construídos, em especial na adoção (FACHIN, 1999, p. 216).

Na pesquisa ficou claro que muitos gostariam de ter, mas possuem dúvidas quanto a questão financeira e de cuidado.

Figura 9 - Você tem ou teria filhos?



Fonte: Quadro construído a partir das entrevistas com os participantes da pesquisa.

4 POA fala sobre o assunto: “E eu sempre quis constituir uma família, não com filhos, mas constituir uma família à dois.”

2 CX também contribui: “Com meu sobrinho eu tinha ajuda financeira pra criar ele, mas se fosse meu tinha que me virar, e daí muita coisa que fiz por mim teria que ter feito por ele.”

Além disso, permitir que casais formem uma família que se estenda além do companheiro, pode diminuir relativamente o índice de depressão e solidão, na chegada do envelhecimento.

Apesar de raros, já existem algumas adoções por homossexuais no Brasil, porém ainda individuais.

A família é um importante vínculo entre o indivíduo e a sociedade, gerando de laços de compromisso entre seus membros, tanto na linha ascendente quanto na descendente (LEITE, 2004, p. 85; MELLO, 2005, p. 17), sendo oficialmente reconhecida na Constituição Federal de 1988, em seu art. 226, onde é considerada como “base da sociedade”.

E diria que não só na constituição, mas para os entrevistados também como relata 1 CX:

Então aí é como as bixas dizem, quando a família e a polícia sabem não tem mais nenhum tipo de problema. E quando a família aceita o homossexual, isso é um fator determinante na trajetória dele tu entendeu, por que ele não precisa em nenhum momento se marginalizar ou sentir-se marginalizado. A partir do momento que o ser humano tem o apoio familiar ele se capacita. Isso na heterossexualidade, na homossexualidade, isso em qualquer constituição familiar ne Lu. Então assim ho, eu ate repito [...] serei repetitivo [...] é um privilegio a minha família.



Conforme Pontes (2006, p. 21), “a entidade familiar”, que é considerada a base da sociedade, tem o dever de coibir a violência, o abandono e a discriminação no âmbito de suas relações. Este núcleo primordial é o primeiro conceito de sociedade que o ser humano agrega, sendo, portanto, o alicerce moral e espiritual de todas as pessoas. A família é a maior conhecedora das necessidades, das dificuldades e dos anseios de seus membros.

Percebe-se uma nova valoração do instituto familiar, surge uma transferência do papel de suporte social, em grande parte, para a família. Em relação aos idosos ocorre uma revalorização do contexto familiar, uma redescoberta da dimensão afetiva considerando a família, como a principal fonte de cuidados.

3 CX diz:

Pra mim um envelhecimento saudável precisa fazer exercício, e uma vida com qualidade. Uma vida com qualidade pra mim é a vida que eu estou tendo. Constituir uma família, acabo saindo menos porque tenho outros objetivos, não é esse de balada, não tem aquela rotina de sair pra caçar. Acho que é isso, tu amar, ser amado. Tu gostar de gente que gosta de ti. Isso é importantíssimo, isso da tranquilidade, não de gente que nunca vai gostar de ti.

A segunda parte do art. 229 da CFB trata do dever de amparo dos filhos maiores em relação aos pais idosos, carentes e enfermos; Art. 229. Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade (BRASIL, 2003).

Nesse sentido, o entrevistado 2 CX ressalta: “Foi barra, mas hoje eles viram que não mudou o 2 de antes pro 2 de agora. O filho modelo continua com as mesmas responsabilidades, e mais ainda hoje, porque a mãe tá com 80 anos e eu quem cuido dela, ela que mora comigo, aquela coisa toda né.”

Já o artigo seguinte, 230, dispõe que é dever da família, da sociedade e do Estado amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e garantindo-lhes o direito à vida e no par. 1º estabelece que os programas de amparo serão executados preferencialmente nos lares dos idosos (BRASIL, 2003).

Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

§ 1º - Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares.

§ 2º - Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos.



Ainda o entrevistado 2 CX complementa:

Vai ter que ter asilo pra *gays* assim [...] que nem o lar São Francisco, vai ser o lar das Bibas loucas da 3ª idade, ou da quarta sei lá eu, porque diz que a gente vai passar dos 100 né [...] Tomara (risos) e com saúde se Deus quiser. Acho que é por aí.

O Estatuto do Idoso (lei nº 10 741/2003) de autoria do Exmo Senador Paulo Paim e sancionado pelo então Presidente, em 2013, reforça a importância da família ao declarar que é sua obrigação assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003).

O entrevistado 1 CX destaca:

Em termos de futuro, como te relato tenho o meu filho, na cultura a gente tem uma coisa que o filho cuida do pai [...] eu cuidei da minha mãe, eu cuidei do meu pai, espero que se eu precise, meu filho possa fazer por mim.. então tá assim, sem medo, vivendo o hoje legal tranquilo, trabalhando [...] guardando sim, porque quando se reforma uma casa, se projeta novas coisas e a gente tá guardando algo. Mas não sou uma pessoa que tenha pânico de alguma coisa. Eu acredito em mim [...] eu acredito em Deus e tá tudo certo.

No momento em que a Constituição Federal reconhece a família exclusivamente como, união entre homem e mulher, surgem vários questionamentos a serem feitos em uma evidente desigualdade de direitos entre heterossexuais e homossexuais.

Isso nos mostra que a constituição já está defasada de acordo com a configuração atual das famílias, mas a justiça já reconhece a união estável e os cartórios estão autorizados a realizarem a legalização dos casamentos homoafetivos.

De acordo com Caldas (2004, p. 41): “os idosos casados apresentam maiores níveis de satisfação de viver, de saúde física e mental, mais recursos econômicos, maior integração social e suporte social, além de apresentarem menores taxas de institucionalização.” Dessa forma, a não admissão da formação de entidades familiares por homossexuais acaba por privá-los desses direitos e da mais importante rede de suporte de cuidados.

O entrevistado 6 POA destaca:

No meu ponto de vista, ter alguém colabora pra um bom envelhecimento. É até um incentivo de estar mais bonito para o outro de estar sempre bem para o outro [...] isso num relacionamento sadio né. Então num relacionamento sadio tu vê que tá engordando tu vai pra academia, pra ficar bonito pro namorado [...]. Porque o relacionamento tem que ser competitivo.. e ao mesmo tempo um jogo né [...] de conquistas, segredos [...].

Ainda o entrevistado 6 POA complementa:

Olha, é que nem o relacionamento que tenho com o F a 13 anos, uma coisa que eu apostei que é pra sempre [...] claro que a gente briga todos os dias (risos), não é tudo certinho, [...] que nem o F e L (amigos do casal), que trepam quatro vezes por semana não é isso, mas acho que sim só o amor pra aturar outra pessoa. Não vou trocar o G (namorado) por qualquer um, tipo esses novinhos que tem por aí [...] também tenho muita preguiça disso já (risos) a palavra é preguiça.

Também é importante destacar a impossibilidade de um casal homossexual estipular laços familiares em linha descendente. Nossos Tribunais permitem somente a adoção pleiteada por uma pessoa homossexual, isto é, apenas um dos parceiros pode adotar. Instituto familiar composto de dois pais ainda não é validado em nosso ordenamento jurídico. Percebe-se um total desamparo, tanto da estrutura familiar de um casal homossexual, como da situação do adotado, que teria direitos somente em relação àquele que o adotou e, em via inversa, o parceiro que não participa do processo não teria direitos ou deveres em relação ao adotado.

E quanto a esse quesito, todos os entrevistados mostraram bastante responsabilidade, muitos colocando que até queriam, mas diante das responsabilidades que implica não tem certeza se adotariam, como diz 3 CX:

E quanto a ter filhos, eu acho uma grande responsabilidade colocar alguém no mundo, não é mais assim, ah eu vou ter e deu, então eu optei por não ter pelo fato de que seria um pepino a mais hoje para mim. Não teria condições hoje de sustentar, de criar bem de uma forma legal.

O entrevistado 4 POA destaca que:

Adotar uma criança talvez, mas ter um filho meu nunca. Quando falo em adotar é adotar uma criança de mais idade, que já ta na rua, é um gesto nobre. Qualquer coisa que tu vier a fazer por aquela criança já ta bom né.

Ainda o entrevistado 4 POA conclui: “[...] pensei em adotar quando morava com o Giovani, a gente já tava com 4 anos e eu pensei em adotar uma criança, só que é muito caro [...] e eu sou muito egoísta e eu sou muito obsecado em algumas coisas.”

Quanto aos laços colaterais, embora existam “sociedades de fato, assemelhadas à entidade familiar tradicional, entre homossexuais e ainda que os tribunais tenham lhes assegurado vários direitos, entre eles o reconhecimento da união estável homossexual, se levarmos em conta a legislação brasileira Brasil, o casamento e a união estável ainda não são admitidos entre homossexuais” (AMARAL, 2003, p. 25).

Na linha ascendente, muitas vezes os homossexuais não podem contar com seus pais, uma vez que o preconceito de ter filhos *gays* é de difícil aceitação. Essas famílias não conseguem proporcionar a esses jovens uma sensação de acolhimento que convencionalmente

essa instituição deveria gerar. As agressões, ameaças e outros tantos tipos de violência comunicam a intolerância, frustração e medos que esses familiares, comumente, exteriorizam quando se deparam com a possível existência de um filho homossexual.

O entrevistado 2 CX considera que:

[...] e se a tua família é contra, eles te colocam num psicólogo e te infernizam uma vida toda pra no final te dizerem tá, vai lá meu filho, - dá a bunda - que tu vai ser feliz e ponto. A reação da minha família no início foi barra. A minha família é muito humilde, de origem italiana, com a cultura bem enraizada, eles não aceitaram.

Muitas vezes, tal como sinaliza Sarti (2004, p. 23) existe uma imensa dificuldade relacionada com o fato dos próprios pais ou outros membros da família não se sentirem à vontade ou capazes de lidar com temas mais íntimos como sexualidade. Somado a isso, evidenciam-se medos que se relacionam com os projetos individuais com os quais esses familiares tendem a projetar destinos sociais para os seus filhos. Nesse caso, sobretudo pais e mães, se deparam com a ruptura imediata dos “sonhos” que nutriam em relação ao filho. Como que se essa notícia por si só fizesse esvaecer por completo todo um roteiro de vida esperado para esses jovens ao nascer.

Ainda o entrevistado 2 CX complementa: e os pais, eles sabem da historia, se tu tem um filho *gay* eles sabe, mas preferem tapar o sol com a peneira.

Já o entrevistado 6 POA informa:

Quanto à família, nunca teve discussão ou me questionaram. A minha mãe dizia, mas tu não vai casar? Daí eu dizia tenho que me formar, daí tu não vai casar, ah eu tenho que fazer a minha pós (risos), agora tenho que fazer mestrado (risos) e nisso ela morreu [...] então eu acho que não tem o porquê dizer pra família. Porque depois que tu conquista a tua independência tu não tem muitas cobranças né, as pessoas não podem cobrar. As minhas irmãs aceitam meu namorado numa boa mas eu nunca fui questionado do tipo ele é *gay* ou não é *gay*. Sempre disse esse aqui é meu amigo e tudo indica que é meu namorado.

Hoje as uniões homoafetivas são uma realidade que se impõe diante da sociedade, e não podem ser negadas, tendo, pois o direito de reclamar a tutela jurídica, perante o Judiciário.

Constatada a existência da homossexualidade no mundo, desconsiderando os conceitos preconceituosos que tratam homossexuais como doentes, essa categoria passou a ser tratada a partir dos anos 1990, como público-alvo consumista, sendo fator gerador de vários jornais, revistas e produtos dirigidos ao público *gay*, que passa a ser visto como um consumidor que tem dinheiro.

Mesmo com esta visão capitalista os homossexuais ainda não são completamente aceitos, sendo marginalizados em uma sociedade preconceituosa. Devemos considerar que as

lutas sociais estão trazendo avanços, entretanto, é preciso informar para definitivamente acabar com as restrições e paradigmas sem conhecimento que a sociedade impõe.

Outro fator importante a ser destacado é que o Brasil é um país com raízes profundamente religiosas, sendo que as religiões predominantes não aceitam a homossexualidade. A ala evangélica do nosso Congresso Nacional, de encontro as tendências mundiais de aceitar o casamento entre homossexuais, utiliza-se de projetos de leis para marginalizar ainda mais os *gays*, tratando a homossexualidade como doença em um visível retrocesso social.

Os problemas ressaltados por idosos heterossexuais são agravados ainda mais para os idosos homossexuais. O preconceito desde a infância, os medos, a discriminação pela sociedade, pela família, e ainda falta de políticas públicas para proteção do *gay*, são fatores que dificultam a percepção do homossexual na aceitação do envelhecimento.

A criação de leis de proteção ao homossexual, à aceitação das uniões homoafetivas, a adoção por casais homossexuais, bem como, a inclusão do *gay* na sociedade civil, são alguns fatores essenciais para amenizar as diferenças e permitir não só um envelhecimento saudável mas também uma vida feliz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 10 - Novas configurações familiares



Fonte: Daysi (2013).

Para auxiliar na reflexão, gostaria de iniciar esse capítulo com a seguinte fala:

Foi muito engraçado que a gente tava no sítio esse final de semana, chegaram duas crianças, uma menina e um menino de 8 anos mais ou menos, e daí começaram a perguntar da gente, a menina pediu o que vocês são, e daí o A. disse ele é meu marido [...] daí a menina pediu, mas vocês são casados no civil e no religioso? Na verdade a gente não é, mas daí o A. disse que sim, somos, daí o menininho me olhou e disse [...] os meus pais são só juntados, com uma cara de decepção (risos) e a nossa questão homossexual passou mais batido do que a gente podia imaginar relatou o entrevistado 4 POA.

Podemos dizer que a realização dessa tese é fruto de uma grande caminhada, e nesse percurso em busca de um maior entendimento sobre a percepção homossexual no seu processo de envelhecimento, possibilitou-nos compreender que muitas questões pesquisadas, acabaram não divergindo do comportamento heterossexual, porém é visto particularidades e alguns aspectos mereceram um maior aprofundamento.

Ocorre que durante toda trajetória de vida reflete experiências vividas, e não envolve apenas a visão psicológica, uma vez que, traz implicações à sua multidimensionalidade.

Podemos dizer que esse trabalho foi de extremo envolvimento e amadurecimento sobre o tema. Mostrou e revelou questões que supunha e que também nem imaginava. Desvendou estigmas e aumentou a minha percepção em ver o processo de envelhecimento homossexual muito próximo de como percebo o dos heterossexuais. Primeiramente vamos falar da fase do teste piloto, pois ele foi muito significativo e serviu também como contraponto às entrevistas atuais da tese.

No teste piloto, foram entrevistados homossexuais com idade entre 20 e 35 anos. Com esses entrevistados pude perceber um grande descomprometimento com o envelhecimento e afastamento da ideia de um dia ficarem velhos. Todos diziam viver intensamente a vida, valorizando muito o presente, tendo um grande convívio social, festas e sem pensamentos futuros.

Na questão relacionamento, os entrevistados demonstraram a contínua procura de encontrar alguém, mas essa procura tinha uma intenção voltada praticamente para práticas sexuais, raramente com pensamentos de um relacionamento sério visando uma companhia para o futuro.

Acreditamos que esse tipo de pensamento reflita comportamento típico de uma faixa etária mais jovem, o que não difere da maioria dos jovens, independente da sua orientação sexual. É própria da juventude, uma fase de reconhecimentos e escolhas, onde culturalmente é a época de aproveitar a vida, estudar, ter uma profissão e depois estabilizar-se em um relacionamento, porém o que nos chama a atenção é a intensidade dessa fala, sendo demasiadamente aversiva a ideia do envelhecer.

A grande preocupação com a beleza também merece destaque, supervalorizando a estética, a necessidade de ser o mais bonito para atrair um parceiro concomitante com repulsa e afastamento ao falar do envelhecimento, como se ele nunca fosse chegar, foi uma característica presente em várias falas dos entrevistados. Acreditamos que esse assunto possa ser uma abertura para novos estudos.

Agora, com relação a atual tese, onde abordou pessoas de 40 a 50 anos, ao contrário do imaginado no início dessa pesquisa, a preocupação com a forma física foi antagônica, ela existe, mas está sendo vista como natural e que precisa ser trabalhada mas não de forma demasiada, sendo que a preocupação maior é para se preparar para um envelhecimento saudável e ativo. Para eles, a consciência da velhice já é muito mais presente, talvez pelo próprio amadurecimento trazido pela idade.

Uma das hipóteses da pesquisa era com relação a negação do envelhecimento e o que se pode perceber não foi propriamente uma negativa ao envelhecer, mas sim um

afastamento do mesmo. Percebemos um distanciamento positivo, que não ignora, mas previnem-se utilizando cremes, fazendo exercício físicos, plásticas reparatórias e demais cuidados estéticos, sempre atentos ao que podem fazer para estarem sempre melhores.

Outro fator constatado foi que 80% dos entrevistados neste trabalho, cuidaram ou cuidam dos seus pais e assumiram, mesmo tendo relacionamentos estáveis com seus companheiros, a responsabilidade por cuidarem dos pais mesmo tendo outros irmãos que na maioria dos casos casaram e saíram de casa.

Esse confronto com a velhice de seus descendentes pode ter sido um ponto relevante que os obrigou a entrar em contato com o envelhecimento e assim, consecutivamente, entender de forma concreta o caminho inevitável do envelhecimento do ser humano.

O que vem ao encontro dessa questão é que muitos dos entrevistados utilizam a vida de seus pais como um referencial de envelhecer, ou seja, demonstraram a preocupação em rever em suas vidas certas atitudes para não repetir problemas que seus pais tiveram, melhorando hábitos e maneiras de encarar a vida.

Tal fator pode ser nitidamente percebido nas palavras do entrevistado 2 CX: “Eu quero ser ativo na 3ª idade, ou quarta (risos), não quero ser um velho ranzinza como a minha mãe é, quero ser ativo.”

Agora, o ponto principal que entrou em destaque no entendimento das entrevistas foi quanto a necessidade de ter um relacionamento duradouro. Dos seis entrevistados, quatro estão em relacionamento estável, e sempre tiveram namoros duradouros, e os outros dois, que estão solteiros, estão a procura de relacionamentos estáveis, preocupados com a solidão do envelhecimento, uma vez que provavelmente seus pais não estarão mais vivos, seus irmãos possuem suas próprias famílias e os amigos, por mais próximos que sejam, também terão seus interesses particulares.

A família acabou tornando-se um aspecto fundamental para o entendimento da percepção do envelhecimento. Visivelmente constata-se que é valiosa, tendo em vista as elevadas notas de importância dada pelos entrevistados ao quesito família: de zero a dez, quatro entrevistados consideram 10 a importância familiar, um considerou nota 9 e outro nota 7.

Outra constatação foi a importância que a mãe possui dentro da família, já o pai aparece relacionado a conflitos. Nesse sentido segue a fala dos entrevistados 2 CX: “Talvez pela cultura Italiana, mas meus pais não aceitaram bem eu ser homossexual. Minha mãe até dava para conversar, mas com meu pai foi muito mais difícil.”



O 3 CX diz: “fui criado por uma tia que meu pai casou. Acho que tive até um amor demais da parte dela, uma superproteção.”

6 POA nos diz,

Eu fui expulso de casa pela minha mãe. Não retornei mas fiz as pazes. Na época ela não quis falar sobre minha orientação sexual, mas isso influenciou, não tanto por causa dela, mas por causa do meu pai, eu discutia muito com o meu pai.

Continua dizendo: “[...] fui parar no hospital duas vezes por causas das brigas com meu pai, ele me batia muito, quebrei até custela”.

O entrevistado 5 POA coloca: “sim, eu tive que sair pra crescer, me desenvolver, ser eu mesmo. Lá eu não teria como. Depois da morte do meu pai nunca tive problema com a família, com relação a minha sexualidade.”

O rompimento familiar na maioria das vezes é forçado, três dos entrevistados relataram que saíram de casa para terem uma vida própria, tiveram que deixar as suas famílias e conquistar a sua independência íntima e financeira e depois retornaram quando se sentiram mais seguros. Fora de casa não teriam mais as brigas frequentes com o pai e principalmente poderiam assumir a sua sexualidade com mais liberdade e aceitação.

Neste sentido, o afastamento dos pais estaria diretamente ligado com a autonomia, sendo a liberdade uma importante conquista que todos valorizam muito. Ficou constatado que o sucesso profissional é uma forma de resposta, mostrando para a família e sociedade que apesar de sua orientação sexual é possível atingir o sucesso de forma independente e serem respeitados, assim, eles mesmos passaram a se respeitar e se aceitar mais.

O entrevistado 2 CX relata que sempre foi o filho exemplar, quando resolveu assumir a sua orientação sexual sua família não teve uma reação muito boa, foi como se ele tivesse se transformado em outra pessoa, o fato de expor sua preferência em se relacionar com homens, não interferiu nada em sua personalidade ou responsabilidade, porém não foi essa a percepção sentida por sua família, conforme suas palavras: “[...] eu só sou homossexual, não roubo não mato, não me drogo ressalta que até as pessoas mais próximas perceberem isso, foi cansativo, pois se tinha que ser o melhor todo dia, os olhos das pessoas pareciam holofotes esperando pelo primeiro deslize, como se esse deslize fosse proveniente da sua sexualidade.”

O entrevistado 3 CX também conta que sempre estudou muito e sempre se esforçou para ser o melhor, pois assim as pessoas olhariam para ele como profissional e desfocariam da sua sexualidade e isso tem o seu desgaste, mas depois que conquistou confiança e o sucesso, a reação das pessoas passou a se tornar algo mais normal.



Esse difícil convívio inicial com a família, o que por muitas vezes protelou assumir a sua sexualidade, também pode ter dificultado na entrega por parte de alguns a terem relacionamentos estáveis, mas não inibiu essa vontade, o que mostram as falas de dois entrevistados que tiveram grandes dificuldades com seus pais, 1 CX diz de maneira incisiva: “Eu vou formar a minha família” e 5 POA fala, “[...] preciso encontrar alguém para o meu envelhecimento.”

Dois dos entrevistados tiveram uma ótima relação familiar e cultivaram isso na sua vida pessoal tendo sempre relações afetivas estáveis e duradouras.

Percebe-se que cada um com suas diferenças, mas quatro dos entrevistados dizem preferir a vida conjugal do que a de solteiro, e os outros dois entrevistados, apesar de terem respondido no questionário que preferem a vida de solteiro, colocam nas suas falas que seria bom se encontrassem alguém para namorar mais sério, mesmo sabendo da dificuldade do encontro.

Com isso, temos claro que nesse momento atual de mundo, surgem necessariamente novas configurações familiares que saem do tradicional pai mais mãe geradores de filhos.

O divórcio já não foi tolerado, antigamente a mulher divorciada era marginalizada na sociedade. A adoção já foi mal vista por não serem crianças do mesmo sangue, sendo que o adotado por um longo tempo não foi considerado como filho legítimo.

Com a regularização do divórcio, inúmeras configurações familiares foram se formando, com filhos que hora ficam com a mãe, hora com o pai, com visitas e guardas compartilhadas. Existem filhos que são criados por avôs e avós, tios que assumem o papel de pais ou mães, as adoções que hoje em dia estão cada vez mais difundidas e aceitas pela sociedade, as famílias recompostas que são geradas por filhos de ambas as partes do casal e por aí vai.

Percebe-se que conforme a sociedade vai se modificando, evoluindo nos seus conceitos e ritos comportamentais pré-estabelecidos, modificações são percebidas no contexto social e familiar.

A homossexualidade sempre foi um tabu na sociedade, mas aos poucos se percebe uma maior aceitação e naturalidade sobre o assunto. A juventude atual, com auxílio das informações trazidas pelos diversos meios de comunicação acaba tendo uma visão do mundo muito mais abrangente do que as gerações anteriores tiveram, construindo seres humanos muito mais informados e abertos ao novo.

Os meios de comunicação tratam o assunto com maior naturalidade, frequentemente, relacionamentos homossexuais são mostrados em filmes e novelas, personalidades assumem suas orientações sexuais. Ações essas que vão paulatinamente contribuindo com a diminuição do preconceito e conseqüentemente a aceitação dos relacionamentos homo afetivos.

Acreditamos que a diminuição do preconceito por parte da juventude e sociedade atual seria a esperança de um futuro com menos discriminações e mais respeito pelo diferente entendido pela maioria da sociedade. Tal assertiva pode ser confirmada nas palavras iniciais dessas considerações finais, onde a questão da homossexualidade passou despercebida aos olhos das crianças que deram muito mais importância ao fato de eles serem casados e formarem uma família que as suas orientações sexuais.

Consta em tramitação no Congresso Nacional a PLC 122, que é uma lei que trata da criminalização da homofobia, contra o ódio e o preconceito, que busca se equiparar ao crime de racismo. Lei essa que terá grande importância quando aprovada, uma vez que, 100% dos entrevistados nesse trabalho, considera importante a existência de leis que os defendam, não os colocando como diferente, mas os igualando a todos socialmente e como indivíduo que são (PAIM, 2013).

Com as inúmeras decisões judiciais, que acabam protegendo juridicamente os relacionamentos homoafetivos já citados ao longo da tese, possibilita o surgimento de novas formas de família em uma sociedade até então conservadora.

O respaldo jurídico, na legalização das uniões estáveis homoafetivas, traz não só uma segurança para esse grande grupo de excluídos que a cada dia se encoraja e expõe publicamente sua orientação, mas também trás para a sociedade uma grande mudança que passará a ser preocupação para o nosso ordenamento jurídico. A proteção nos direitos sucessórios, no direito de adoção, são apenas alguns aspectos que trarão para o direito civil brasileiro uma renovação necessária.

Acredito que a ideologia ultrapassada, mas ainda defendida por setores da sociedade, que não aceitam os homossexuais por serem um grupo específico que vão de encontro aos valores familiares conservadores esteja diminuindo constantemente, porém ocupam ainda grande destaque social. E uma questão que muitas vezes esses setores conservadores se esquecem é que um casal homossexual, também foi parido por uma mãe, pertence a uma família, sem a intenção de ferir princípios já estabelecidos, mas querendo respeito e direito de constituir a sua família também.

Portanto penso que hoje em dia é importante estarmos atento às mudanças que o mundo moderno nos impõe e nos faz questionar, sobre o que é certo, e errado. Devem-se rever conceitos, pensar no semelhante tendo acerteza de que todos merecem ser felizes.

Chegou-se em um momento que não basta aceitar a existência da homossexualidade, ela existe em uma camada considerável da sociedade, e isso é um fato imutável. A preocupação que deve surgir a partir de agora é de como gerar caminhos e políticas públicas para adequar esses novos núcleos familiares em uma sociedade que ainda possui forte relutância contra a igualdade entre heteros e homo, políticas públicas que defendam e preparem esses novos núcleos familiares, e a sociedade em geral para um envelhecimento ativo e saudável.

Por fim, importante ressaltar que a sociedade brasileira encontra-se em construção de um futuro justo para todos. O reconhecimento da união estável homoafetiva já encontra amparo no nosso sistema judicial, agora é o momento de apontarmos caminhos, construirmos políticas públicas de amparo e igualdade para os homossexuais visando amenizar as diferenças, e preconceitos, garantindo a eles o direito a uma família e envelhecimento saudável como todo ser humano merece ter.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. *O adolescente e a liberdade*. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- AMARAL, S. M. *Manual prático dos direitos dos homossexuais e transexuais*. São Paulo: Edições Inteligentes, 2003.
- AQUINO, F. T. M.; CABRAL, B. E. S. *O idoso e a família*. In: FREITAS, E.V. de et al. *Tratado de Geritria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- BARROS, M. M. L. *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BAUMANN, Z. *Modernidade e Ambivalência*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENINCÁ, C. R. S. *Idoso e morte: qualificação da experiência de finitude*. In: BOTH, A.; BARBOSA, M. H. S.; BENINCÁ, C. R. S. (Org.). *Envelhecimento humano: múltiplos olhares*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRASIL. Código Penal Brasileiro. *Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2012.
- \_\_\_\_\_. *Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2012.
- BURNS, Edward McNalls; LERNER, Robert E. (Orgs.) *História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2005. II v.
- BUTLER, J. *The Phychic Life of Power: Theories in Subjection*. Standford: Standford University Press, 1997.
- CABRAL, B. Família e idosos no nordeste brasileiro. *Caderno CRH*. Salvador, n. 29, jul-dez. 1998.

CALDAS, C. P. *Cuidado familiar: A importância da família na atenção à saúde do idoso*. In: SALDANHA, A. L.; CALDAS, C. P. *Saúde do idoso a arte de cuidar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

CAMARANO, A. A. *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CASTRO, A. L. Culto ao corpo, modernidade e mídia. 1997. In: V ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO (*Anais...*). Maceió: UFAL.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 1994.

CNS. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. *Resolução Nº 196, de 10 de outubro de 1996*. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/conselho/resol96/res19696.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

CORALINA, Cora. *Coleção Melhores Poemas*. Rio de Janeiro: Global, 2004.

COVEY, Herbert C. Perceptions and attitudes toward sexuality of the elderly during the middle ages. *Gerontologist*, v. 29, n. 1, p. 93-100, 1989.

DAYSI. *Novas Famílias: união homoafetiva e o tabelião*. Porto Belo, 31 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.semculpanocartorio.com.br/novas-familias-uniao-homoafetiva-e-o-tabeliao/>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

DEBERT, Guita; SIMÕES, Júlio. *A Aposentadoria e a invenção da terceira idade*. In: DEBERT, Guita (Org.). *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos IFCH-UNICAMP, n. 13, 1998.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Envelhecimento e velhice na família contemporânea*. In: DEBERT, Guita (Org.). *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos IFCH-UNICAMP, n. 13, 1998.

DIAS, Maria Berenice. *Tendências e Debates: União Estável Homossexual*. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/boletins/boletim42000/noticias/tendebates.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

DIEHL, Astro Antônio; TATIM, Denise Carvalho. *Metodologia e Técnica de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas*. Passo Fundo: Clio, 2002.

\_\_\_\_\_; MACHADO, Ironita P. *Apontamentos para uma didática da história*. Passo Fundo: Clio, 2001.

\_\_\_\_\_; PAIM, Denise Carvalho Tatim. *Metodologia e Técnica de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas*. Passo Fundo: Clio, 2002.

DUALIBI, Julia. *Projeto de tucano sobre 'cura gay' é aprovado por indicado de Marco Feliciano*. 2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/julia-duailibi/projeto-de-tucano-sobre-cura-gay-e-aprovado-por-indicado-de-feliciano/>>. Acesso em: 12 maio 2013.

FACHIN, Luiz Edson. *Elementos Críticos de Direito de Família*. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

FORTIN, M., CÔTE, J.; VISSANDJÉE, B. *As etapas do processo de investigação*. In: FORTIN, M. *O processo de investigação: da concepção à realização*. 2. ed. Loures: Lusociência., 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FRANCO, Francisco. *Sexualidade e Tolerância: uma reconstrução dos argumentos principais de História da sexualidade, de Michel Foucault*. In: OLIVEIRA, Cíntia Roso; PICHLER, Nadir Antônio, CANABARRO, Ronaldo (Orgs.). *Filosofia e homoafetividade*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

FRAIMAN, A. *Coisas da Idade*. São Paulo: Gente; 1995.

FREITAS, E. V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral de tradução: Jayme Salomão. Comentários e notas: James Strachey e Anna Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOLDEMBERG, Mirian. *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. 2.ed Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. *A civilização das formas: o corpo como valor*. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDFARB, D.C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GOMES, José Carlos Vitor. *Manual de Psicoterapia Familiar*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GREEN, R. Gender identify in childhood ande later sexual orientation. *American Journal of Psychiatry*, v.142, 1985.

HOEBEL, E. A.; FROST, E. L. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Cultrix, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 maio 2013.

IMAGINÁRIO, C. *O idoso dependente em contexto familiar*. 2. ed. Coimbra: Formasau, 2008.

JOB Design Criativo. *"Família Feliz" incrementa as vendas de empresa de adesivos decorativos*. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,GF85721-17147,00->

FAMILIA+FELIZ+INCREMENTA+AS+VENDAS+DE+EMPRESA+DE+ADESIVOS+DE+CORATIVOS.html#fotogaleria=1>. Acesso em: 12 out. 2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

LAO-TZY, Tao-te King. *O livro do sentido da vida*. Trad. Margit Marticia. São Paulo: Pensamento, 1999.

LEITE, I. L. *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina: Eduel, 2004.

MASCARO, S. A. *O que é velhice?* São Paulo: Brasiliense; 2004.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MELLO, L. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005

\_\_\_\_\_; GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Anna Paula. *A Escola e as filhas de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil*. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. p. 162-163.

MESQUITA, P. M.; PORTELLA, M. R. *A gestão do cuidado do idoso em residências e asilos: uma construção solitária fortalecida nas vivências do dia-a-dia*. In: PASQUALOTTI, A.; PORTELLA, M. R.; BETTINELLI, L. A. (Org.). *Envelhecimento humano: desafios e perspectivas*. Passo Fundo, 2004. p. 72-94.

MOTA, Murilo Peixoto. *Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência*. *SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais*. Vitória, v.1, n.6, 2009.

NERI, A. L.; CARVALHO, V. A. M. L. *O bem-estar do cuidador: aspectos psicossociais*. In: FREITAS, E.V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1987.

O GLOBO. *A Nova Família Brasileira*. 2012. Disponível em: <<http://blogs.unigranrio.com.br/formacaogeral/2012/08/31/a-nova-familia-brasileira/>> Acesso em: 24 jul. 2013.

OLIVEIRA, Mariana. *Decisão do CNJ obriga a cartórios a fazer casamento homossexual*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/apos-uniao-estavel-gay-podera-casem-cartorio-decide-cnj.html>>. Acesso em: 15 maio 2013.

OLIVEIRA, T. L. *Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida*. Dissertação (Doutorado). Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.



- OMS. Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/index.htm>>. Acesso em: 15 maio 2013.
- PAIM, Paulo. *PLC 122 Texto Atual*. Blog Eleições Hoje. 2013. Disponível em: <<http://www.plc122.com.br/plc122-paim/#axzz2jVWWeRSx>>. Acesso em: 15 maio 2013.
- PAPALÉO NETTO, M. *O estudo da velhice no séc. XX: histórico, definição do campo e termos básicos*. In: FREITAS, E. et al.(Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2002.
- PINHEIRO D. E como fica o resto da família? São Paulo, *Revista Veja*, v.1977, n.40, out. 2006.
- PINTOS, Claudio C. García. *A Família e a Terceira Idade: Orientações Psicogerontológicas*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- PONTES, P. *Prioridade absoluta*. In: PINHEIRO, N. (Org.). *Estatuto do idoso comentado*. Campinas: LNZ, 2006.
- RIOS, Roger Raupp. *A Homossexualidade no Direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.
- RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. 4.ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- SANDOVAL, G. A idade vai chegar. *Revista Veja*, São Paulo, v. 1979, n.41, p. 124-125, out. 2006.
- SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. São Paulo, *Psicologia USP*, v.15, n.3, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2.ed. Petrópolis:Vozes, 2000.
- SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. In: A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento. São Paulo, *Revista Eletrônica do Serviço Social do Comércio (SESC)*, v. 22, n. 50, p. 07-19, jul. 2011.
- SIMON, William; GAGNON, John. *Sexual scripts*. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. *Culture, society and sexuality: a reader*. Londres: UCL, 1999, p. 29-38.
- SOARES NETO, J. F. *Culto do corpo ou cultivo do corpo: Que diferença faz?* 2002. Disponível em: <<http://www.mixbrasil.uol.com.br/id/psi/corpo.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2012.
- SOUZA, Laura de Mello; NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil: cotidiano na vida privada e na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- STUART-HAMILTON, Ian. *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Disponível em: <<http://www.stf.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2012.



TEIXEIRA, Solange Maria. *Envelhecimento e trabalho no tempo do capital*. São Paulo: Cortez, 2008.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade*. São Paulo: Record, 2007.

VERAS, R. P. *Pais Jovens com Cabelos Brancos: a saúde do idoso no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

VITIELLO, N. *Manifestações da sexualidade nas diversas fases da vida: Reprodução e Sexualidade*. Ceich, 1994.

WEINBERG, M.; WILLIAMS, C. J. *Male homosexuals: their problems and adaptations*. Nova York: Penguin Books, 1974.

WINNICOTT, D.W. *A Reparação Relativa a Defesa Organizada da Mãe contra a Depressão: Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. *Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro self*. In: WINNICOTT, D.W. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ZERBATO, Diego. *Para gays, preconceito torna velhice ainda mais difícil*. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/treinamento/mais50/ult10384u1017393.shtml>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

---

**APÊNDICE A - Termo de Consentimento Informado****UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO****FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO****Termo de consentimento informado**

Pelo presente termo de consentimento, declaro que fui informado (a) de forma clara, detalhada e por escrito, sobre o projeto de pesquisa intitulado Autopercepção homossexual e envelhecimento humano que tem por objetivo compreender a percepção social dos homossexuais no processo de envelhecimento humano, propiciar discussões sobre a união estável, tomando como horizonte o planejamento para um envelhecimento saudável, contribuir no debate sobre políticas públicas vinculadas ao envelhecimento humano;

Fui informado (a) ainda:

- 1 Dos riscos, desconfortos e benefícios do presente trabalho, assim como da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca da metodologia, riscos, benefícios e outros aspectos relacionados com a pesquisa desenvolvida;
- 2 Da liberdade de participar ou não da pesquisa, tendo assegurado a liberdade sem quaisquer represálias atuais ou futuras, podendo retirar meu consentimento em qualquer etapa do estudo sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo;
- 3 Da segurança de que não serei identificado (a) e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a minha privacidade e a proteção da minha imagem;
- 4 Da garantia de que as informações não serão utilizadas em meu prejuízo, ou de outros;
- 5 Da liberdade de acesso aos resultados do estudo em qualquer etapa da pesquisa
- 6 Da segurança de acesso aos resultados da pesquisa.

Nesses termos e considerando-me esclarecido, consinto em participar da pesquisa proposta, de livre e espontânea vontade, sem cobrança de ônus ou qualquer encargo financeiro, resguardando aos autores do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

O (s) acadêmico (s) responsáveis por este projeto de pesquisa no programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano que o está desenvolvendo sob a orientação do (a) professor (a) Astor Antonio Diehl, como atividade pertinente ao curso de Especialização em Gerontologia da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, tendo este documento sido revisado e aprovado pelo comitê de ética desta instituição em setembro de 2012.

---

Assinatura do participante

---

Prof. Astor Antônio Diehl

---

Lutiana de Cassia Gottfried Mott

---

**APÊNDICE B - Instrumento de coleta de dados**

**Auto percepção homossexual e envelhecimento humano.**

Nº: \_\_\_\_\_

---

**1. Contexto Social e familiar**

- 1.1. Data do preenchimento do questionário: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_
- 1.2. Cidade \_\_\_\_\_
- 1.3. Sexo: \_\_\_\_\_ Orientação sexual: \_\_\_\_\_
- 1.4. Idade: \_\_\_\_\_
- 1.5. Escolaridade: \_\_\_\_\_
- 1.6. Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Companheiro ( ) Separado ( ) Viúvo
- 1.7. Mora com quem? ( ) Sozinho ( ) Pais ( ) Irmão ( ) Amigos  
( ) Companheiro ( ) \_\_\_\_\_
- 1.8. Você se considera: ( ) Pardo ( ) Branco ( ) Negro ( ) Indígena ( ) Amarelo
- 1.9. Possui Filhos: ( ) Sim ( ) Não Quantos? \_\_\_\_\_ ( ) Masculino ( ) Feminino
- 1.10. Profissão: \_\_\_\_\_ a quanto tempo? \_\_\_\_\_
- 1.11. Possui plano de saúde? ( ) Sim ( ) Não Qual \_\_\_\_\_
- 1.12. Sua faixa salarial: ( ) até 2 salários mínimos ( ) de 02 a 04 salários mínimos  
( ) de 04 a 10 salários mínimos ( ) de 10 a 20 salários mínimos ( ) acima de 20 salários.
- 1.13. Renda per capita familiar em salários mínimos: \_\_\_\_\_
- 1.14. Costuma viajar: ( ) No estado ( ) Fora do Estado ( ) Exterior
- 1.15. Suas viagens normalmente são com objetivo: ( ) Profissional ( ) Passeio ( ) Estudo  
( ) Visita a família ( ) Outros
- 1.16. Você paga INSS? ( ) sim ( ) não
- 1.17. Você tem previdência privada? ( ) Sim ( ) Não
- 1.18. Você pertence a alguma religião ou filosofia? ( ) Sim ( ) Não Qual ? \_\_\_\_\_
- 1.19. Você se sente inserido na sociedade? ( ) Sim ( ) Não
- 1.20. A maioria dos seus amigos são: ( ) Heterossexuais ( ) Homossexuais,  
( ) Bissexuais ( ) Travestis ( ) Transexuais
- 1.21. Frequenta mais lugares: ( ) Heterossexuais ( ) Homossexuais ( ) Bissexuais
- 1.22. Como é a sua vida social? ( ) Parada ( ) Pouca ( ) Agitada ( ) Intensa ( ) Tranquila
- 1.23. O seu círculo de convívio social é: ( ) Pequeno ( ) Médio ( ) Grande
- 1.24. Você já assumiu a sua orientação sexual para os seus pais? ( ) Sim ( ) Não . Qual idade? \_\_\_\_\_

- 1.25. Como foi a receptividade deles? ( ) Boa ( ) Muito boa ( ) Ruim ( ) Péssima  
( ) Ótima
- 1.26. Você já assumiu a sua orientação sexual para a sociedade? ( ) Sim ( ) Não ( )
- 1.27. Como é a sua relação familiar? ( ) Boa ( ) Ruim ( ) Ótima ( ) Péssima
- 1.28. Quanto a família é importante para você em uma escala de 0 à 10 \_\_\_\_\_
- 1.29. Você prefere uma vida: ( ) Conjugal ( ) Solteiro.
- 1.30. Você tem ou teria filhos (adoção)? ( ) sim ( ) Não ( ) Não pensei sobre o assunto
- 1.31. Normalmente qual a duração dos seus relacionamentos? ( ) Menos de 6 meses ( ) De 6 meses a 1 ano ( ) De 1 a 2 anos ( ) De 2 a 5 anos ( ) Mais de 5 anos
- 1.32. O que mais valoriza nos seus relacionamentos? ( ) Amor ( ) Sexo ( ) Fidelidade ( ) Idade do parceiro ( ) Dinheiro ( ) Amizade
- 1.33. Você denomina a pessoa que esta junto de: ( ) Namorado ( ) Amigo ( ) Companheiro  
( ) Marido
- 1.34 Sua família te apoia: ( ) Na maioria dos meus atos, ( ) Em poucos atos  
( ) Em todos os atos, ( ) Não me apoia.
- 1.35. Já sofreu algum tipo de preconceito pela sua orientação sexual? ( ) Sim ( ) Não
- 1.36. Você já fez boletim de ocorrência em virtude de agressão pela sua orientação sexual?  
( ) Sim ( ) Não
- 1.37. Você acredita ser necessário um atendimento especializado nas delegacias e órgãos públicos? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei
- 1.38. Você acredita que o gaúcho é preconceituoso quanto a homossexualidade?  
( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei
- 1.39. Meio de transporte que utiliza? ( ) Carro ( ) Ônibus ( ) A pé ( ) Carona  
( ) Trem ( ) Moto
- 1.40. Você acredita na necessidade de terem casa de repouso só para atender as pessoas de orientação sexual homossexual? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não pensei sobre o assunto

## 2. Questões Fisiológicas e de Saúde

- 2.1. Esteve afastado do trabalho nos últimos dois anos por motivo de doença?  
( ) Sim ( ) Não. Qual? \_\_\_\_\_
- 2.2. Você é uma pessoa que se preocupa com a aparência? ( ) Sim ( ) Não
- 2.3. Você vai a médicos? ( ) Sim ( ) Não
- 2.4. Frequência que vai ao médico? ( ) 6 em 6 meses ( ) 1 vez por ano  
( ) Quando tem alguma dor
- 2.5. Especialidade médica: \_\_\_\_\_
- 2.6. Toma algum tipo de medicação contínua? ( ) Sim ( ) Não
- 2.7. Você já fez alguma intervenção cirúrgica/estética?  
( ) Sim ( ) Não Qual? \_\_\_\_\_
- 2.8. Você pensa em fazer alguma intervenção cirúrgica / estética?  
( ) Sim ( ) Não Qual? \_\_\_\_\_
- 2.9. Faz algum esporte / academia? ( ) Sim ( ) Não Qual? \_\_\_\_\_
- 2.10. Você utiliza preservativo nas relações sexuais? ( ) sim ( ) Não

### 3. Questões Psicológicas e Culturais

- 3.1. Marque se você já apresentou os sinais seguintes e quantas vezes nos últimos tempos:
- irritabilidade excessiva;
  - vontade de sumir;
  - sensação de que não vai conseguir lidar com o que esta ocorrendo;
  - distúrbio do sono (dormir demais ou muito pouco);
  - fica tenso quando tem que esperar em uma fila;
  - fica impaciente com engarrafamento;
  - deixa os outros influenciarem a sua vida.
- 3.1.1. Você convive com idosos?  Sim  Não .
- 3.1.2. Você percebe que fica mais:  Vivendo o presente,  Recordando o passado,  
 Projetando o futuro.
- 3.1.3. Costuma pensar como será a sua vida daqui a:  5 anos  10 anos  20 anos  
 Não penso
- 3.5. Na aposentadoria?  Sim  Não
- 3.6. Você já pensou no seu processo de envelhecimento?  Sim  Não
- 3.7. Você já fez ou faz terapia?  Sim  Não
- 3.8. Se nunca fez, gostaria de fazer terapia?  Sim  Não  Talvez
- 3.9. Possui conhecimento quanto a Políticos que defendem a causa dos homossexuais?  
 Sim  Não
- 3.10. Você acompanha as discussões no congresso nacional sobre as políticas públicas voltadas aos interesses dos homossexuais?  Sim  Não
- 3.11. Você acredita que precisaria ter uma lei que abrangesse questões específicas da homossexualidade?  Sim  Não  Nunca pensei sobre o assunto
- 3.12. Você costuma ler livros?  Sim  Não  Quantos por ano? \_\_\_\_\_
- 3.13. Você frequenta cinema/ Teatro?  Sim  Não  Pouco  Muito

APÊNDICE C - Tabela de copilação

Nº	QUESTÕES	1 CX	2 CX	3 CX	4 CX	5 POA	6 POA
1.4	Idade	41	48	40	42	50	41
1.5	Escolaridade	1 grau	2 grau	3 grau	3 grau	2 grau	3 grau
1.6	Estado civil	solteiro	companheiro	solteiro	casado	solteiro	solteiro
1.7	Mora com:	companheiro	Companheiro e mãe	Pais e irmão	marido	sozinho	companheiro
1.8	Cor	branco	branco	branco	pardo	negro	Branco
1.9	Filhos	Sim, 1 masc.	não	não	não	não	não
1.10	Profissão	comerciante	comerciante	jornalista	cabeleireiro	apostado	Apostado
1.11	Plano de saúde	sim	sim	sim	não	sim	sim
1.12	Faixa salarial	De 4 a 10	De 4 a 10	De 2 a 4	De 4 a 10	De 10 a 20	De 4 a 10
1.13	Renda per capta	De 4 a 10	De 4 a 10	De 4 a 10	De 4 a 10	De 10 a 20	De 4 a 10
1.14	Viaja:	Estado e ext.	Estado e fora estado	Estado e fora estado	Fora estado	Estado e fora estado	Estado e fora estado
1.15	Viagens motivo	passoio	Passoio e profissional	passoio	Passoio profissional e família	passoio	Passoio
1.16	INSS	Não	não	Sim	sim	apostado	Apostado
1.17	Previdência privada	Não	não	sim	não	---	Seguro vida
1.18	Religião / filosofia	espírita	católico	espírita	católico	católico	Não

Nº	QUESTÕES	1 CX	2 CX	3 CX	4 CX	5 POA	6 POA
1.19	Inserido sociedade	sim	sim	sim	sim	sim	Sim
1.20	Amigos	hetero	hetero	hetero	hetero	hetero	Hetero
1.21	Frequenta lugares	hetero	hetero	hetero	homo	hetero	Hetero
1.22	Vida social	tranquila	tranquila	agitada	pouca	agitada	Agitada
1.23	Convívio social	pequeno	grande	pequeno	pequeno	grande	Grande
1.24	Orientação sexual para os pais	Sim 21 anos	Sim 25 anos	Sim 18 anos	Sim 22 anos	Sim 17 anos	Sim 18 anos
1.25	Receptividade dos pais	boa	ruim	boa	boa	boa	Muito boa
1.26	Orientação sexual sociedade	sim	sim	sim	sim	sim	sim
1.27	Relação familiar	ótima	boa	conturbada	boa	ótima	Ótima
1.28	Importância familiar	10	10	7	10	10	9
1.29	Vida que prefere	conjugal	conjugal	solteiro	conjugal	solteiro	Conjugal
1.30	Tem ou teria filhos	Sim, tem	não	teria	Não pensei	não	Não mas teria
1.31	Duração relacionamentos	+ 5 anos	+ 5 anos	- 6 meses	2 a 5 anos	- 6 meses	+5 anos
1.32	Valoriza nos relacionamentos	amizade	Amizade e cumplicidade	amizade	respeito	sexo	Amor, dinheiro e sexo
1.33	Como denomina a pessoa que está junto	companheiro	companheiro	amigo	marido	amigo	Namorado
1.34	A família te apoia:	todos atos	Majoria atos	Todos atos	Poucos atos	Todos atos	Todos atos

Nº	QUESTÕES	1 CX	2 CX	3 CX	4 CX	5 POA	6 POA
1.35	Preconceito pela orientação sexual	não	sim	não	Sim	sim	não
1.36	Já fez boletim de ocorrência	não	não	não	sim	não	não
1.37	Atendem especializ. delegacia	não sei	não	não	não	sim	não
1.38	Gaúcho é preconceituoso?	não sei	sim	não	sim	sim	não
1.39	Transporte utiliza	carro	Carro /bus	Carro, bus, carona, a pé	carro	carro	carro
1.40	Importância de casa repouso para homossexuais	sim	sim	sim	sim	sim	não
2.1	Afastamento trabalho por doença	não	não	não	não	sim, alergia	sim, espondilite anquilozante
2.2	Preocupação com a aparência	sim	sim	sim	sim	sim	sim
2.3	Vai a médico?	sim	sim	sim	sim	sim	Sim
2.4	Frequência dos médicos	Quando tem dor	Quando tem dor	1x ano	Quando tem dor	3x3 meses	3x3 meses
2.5	Especialidade médica	Clin. geral	Clin. geral	psiquiatra	Clin. geral	infecologista	Reumato e fisiatra
2.6	Toma medicação contínua?	não	não	sim	sim	sim	Sim
2.7	Já fez cirurgia/estética?	não	Sim, olhos	não	Sim, nariz, queixo, boca, cabelo, olhos	Sim, lipoaspiração	não
2.8	Pensa fazer cirurgia estética?	não	não	sim, nariz	---	sim, abdominoplastia	Não por medo



Nº	QUESTÕES	1 CX	2 CX	3 CX	4 CX	5 POA	6 POA
2.9	Faz esporte /academia?	não	Sim, academia	Sim, caminhada e natação	Sim, musculação	Sim, academia	Sim, academia
2.10	Usa preservativo?	não	não	sim	não	sim	não
3.2	Convive com idosos?	sim	sim	sim	sim	sim	Sim
3.3	Você vive mais:	presente	presente	presente	presente	presente	Presente
3.4	Pensa na vida daqui:	não penso	não penso	5a	não penso	não penso	não penso
3.5	Já pensou na aposentadoria?	não	Sim	sim	não	sim	sim
3.6	Já pensou processo envelhecimento?	sim	sim	sim	não	sim	sim
3.7	Faz ou fez terapia?	não	não	sim	não	sim	não
3.8	Se não faz terapia, faria?	sim	sim	---	talvez	---	sim
3.9	Conhece políticos que def. causas homossexuais?	não	sim	sim	sim	sim	Não
3.10	Acompanha discussões políticas publicas voltadas aos interesses sexuais?	não	sim	sim	Não	sim	não
3.11	Leis específicas questões dos homossexuais?	sim	não	sim	sim	sim	sim
3.12	Costuma ler livros?	sim 1	sim 2	sim 6	sim 2	não	sim 6
3.13	Frequenta cinema/teatro?	não	sim /pouco	sim/pouco	sim/pouco	sim/pouco	sim/muito

**ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética**

UNIVERSIDADE DE PASSO  
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**PROJETO DE PESQUISA**

**Título:** Autopercepção Homossexual e Envelhecimento Humano

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 06116112.1.0000.5342

**Pesquisador:** Lutiana Mott

**Instituição:** FUNDACAO UNIVERSIDADE DE PASSO  
FUNDO

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**Número do Parecer:** 85093

**Data da Relatoria:** 29/08/2012

**Apresentação do Projeto:**

Culturalmente, ainda olhamos para os homossexuais como um grupo de pessoas diferentes, por vezes deixando prevalecer o preconceito, embora percebe-se avanços nos últimos anos, o que denota maior aceitação sócio-cultural. Diante disso, propomos neste estudo pesquisar a autopercepção de homossexuais em relação ao envelhecimento humano, podendo assim constatar no que, e se, realmente possuem percepções diferentes entre si e o quanto essas pessoas se identificam com este processo natural da vida humana.

**Objetivo da Pesquisa:**

Gerar conhecimento em relação a autopercepção dos homossexuais do gênero masculino de 30 a 50 anos, vinculando-os ao processo de envelhecimento humano e buscando contribuir para um processo de qualidade de vida.

Objetivo Secundário: Compreender a inclusão social dos homossexuais no processo de envelhecimento humano e suas particularidades; Propiciar discussões sobre a união estável, tomando como horizonte o planejamento para um envelhecimento saudável; Contribuir no debate sobre políticas públicas vinculadas ao envelhecimento humano.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Acredita-se que a participação dos sujeitos não implicara risco algum para as suas vidas, sendo que a pesquisa tem todo um caráter sigiloso e as perguntas do questionário além de não serem ofensivas, são de livre aceitação do entrevistado em respondê-las ou se preferir não entrar no mérito da questão.

Benefícios:

Gerar questionamentos sobre um assunto ainda pouco estudado; Fazer com que tanto o assunto do envelhecimento humano quanto da homossexualidade sejam pauta de discussão em pequenos e grandes grupos; Fomentar a possibilidade da criação de políticas públicas específicas, de mecanismos de prevenção e técnicas terapêuticas voltadas para essa parcela da população, com direitos iguais e perspectivas que levem a um envelhecimento com qualidade de vida. Fazer com que o homossexual pense mais no processo de envelhecimento, possibilitando um planejamento para essa nova etapa de vida.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, de cunho qualitativa, fenomenológica, com 150 homossexuais do gênero masculino, frente ao envelhecimento humano, em forma de questionário. Os sujeitos da pesquisa são pessoas que fazem parte da Geração X, que é composta dos filhos dos Baby Boomers, geração nascida na Segunda Guerra Mundial. Os integrantes da Geração X têm sua data de nascimento localizada, aproximadamente, entre os anos 1960 e 1980.

**Endereço:** BR 285- Km 171 Campus I - Centro Administrativo

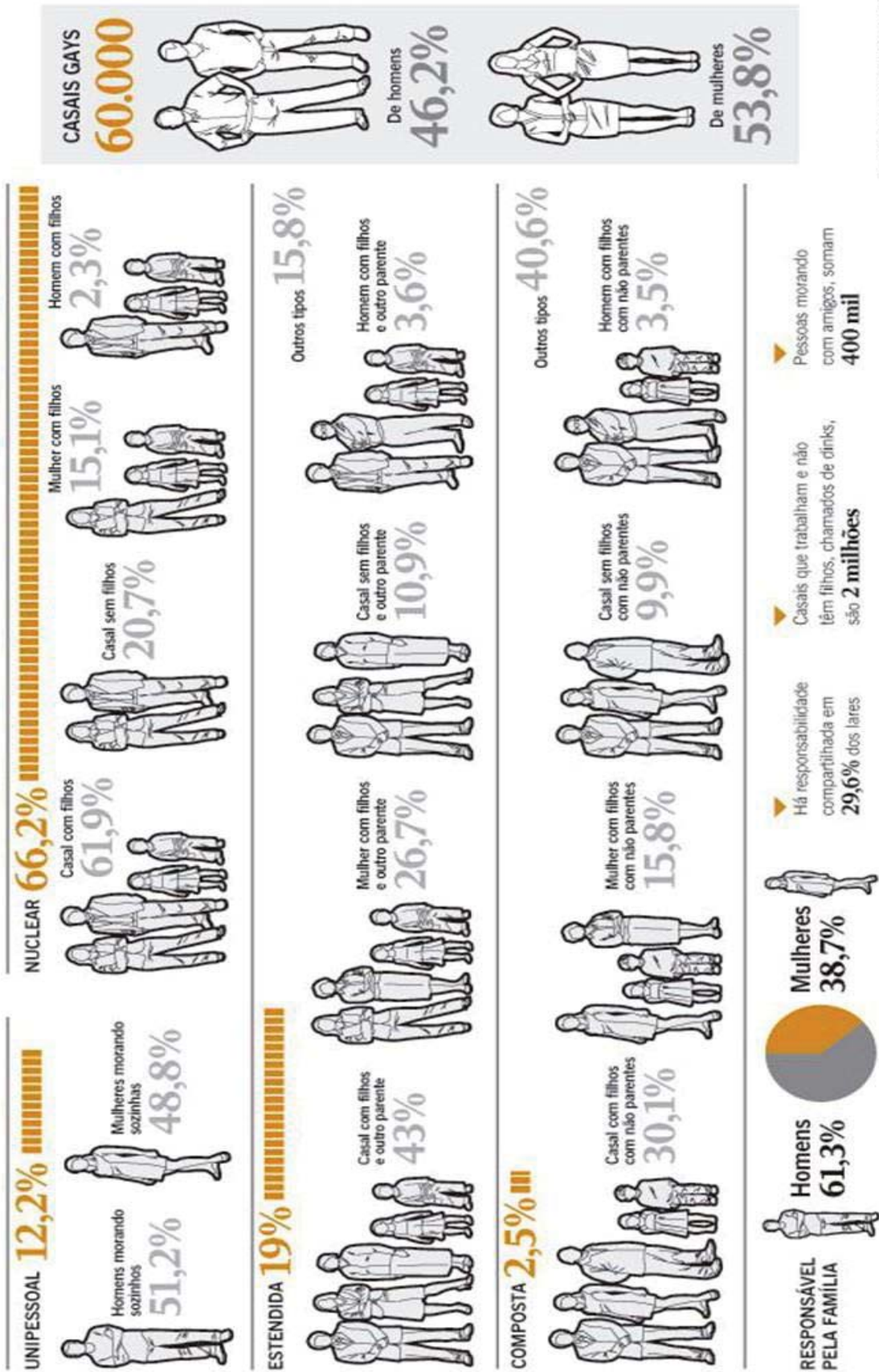
**Bairro:** Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.010-970

**UF:** RS **Município:** PASSO FUNDO

**Telefone:** (543)316-8370 **Fax:** (543)316-8283 **E-mail:** cep@upf.br

ANEXO B - Novas formações familiares Brasileiras

SÃO CERCA DE **57 milhões** DE LARES BRASILEIROS



Fonte: Censo Demográfico 2010/IBGE

Fonte: O GLOBO (2012).



### ANEXO C - Famílias estampadas



Fonte: JOB (2013).

